



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE CERRO LARGO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS  
PÚBLICAS – MESTRADO**

**DEISE ANELISE FROELICH**

**ACESSO À INFORMAÇÃO POR AGRICULTORES ASSISTIDOS PELA EMATER/RS-  
ASCAR E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÕES**

**CERRO LARGO**

**2019**

**DEISE ANELISE FROELICH**

**ACESSO À INFORMAÇÃO POR AGRICULTORES ASSISTIDOS PELA  
EMATER/RS-ASCAR E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÕES**

Dissertação de Mestrado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientador: Professor Doutor Lívio Osvaldo Arenhart

**CERRO LARGO (RS)**

**2019**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Anelise, Froelich, Deise

Acesso à informação por agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar e sua influência na tomada de decisões / Froelich, Deise Anelise. -- 2019.

117 f.

Orientador: Lívio Osvaldo Arenhart.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas-PPGDPP, Cerro Largo, RS, 2019.

1. Comunicação. 2. Extensão Rural. 3.

Desenvolvimento. 4. Agricultura. I. Arenhart, Lívio Osvaldo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**DEISE ANELISE FROELICH**

**ACESSO À INFORMAÇÃO POR AGRICULTORES ASSISTIDOS PELA EMATER/RS-  
ASCAR E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas.

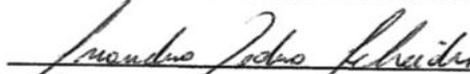
Orientador: Professor Doutor Lívio Osvaldo Arenhart

Esta dissertação foi defendida e aprovada pela banca em 14/02/2019

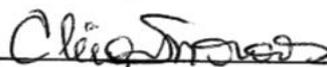
BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Lívio Osvaldo Arenhart – UFFS



Professor Doutor Evandro Pedro Schneider – UFFS



Professora Doutora Cleia dos Santos Moraes - Setrem

Dedicatória:

Aos extensionistas da  
Emater/RS-Ascar e aos  
agricultores familiares do  
Noroeste gaúcho;

Àqueles que lutaram por  
uma universidade pública  
que oportunizasse cursos de

graduação e pós-graduação  
com vistas a contribuir com a  
construção do conhecimento  
e com a história da região  
das Missões;

À minha família.

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é algo que se constrói a partir de experiências no coletivo. É resultado de cumplicidade, reciprocidade, doação de um pelo outro, por isso, da importância de valorizá-la e externalizá-la.

Meus agradecimentos sinceros, em primeiro lugar, se voltam a minha família. Aos meus pais e meu irmão que construíram comigo os primeiros anos de minha vida, vivendo ao meu lado uma história de resiliência, superações. Se eu pudesse voltar e falar com a menina que fui aos 10 anos, diria para valorizar ainda mais a fé em Deus (a quem também sou grata) e a esperança compartilhadas pelos meus pais, apesar de todo o contexto de dificuldades. Isso ainda faria muita diferença na história a ser construída. O marco de transformação começou com o ingresso na graduação em Jornalismo, conquista alcançada através do Programa Universidade para Todos (ProUni) e seguiria com as oportunidades da especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação aplicadas à Educação (UFSM) e da licenciatura por meio do Programa Especial de Formação Pedagógica para Docentes (PARFOR/UERGS). Nesta trajetória muitos professores deixaram suas sementes, desde o Ensino Fundamental até a Pós-Graduação, aos quais serei eternamente grata por fazer parte da construção de minha identidade e de meu conhecimento e, sobretudo, pelo estímulo à busca constante do aprendizado e do “reconhecer” de que sempre há o que ser qualificado e descoberto, levando-nos ao movimento.

Essa bagagem foi importante para que me sentisse preparada a encarar o desafio do Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), sendo meu reconhecimento também àqueles que acreditaram na importância de uma universidade pública nesta região. Especialmente em relação ao momento do ingresso, fica o reconhecimento e profunda gratidão à minha filha Amanda, com apenas um mês e 15 dias de vida, quando se iniciaram as aulas do Programa. Em seus primeiros dois anos de vida teve que já compartilhar a atenção com livros e compreender momentos de ausência. Nestes momentos contou-se com o apoio fundamental de pessoas especiais, meu esposo e pai da Amanda, Djonatan, assim como seus avós, Lúcia, Roseli, Wilson e Valdir, que além de me estimular, estiveram com ela quando necessário.

Minha gratidão e respeito também aos extensionistas da Emater/RS-Ascar e aos agricultores familiares que contribuíram com esta pesquisa, com seu conhecimento, seu tempo, suas histórias. A vocês, dedico estes resultados e espero que se revertam em informações que possam contribuir com seu trabalho e suas vidas.

Como não poderia ser diferente, permanece a gratidão a todo corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, que deixou suas sementes de conhecimento e sabedoria, de modo especial, ao professor orientador Lívio Osvaldo Arenhart, e aos componentes da banca examinadora da defesa da dissertação, pela disponibilidade, confiança e atenção dispensados.

Aos colegas que acompanharam esta trajetória, de modo especial àqueles que compartilharam caronas e conhecimentos – Caroline, Flávia, Natália, Núvea, Mauro, Simone - aos amigos que vibraram e a todos aqueles que apoiaram mais este desafio minha profunda gratidão. Desejo que as sementes de generosidade se revertam em uma vida repleta de sabedoria e conquistas.

## RESUMO

O tema central da pesquisa desenvolvida, por meio do Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas, leva em conta os meios de comunicação mais acessados por agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS e sua influência nas decisões de agricultores familiares nas propriedades, especialmente, em relação ao acesso a políticas públicas. Embora os meios de comunicação façam parte do cotidiano da comunidade regional, são poucas as iniciativas de estudo, reflexão e intervenção em relação à forma como os moradores do meio rural acessam a informação, sobretudo, no que diz respeito à influência das informações transmitidas pelos veículos locais nas decisões individuais e coletivas. Diante disso, o objetivo central da pesquisa, cujos resultados são apresentados nesta dissertação, foi de compreender através de quais meios os agricultores familiares, assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS, acessam informações que influenciam em suas decisões nas propriedades rurais. Também foram analisados quais os meios de comunicação de maior audiência entre o público assistido pela Emater/RS-Ascar; a interferência dos marcadores sociais “gênero”, “faixa etária”, “grau de escolaridade” e “renda familiar” na escolha pelos meios de comunicação mais acessados; e foram realizadas inferências sobre a relação entre o acesso à informação e o acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar e executadas pela Emater/RS-Ascar. Para tanto, utilizaram-se métodos quantitativos, através do uso de questionários fechados aplicados junto a agricultores familiares, e qualitativos, com a realização de entrevistas semiestruturadas com o público-alvo desta pesquisa. Os resultados reafirmam a tradição e a popularidade de determinados meios de comunicação, com o destaque para o rádio, e a ascensão de outros, como a internet. A discussão da influência destes ocorre de forma transversal aos conceitos-chave comunicação, extensão rural e desenvolvimento. Com o estudo, ficou evidente ainda, a importância das relações interpessoais, especialmente com técnicos, para o acesso à informação técnica e para a tomada de decisões.

Palavras-chave: Comunicação. Extensão Rural. Informação. Desenvolvimento.

## ABSTRACT

The central theme of the research, through the Master's Program in Development and Public Policies, developed takes into account the most popular media accessed by family farmers assisted by Emater/RS-Ascar in the northwest frontier of RS and its influence on the decisions of family farmers on properties, especially, about the access to public policies. Although the media are part of the regional community daily life, there are few initiatives for study, reflection, and intervention in relation to how rural residents access information, mainly, concerning the influence of transmitted information by local media on individual and collective decisions. Thus, the central objective of the research, whose results are presented in this thesis, was to understand through which means the family farmers, assisted by Emater/RS-Ascar in the northwest of RS, access information that influences their decisions in rural properties. Also analyzed were the media with the highest audience among the public assisted by Emater/RS-Ascar; the interference of social markers, such as “gender”, “age group”, “schooling level”, and “family income” when choosing the most popular media; and inferences were made on the relationship between access to information and access to public policies focused on family farming and carried out by Emater/RS-Ascar. Therefore, quantitative methods were used, using closed questionnaires applied to family farmers, and qualitative questionnaires, with semi-structured interviews with the target audience of this research. The results reaffirm the tradition and the popularity of certain media, with an emphasis on the radio, and the rise of others, such as the Internet. The discussion of their influence occurs transversely to the key concepts of communication, rural extension, and development. The study also revealed the importance of interpersonal relationships, especially with technicians, for access to technical information and for decision-making.

Keywords: Communication. Rural Extension. Information. Development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 – Diferenciações entre as Tendências Pedagógicas Liberal e Progressista de acordo com Potter dos Santos e Gonzales Vela ..... | 43 |
| Figura 1 – Comunicação segundo modelo de Shanon e Weaver .....   | 47 |
| Gráfico 1 – Meios de Comunicação mais acessados por agricultores familiares da Fronteira Noroeste do RS para obter informações .....   | 70 |
| Gráfico 2 – Forma como os agricultores souberam de políticas públicas adotadas nas propriedades.....                                   | 88 |
| Gráfico 3 – Acesso à informação sobre políticas públicas em eventos .....  | 89 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Perfil dos Agricultores Familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar que participaram da etapa qualitativa da pesquisa..... | 70 |
| Tabela 2 – Acesso à Informação pelo Público Masculino e Feminino .....   | 72 |
| Tabela 3 – Acesso à Informação por Grau de Escolaridade.....   | 75 |
| Tabela 4 – Acesso à Informação por Grau de Escolaridade e Gênero .....   | 75 |
| Tabela 5 – Acesso à Informação por Faixa Etária.....   | 80 |
| Tabela 6 – Acesso à informação de acordo com gênero e faixa etária.....  | 80 |
| Tabela 7 – Acesso à Informação de Acordo com Faixa Etária e Grau de Escolaridade.....  | 83 |
| Tabela 8 – Acesso à Informação de Acordo com o Nível de Renda dos Agricultores Familiares.....                                       | 84 |

## LISTA DE SIGLAS

|                     |  |
|---------------------|--|
| ASCAR               | Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural   |
| ATER                | Assistência Técnica e Extensão Rural   |
| EMATER/RS           | Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul   |
| EMATER/RS-<br>ASCAR | Junção das siglas Emater/RS e Ascar, que formam o nome da empresa de assistência técnica e extensão rural atuante no Rio Grande do Sul |
| MAPA                | Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  |
| PNATER              | Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural  |
| PRONAF              | Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar  |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>2 COMUNICAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E AFINIDADES .....</b>   | <b>20</b>  |
| <b>3 EXTENSÃO RURAL: HISTÓRIA, MÉTODOS E FINALIDADES .....</b>   | <b>28</b>  |
| 3.1 EXTENSÃO RURAL E A TRANSVERSALIDADE COM A COMUNICAÇÃO E<br>A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO FREIRIANA.....                    | 38         |
| <b>3.1.1 Tendências pedagógicas da Extensão Rural e seu modo de comunicar .....</b>                                      | <b>42</b>  |
| <b>4 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA EXTENSÃO RURAL OFICIAL DO RS .....</b>   | <b>46</b>  |
| 4.1 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL PELAS ONDAS DO<br>RÁDIO.....  | 54         |
| <b>5 ACESSO À INFORMAÇÃO NAS PROPRIEDADES RURAIS POR<br/>AGRICULTORES DA FRONTEIRA NOROESTE .....</b>                    | <b>62</b>  |
| 5.1 METODOLOGIA ADOTADA NO ESTUDO COM AGRICULTORES<br>FAMILIARES ASSISTIDOS PELA EMATER/RS-ASCAR.....                    | 62         |
| 5.2 ABRANGÊNCIA DOS MEIOS MAIS ACESSADOS PELOS AGRICULTORES<br>FAMILIARES DA FRONTEIRA NOROESTE.....                     | 68         |
| <b>5.2.1 Gênero e Informação.....</b>  | <b>71</b>  |
| <b>5.2.2 Grau de Escolaridade.....</b>   | <b>74</b>  |
| <b>5.2.3 Faixa Etária.....</b>   | <b>79</b>  |
| <b>5.2.4 Renda .....</b>   | <b>84</b>  |
| <b>6 ACESSO À INFORMAÇÃO X ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS.....</b>  | <b>87</b>  |
| <b>7 CONSIDERAÇÃO FINAIS.....</b>  | <b>96</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>101</b> |
| <b>APÊNDICE A – Modelo de questionário da etapa quantitativa da pesquisa.....</b>  | <b>105</b> |
| <b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada da etapa qualitativa da<br/>pesquisa .....</b>                     | <b>108</b> |
| <b>APÊNDICE C – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>   | <b>110</b> |
| <b>APÊNDICE D - Programas produzidos pelos Escritórios Municipais da Emater/RS-<br/>Ascar – Regional Santa Rosa.....</b> | <b>113</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Presente em 494 dos 497 municípios gaúchos, entre eles, os 20 municípios que compõem a Fronteira Noroeste<sup>1</sup>, a Emater/RS-Ascar<sup>2</sup> é a principal representante do serviço de assistência técnica e extensão rural (ATER) oferecido às famílias rurais gaúchas. São diversas as metodologias de desenvolver ATER junto ao público assistido, a exemplo de visitas, dias de campo, oficinas, reuniões, demonstrações de método, capacitações e divulgação de informações em meios de comunicação.

Para aprimorar o modo de promover o acesso à informação das famílias assistidas, a instituição mantém uma Gerência de Comunicação situada no escritório central, em Porto Alegre, dividida em núcleos: Assessoria de Imprensa, Rádio e TV e Criação e Produção Gráfica. Os materiais produzidos nesta estrutura chegam aos 494 municípios em que a Emater/RS-Ascar atua, por meio dos escritórios municipais e regionais, como forma de subsidiar os extensionistas com materiais técnicos e de divulgação que possam aproximá-los do público assistido.

Para aproximar também a imprensa - e conseqüentemente a comunidade - do trabalho de ATER desenvolvido, existem assessores de comunicação, graduados em Jornalismo, em 11 das 12 regiões administrativas da instituição, que apoiam o trabalho de divulgação dos escritórios municipais através dos diferentes meios de comunicação existentes nos municípios, de modo especial, as emissoras de rádio, os jornais, a internet e a televisão. Além disso, todos os integrantes de escritórios municipais possuem autonomia e são incentivados a utilizar os meios disponibilizados pela imprensa local para levar informação ao público assistido.

Através destes, a instituição, que assiste anualmente aproximadamente 10 mil famílias rurais na região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, segundo dados do Sistema de Planejamento (Sisplan) da Emater/RS-Ascar, considera a comunicação, em suas diferentes formas desde a pessoal até a massiva através de meios midiáticos, como meio fundamental de aproximar-se do público assistido e apresentar informações que possam levar a decisões diferenciadas, como por exemplo, o acesso a políticas públicas.

A necessidade de promover o acesso à informação, seja através de metodologias como visitas ou por intermédio da imprensa, remete a uma das principais demandas de ATER atualmente:

---

<sup>1</sup> A região Fronteira Noroeste localiza-se na faixa de fronteira da Subregião XVI do Rio Grande do Sul, pertencente ao Arco Sul, área fronteira com a Argentina.

<sup>2</sup> A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e a Associação Sulina de Crédito (Ascar), fundada em 2 de junho de 1955 é responsável pela prestação de serviços de orientação técnica até a execução de políticas públicas voltadas ao meio rural, de modo especial, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

a execução de políticas públicas. Para que o agricultor familiar assistido possa acessá-las, é preciso que as conheça e compreenda a importância destas em sua realidade.

Além disso, a própria ATER pública é prevista na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater<sup>3</sup>), constituída em 2003, por organizações governamentais e não governamentais de ATER e pela sociedade civil. A assistência técnica e extensão rural gratuita formam, portanto, uma política.

No Rio Grande do Sul, a Emater/RS-Ascar presta assistência técnica e social com vistas a atender suas diretrizes estratégicas de defesa e garantia de direitos, inclusão social e produtiva, ações socioambientais e melhorias nas condições de trabalho. Levando em conta essa dimensão do trabalho desenvolvido pela instituição, fica mais clara ainda a necessidade de comunicar com eficiência as informações para levar ao conhecimento do público assistido as diferentes políticas públicas que podem ser acessadas, além de informações de assistência técnica, com caráter formador, que são disseminadas.

Os meios de comunicação de massa podem ser importantes aliados em relação à mobilização, formação e promoção de acesso a informações que possam fazer diferença na vida das famílias assistidas, situação que é discutida no presente estudo com o aporte teórico de autores como Bordenave (1986), Bachelard (1985) e Castells (2001). Seja para divulgar os eventos de formação ou para veicular informações sobre políticas públicas e recomendações técnicas, as ondas do rádio, as páginas do jornal, a tela da TV, o acesso à internet pelo computador ou pelo celular permitem que a ATER chegue a diferentes pontos do meio rural, muitas vezes de forma instantânea e simultânea.

As mensagens que chegam ao público através destes meios de comunicação, em uma perspectiva de Bordenave (1986), permitem a construção de novas significações e concepções que desencadeiam um discurso, seja de aceitação ou de contestação, que podem provocar mudanças subjetivas e objetivas, dependendo de como o conteúdo é incorporado.

Pelas suas características plurais, de fácil acesso e de baixo custo, supõe-se que a radiodifusão se mantém como um dos principais meios de acesso à informação no meio rural. Diante disso, entidades de assistência técnica e executoras de políticas públicas voltadas ao rural buscam proximidade com seu público por meio deste canal de comunicação.

Neste contexto, interessou saber, através da pesquisa cujos resultados são apresentados nesta dissertação do Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade

---

<sup>3</sup> A descrição da Pnater está disponível em [http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_arquivos\\_64/Pnater.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Pnater.pdf).

Federal da Fronteira Sul, em que medida o rádio é uma das principais formas de acesso à informação ou tende a ser substituída por outros meios por determinados segmentos do público assistido pela Emater/RS-Ascar. Nos últimos anos, há um crescente envolvimento por formas mais autônomas e interativas de comunicar-se como por meio de redes sociais ou através de aplicativos de telefone, em que as informações não são apenas recebidas, mas também podem ser produzidas e disseminadas pelo grande público.

O jornal vem sendo um meio de comunicação de massa que reforça a identidade das comunidades e é reconhecido pelo seu valor documental, uma vez que as informações podem ser acessadas e arquivadas para serem manuseadas na posteridade. Entretanto, pela questão de logística, ele está presente em apenas uma pequena parte das residências do meio rural.

Já a televisão também, ao longo de muitas décadas, foi uma importante fonte de informação, aliando o áudio e a imagem, e com o poder de encantamento com sua programação diversificada. No entanto, o rural ainda recebe pouco espaço para divulgação de assuntos de seu interesse e a possibilidade de *feedback* ao emissor da mensagem é mais restrita do que no caso da internet, por exemplo.

É crescente também o acesso à informação pela internet, situação que tem feito muitas empresas e entidades se adequarem e buscar conhecer e aproveitar melhor as tecnologias de informação e de comunicação emergentes.

Esta pesquisa teve, neste contexto, como tema central os “Meios de acesso à informação de agricultores familiares<sup>4</sup> da Fronteira Noroeste do RS e a influência da comunicação midiática nas decisões, de modo especial, em relação ao acesso a políticas públicas”.

Embora os meios de comunicação façam parte do cotidiano das comunidades na Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, são poucas iniciativas de estudo, reflexão e intervenção em relação à forma como os moradores do meio rural acessam a informação e sobre a influência destas informações transmitidas pelos veículos locais nas decisões individuais e coletivas.

Contudo, historicamente o rural é negligenciado enquanto pauta pelo jornalismo dos

---

<sup>4</sup> Cabe salientar que quando se menciona, neste projeto, a agricultura familiar, segue-se o conceito estabelecido na Lei 11.326, de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Os requisitos para ser considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural, de acordo com o Artigo 3º da referida Lei, são não deter, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilizar predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; ter percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; dirigir seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

principais meios de comunicação de massa no país. Na região de abrangência deste estudo, a divulgação de assuntos de interesse do meio rural é muitas vezes restrita a espaços veiculados por entidades representativas de classe, a exemplo dos Sindicatos Rurais e dos Trabalhadores Rurais, ou órgãos públicos como Administrações Municipais e a Emater/RS-Ascar. Mesmo assim, ao adentrar nas propriedades rurais, encontram-se famílias com a televisão e o rádio presentes em suas residências e nos locais de trabalho, assim como o acesso à internet, aonde ela chega, enquanto importantes fontes de informação. Entretanto ainda pouco se conhece sobre o grau de influência e quais são de fato as principais fontes de informação de agricultores nesta região. Apenas existe uma conjectura pouco clara sobre em que medida cada veículo de comunicação está presente no cotidiano dos agricultores familiares do Noroeste gaúcho e de que modo estes influenciam nas decisões dos receptores da informação, justificando este estudo.

Buscou-se responder com esta pesquisa, portanto, “Através de quais meios de comunicação os agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS acessam a informação?”. Com isso, busca-se inferir a partir das informações coletadas, “o efeito do acesso à comunicação midiática nas decisões dos agricultores em relação a suas ações nas propriedades rurais”.

Ao atender a esse questionamento, a intenção foi de responder a outros desdobramentos como: qual a relação entre o acesso à informação e o acesso a políticas públicas no meio rural do Noroeste gaúcho?; a Emater/RS-Ascar, enquanto uma das principais entidades executoras de políticas públicas voltadas ao meio rural, tem aproveitado o potencial dos veículos locais, de modo especial o rádio, para promover o acesso à informação?; se levados em conta os meios de comunicação indicados como de maior audiência entre os agricultores, a ATER está sendo eficiente na escolha dos meios que utiliza para promover o acesso à informação?

Também se teve como objetivos específicos entender, por intermédio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, em que medida a divulgação em meios midiáticos de informações voltadas ao meio rural, influencia sobre as decisões dos agricultores familiares; avaliar se existe diferença na escolha dos agricultores em relação ao meio de comunicação para o acesso à informação se levados em conta os marcadores sociais gênero, faixa etária, grau de escolaridade e renda familiar; e realizar inferência sobre a relação entre o acesso à informação e o acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar e executadas pela Emater/RS-Ascar.

Em um primeiro momento, partiu-se da hipótese de que a assistência técnica e a extensão rural têm aproveitado, entre os meios de comunicação de massa existentes, o rádio como um dos

principais instrumentos para disseminar informação junto ao público assistido. Os escritórios municipais da Emater/RS-Ascar possuem programas de rádio na maioria dos municípios onde existem emissoras. Todo este engajamento para a divulgação pelo rádio acontece à medida que se acredita que este é o meio de comunicação mais popular entre os agricultores familiares do Noroeste gaúcho.

Ainda neste contexto, partiu-se do pressuposto de que grande parte dos agricultores que buscam mais dados e, posterior acesso a políticas públicas, tiveram acesso à informação sobre a existência das mesmas por meio do rádio, além de assimilarem recomendações técnicas difundidas pela ATER, através deste meio de comunicação, no cotidiano das propriedades rurais. Sendo assim, a hipótese central desta pesquisa era de que as mensagens transmitidas pelo rádio formam um importante elo entre assistência técnica e agricultores, desencadeando outros resultados, inclusive, nas propriedades rurais.

Entretanto, entre o público considerado jovem, dos 15 aos 29 anos, tão importante pelo seu caráter sucessório e seu perfil mais flexível e inovador, supunha-se que este não seria mais o principal canal de acesso à informação. Com a difusão da internet e a sua portabilidade através de aparelhos celulares, esta tem sido aliada de agricultores familiares na busca por mais informação que possa auxiliar em suas atividades e suas decisões, inclusive em relação ao acesso a políticas públicas.

Desta forma, partiu-se da suposição de que os meios de comunicação de massa são os principais meios de acesso à informação dos agricultores familiares do Noroeste gaúcho e influenciam diretamente nas decisões sobre o acesso às políticas públicas, o que transforma diretamente a vida de famílias rurais da Fronteira Noroeste. Todas estas hipóteses foram levadas em conta durante a pesquisa, sendo algumas confirmadas e outras reavaliadas. Os resultados abriram espaço para a discussão de outras formas de comunicação, validando formas mais simples e tradicionais de comunicação como o diálogo, de um lado, e apontando, de outro, a importância de novas tecnologias em ascensão.

A análise dos resultados do presente estudo pode contribuir para a construção de estratégias futuras que possam aproveitar as potencialidades da comunicação em favor do desenvolvimento regional, com olhar voltado também à aproximação da missão da Emater/RS-Ascar, que é de “promover o desenvolvimento rural sustentável no Estado do Rio Grande do Sul”.

A partir deste estudo, buscou-se uma análise que instrumentalize também outros órgãos públicos e entidades em relação à abrangência das informações divulgadas por meio dos veículos

locais, em especial, o acesso a informações que qualificam a vida no meio rural, como métodos, tecnologias e políticas públicas que são posteriormente acessadas. Assim, se terá um importante instrumento sobre os veículos de comunicação mais abrangentes e que podem ser aproveitados para transmitir informações que contribuam para a promoção do acesso à informação no meio rural e com o desenvolvimento local.

Neste sentido, o resultado do estudo específico sobre como os agricultores familiares acessam a informação é um relevante subsídio para a Emater/RS-Ascar - previamente consultada sobre a importância deste estudo - que é principal executora de políticas públicas no meio rural da região. A instituição que atua na região há mais de 60 anos, ainda não possui um estudo formal sobre as formas e em que medida seu público acessa a informação por meio dos veículos de comunicação locais e o respectivo grau de influência em suas decisões, embora utilize instrumentos como programas de rádio próprios, inserções em jornais, programa de televisão, site e redes sociais institucionais. Com isso, diante de sua estrutura de comunicação, será possível rediscutir suas ações e se aproximar com o público assistido para levar informações que contribuam para a geração de renda e a qualidade de vida das famílias do meio rural, inclusive as que vivem nas comunidades mais isoladas.

Interessa um agricultor bem informado para que este possa tomar decisões mais qualificadas em relação à sua vida, de sua família e de sua comunidade e, ao mesmo tempo, aos demais interessa que ele esteja bem informado, uma vez que se quer qualidade dos alimentos consumidos e a garantia de nossa saúde e qualidade de vida, com o cuidado com substratos da vida como o solo, a água e o ar.

No primeiro capítulo desta dissertação é realizada uma discussão sobre a importância, os efeitos da comunicação e sua relação com o conceito de desenvolvimento. No capítulo seguinte a história, os métodos e as finalidades da extensão rural passam a receber ênfase, trazendo-se também subcapítulos sobre a extensão rural e sua transversalidade com a comunicação e a educação na concepção freiriana, assim como a apresentação de tendências pedagógicas da Extensão Rural e seu modo de comunicar. Neste momento busca-se articular à abordagem compreensivista, seguida até este ponto do texto, a abordagem crítico-dialética, segundo a qual se sabe o que se deseja a partir do que se teme, se sabe o positivo a partir do negativo, se constrói, por exemplo, modelos agroecológicos a partir do conhecimento das problemáticas intrínsecas à “Revolução Verde”.

Diante do propósito central desta pesquisa, os meios de comunicação na extensão rural do RS recebem um capítulo próprio, seguido de um destaque sobre a aproximação da assistência

técnica e extensão rural do rádio e suas respectivas características.

No capítulo posterior, avança-se na discussão sobre o acesso à informação nas propriedades rurais por agricultores familiares da Fronteira Noroeste, com a apresentação dos principais resultados da pesquisa sobre a abrangência dos meios de comunicação mais acessados pelo público assistido pela Emater/RS-Ascar, apresentando elementos dos questionários aplicados em escritórios municipais da Instituição e entrevistas realizadas em profundidade com agricultores de diferentes perfis. Destaca-se a correlação entre gênero, grau de escolaridade, faixa etária e renda como variáveis que podem interferir na escolha do meio de acesso à informação. A relação entre o acesso à informação e o acesso a políticas públicas também é discutido em um subcapítulo.

Por fim é realizado um apanhado geral correlacionando os resultados alcançados nas diferentes etapas do presente estudo, desde a pesquisa bibliográfica e documental até as entrevistas realizadas com agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS.

## 2 COMUNICAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E AFINIDADES

A comunicação, desde os primórdios, tem sido o motor de propulsão e o elo desde as ações essenciais do cotidiano até o desenvolvimento de toda a história da humanidade. Não fosse por ela, o ser humano perderia seu grande diferencial, de ser essencialmente social, e as comunidades sequer existiriam. Sem comunicação não é possível estabelecer relações e sem estas não se pode cogitar a existência de uma sociedade. As tecnologias que disseminam comunicação por todos os cantos reforçam seu poder de influenciar decisões e rumos. Freire (1983) aponta que não há pensamento isolado, na medida em que não há ser humano isolado. E para não cair nesse isolamento, ele interage através da comunicação.

Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação. Corpo consciente (consciência intencionada ao mundo, à realidade), o homem atua, pensa e fala sobre esta realidade, que é a mediação entre ele e outros homens, que também atuam, pensam e falam (FREIRE, 1983, p. 44).

Apesar de sua importância para a trajetória da humanidade, a comunicação passou a ser teorizada recentemente, sendo que os principais estudos remontam às primeiras décadas do século XX. Um dos pontos iniciais destes estudos se deu com as investigações norte-americanas, *communication research*, na década de 30, representada por teóricos como Laswell, Lewin, Hovland e Lazarsfeld.

Entre as principais teorias está a funcionalista, que tem como um de seus representantes Laswell e se preocupa com as funções exercidas pelos meios de comunicação na sociedade. Barbosa Filho (2009) retoma as principais funções exercidas pelos meios de comunicação, apresentadas por Laswell, sendo elas, a de vigilância, de integração da sociedade com correlação das partes e educativa mediante transmissão da herança cultural. O autor também destaca as funções apresentadas por Lazarsfeld e Merton como a atribuição de status estabilizando e dando coesão à sociedade hierarquizada, de normatização social e de disfunção narcotizante.

Com o tempo, a comunicação tomou novos desencadeamentos, a partir da evolução dos meios, da profissionalização do seu uso e de proporções cada vez maiores em sua abrangência. Consolidaram-se os meios de comunicação de massa, que possuem um papel preponderante na promoção do acesso à informação e na tomada de decisões de indivíduos e da sociedade.

Com os meios de comunicação de massa, deu-se início a uma nova realidade mundial, gerando uma era de entrosamento social, revolucionária, que gerou efeitos profundos na constituição e nos rumos da sociedade, bem como aponta Baccega (2011). Por outro lado, diante da necessidade de organizar-se em grupos e de acessar informações que reflitam sua identidade e representem seus interesses e anseios, muitas comunidades criaram meios próprios de comunicação, alicerçados na democratização da produção e acesso a conteúdos voltados ao local. Também se firmaram representantes da imprensa tradicional que se volta a conteúdos de interesse local, a fim de atender às exigências e necessidades do seu público-alvo, embora muitas vezes existam interesses de lucro e de poder como pano de fundo.

Para além da tecnicidade dos aparelhos, que contribui para a difusão das informações, um processo de comunicação passa a influenciar novos modos de percepção e de construção de significados, podendo afetar os rumos da história. Para Moscovici (2003), as questões sociais relacionam-se diretamente com a difusão das mensagens pelos veículos de comunicação, ligadas a um contingente de elementos que se processam no cotidiano por meio de teorias, ideologias, experiências e vivências.

Bordenave (1986, p.26) apresenta algumas reflexões sobre as funções da comunicação. Afinal, para que serve a comunicação na sociedade? Bem, o autor destaca que “talvez a função mais básica da comunicação seja a menos frequentemente mencionada: a de ser o elemento formador da personalidade. Sem a comunicação, de fato, o homem não pode existir como pessoa humana”. Assim, é através da comunicação que o ser humano assume o patamar de ser social e sua personalidade é resultado da interação com as pessoas, fazendo com que a comunicação tenha uma função de formação de identidade, individual e coletiva.

Outras funções importantes da comunicação, apresentadas por Bordenave (1986), são a expressiva (expressar sentimentos, ideias, etc), de relacionamento (vínculo com os demais) e informativa (conhecimento do mundo objetivo). Também são apresentadas funções menos básicas, mas também consideradas importantes pelo autor: vigilância e educação; articulação política de interesses e tomada de decisões; atribuição ou legitimação de status; imposição e manutenção de normas sociais; facilitação da troca de bens e serviços na atividade econômica; divertimento ou função lúdica; participação ou acesso ao diálogo e cooperação.

Desta forma, o veículo responsável por levar a informação a um número muitas vezes imensurável de pessoas, de vidas, acaba surtindo efeitos profundos como da formação de personalidade, de elo de relacionamentos e dependendo da mensagem transmitida de

autoconscientização comunitária, servindo como um espelho comunitário.

(...) quando uma comunidade tem problemas crônicos tende a pensar que são parte inexorável da própria vida. Porém, se os problemas são apresentados através de um meio de comunicação – fotografias, dramatização de teatro popular, séries de slides, filmes, gravação em fita, etc – à comunidade reunida para sua discussão, os meios agem como se fossem um espelho onde a comunidade se enxerga sob uma nova luz. Têm sido obtidos resultados extraordinários de autoconscientização graças ao uso de meios de comunicação como espelho comunitário (BORDENAVE, 1983, p. 89).

Tal autoconscientização desfaz questões estáticas, leva à ação, a transformações sociais, elementos importantes para o desenvolvimento de uma sociedade.

A importância do acesso à informação, que ocorre através de atos comunicativos, é reconhecida até mesmo na Constituição Federal Brasileira. O artigo 5º, inciso XXXIII, dispõe sobre o acesso à informação como direito fundamental, enfatizando que todo o cidadão tem direito de informar, informar-se e ser informado, inclusive em relação ao recebimento de informações de órgãos públicos, sendo de interesse particular ou coletivo, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

A comunicação também tem profunda relação com a construção da sociedade e da identidade territorial ou nacional. Se por um lado, há uma incisiva ação do Estado na história do processo de desenvolvimento do país, por outro, muitas demandas territoriais receberam visibilidade a partir de longos processos de luta e ações que promoveram rupturas e desencadearam novas formas de atender a anseios coletivos de comunidades historicamente excluídas ou com pouca participação e influência social. Assim, elucidando e divulgando seus anseios, muitas vezes por meio de veículos da imprensa, a comunidade foi influenciada e também influenciou sobre os rumos de sua história e em aspectos do desenvolvimento, bem como na construção e no acesso a políticas públicas.

Por falar em desenvolvimento, para Castro e Oliveira (2014, p. 22), este conceito pode ser entendido “como a capacidade de determinada sociedade superar os entraves à realização de suas potencialidades” e tem profunda relação com o surgimento e consolidação de políticas públicas, sendo estas entendidas como “o conjunto de políticas, programas e ações do Estado, diretamente ou por meio de delegação, com objetivo de enfrentar desafios e aproveitar oportunidades de interesse coletivo”. Tal condição pressupõe a necessidade do acesso à informação qualificada para que se conheçam as potencialidades a serem desveladas e a importância de uma permanente interação

entre governo e sociedade, para que sejam contempladas as demandas de diferentes segmentos da população.

Cabe aqui também lembrar a concepção de Amartya Sen (2010), onde o autor relaciona o desenvolvimento com a dimensão da liberdade que os indivíduos e a população possuem, envolvendo tanto os processos que permitem liberdade na tomada de decisões como as oportunidades que as pessoas têm, dadas as circunstâncias pessoais e sociais. Para além da simples ampliação de renda e riqueza, portanto, é preciso visualizar o desenvolvimento relacionado com a melhoria da qualidade de vida que se leva e da liberdade que desfrutamos.

A utilidade da riqueza está nas coisas que ela nos permite fazer — as liberdades substantivas que ela nos ajuda a obter. Mas essa relação não é exclusiva (porque existem outras influências significativas em nossa vida, além da riqueza) nem uniforme (pois o impacto da riqueza em nossa vida varia conforme outras influências). É tão importante reconhecer o papel crucial da riqueza na determinação de nossas condições e qualidade de vida quanto entender a natureza restrita e dependente dessa relação. Uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do Produto nacional bruto e de outras variáveis relacionadas à renda. Sem desconsiderar a importância do crescimento econômico, precisamos enxergar muito além dele (SEN, 2010, p. 28).

Sen destaca que inúmeras pessoas em todo mundo sofrem com formas de privação de liberdade como fomes coletivas, subnutrição que leva à vulnerabilidade, pouco acesso a serviços de saúde, saneamento básico e água tratada, levando essas pessoas a sucumbir a situações extremas como a morte prematura. Também carências em áreas como educação funcional, segurança econômica e social, emprego justamente remunerado, desigualdades entre homens e mulheres, são percalços para a liberdade e, conseqüentemente, para o desenvolvimento. Muitas pessoas ainda são invisíveis a direitos civis básicos e à liberdade política, outros entraves importantes para uma sociedade que queira se desenvolver.

Esta concepção de desenvolvimento de Amartya Sen volta-se ao aumento das capacidades das pessoas de levar a vida que desejam e valorizam, sendo que, segundo o autor, estas capacidades podem ser ampliadas pela política pública. Segundo Sen (2010, p. 33) “ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento”.

A liberdade de informar, ser informado e informar-se, adotar as ideias conforme seu desejo, comunicar seus anseios também é um passo favorável para o processo de desenvolvimento. E, para que as demandas sejam conhecidas, é preciso que sejam levadas ao conhecimento e esclarecimento público, papel que pode ser cumprido por meios de comunicação que não apenas transmitam informações para a comunidade, muitas vezes sem comprometimento, mas que também inspirem ou

permitam, através de formas interativas e democráticas, a discussão e a reflexão sobre a realidade alicerçadas em preceitos éticos.

Aproximando-nos novamente da discussão das funções e da importância da comunicação, vale destacar Bordenave (1986) ao afirmar que ela assume diversas formas e provoca diferentes efeitos, sendo intrínseca às ações, comportamentos e decisões do cotidiano. É esse potencial de estar presente no dia-a-dia das pessoas que pode ser aproveitado no alcance de objetivos. O autor afirma que a comunicação é um processo natural, com um poder de legitimação das estruturas sociais que estabelece e transforma o relacionamento entre pessoas e numa esfera maior pode dar força ou contestar governos.

O diálogo povo-governo pode ser facilitado, portanto, pelos meios de comunicação capazes de bilateralizar a transmissão de mensagens. Bordenave (1986, p. 90) cita, neste sentido, o exemplo de um caso vivenciado pelo autor ao entrevistar 221 agricultores nordestinos em sua tese de doutorado, incluindo ao questionário a pergunta: “Como você comunica suas necessidades e problemas às autoridades?”. Entre as muitas respostas indicadoras da incomunicação muitas vezes existente entre essas duas esferas, o autor destaca a resposta de um trabalhador sem terra: “Eu, comunicar com as autoridades? E como? As autoridades não sabem que eu existo. Só vão ficar sabendo o dia que eu der uma facada em algum delegado ou Juiz de Paz”.

Com esse destaque, o autor dá ênfase à importância da democratização do uso de sistemas de comunicação, e à importância da aproximação da comunidade com os veículos de comunicação, que, por sua vez, podem ser o meio para efetivar a comunicação povo-governo. A horizontalização da comunicação tem muito a contribuir com a democratização da sociedade como um todo, com a construção da consciência democrática e da cidadania.

De certa forma este contexto se aproxima do conceito de etnodesenvolvimento local, proposto por Little (2002), que leva em conta, por um lado, o desenvolvimento econômico e, de outro, a diversidade cultural. Quando em discussão o desenvolvimento econômico no período pós-guerra, várias linhas surgiram, especialmente da modernização que, focada na tecnologia, acreditava na superação das sociedades tradicionais para se chegar ao grau de sociedades modernas. Nas sociedades ditas tradicionais inseriam-se os povos tradicionais, especialmente os camponeses, que carregaram o fardo de serem apontados como parte de um contexto de atraso. “Dessa forma, a teoria da modernização anunciava implicitamente o suposto fim dos povos indígenas e outros grupos considerados como ‘tribais’ através de sua rápida assimilação aos Estados nacionais novos e modernos” (LITTLE, 2002, p. 34).

A busca pela superação de “formas arcaicas de organização social” esteve implícita em diferentes linhas de pensamento de desenvolvimento de tal forma que o comportamento inerente a diferentes culturas era de veras ignorado ou, se levado em conta, era considerado como algo a ser modificado, um degrau a ser avançado rumo ao desenvolvimento. Na década de 60, a contestação da teoria da modernização capitalista se dá com a chamada teoria da dependência, focando a condição de subdesenvolvimento dos países de Terceiro Mundo como resultado do mesmo processo de desenvolvimento das nações de Primeiro Mundo. Entretanto, Little (2002, p. 35) aponta que a teoria da dependência “só contestou parcialmente a teoria da modernização, já que continuou aceitando a noção que o desenvolvimento econômico e tecnológico era algo necessário e inevitável, mesmo para os povos tradicionais; somente criticava o caminho pelo qual esse desenvolvimento deveria prosseguir”.

O desenvolvimento como sendo desejo de muitos povos, entre eles os ditos tradicionais, deve ser relativizado e possui, como pano de fundo, diferentes intenções e intensidades. Assim, encontram-se formas de qualificar modos de trabalho, de comunicar-se, de vida, por meio do acesso a novos conhecimentos e tecnologias, inclusive, de comunicação e informação.

As forças de desenvolvimento não podem ser simplesmente consideradas como nefastas para os povos camponeses e tribais, já que muitos desses mesmos povos estão ativamente procurando mais “desenvolvimento” dentro dos padrões hegemônicos. Estão mostrando avidez em conseguir cada vez mais produtos industrializados tais como tratores, caminhões, computadores, videografores, motores de popa, rádios, televisões, relógio, etc. (LITTLE, 2002, p. 38-39).

Para manter autonomia, dentro da proposta do etnodesenvolvimento, é preciso que sejam estabelecidas relações com outros grupos, não há a necessidade, nem mesmo é interessante, resguardar-se em uma espécie de ilha, cujo acesso exclusivo se dá apenas pela tutela do Estado. Essa aproximação necessariamente se dá por novas formas de comunicar-se.

O estabelecimento de uma situação de autonomia cultural não implica o desligamento do grupo local do mundo maior, algo quase impossível dada à interdependência do mundo atual. O que precisa ser pensado por parte do grupo étnico é quais interações devem ser feitas, com quais instituições e para quais finalidades. Ou seja, a escolha dos parceiros do grupo local que atuam em outros níveis é também um dos elementos principais da autonomia. Se o grupo não tem essa liberdade, o que acontece em situações de tutela por parte do Estado nacional, não existem condições adequadas para pensar num etnodesenvolvimento (LITTLE, 2002, p. 42).

O desafio principal para o grupo local seria, portanto, saber aproveitar as conexões existentes com instituições e grupos exógenos para benefício mútuo. É possível exemplificar com a

necessidade da relação de agricultores familiares porteira afora da propriedade, articulando para além da produção, aspectos de construção de conhecimento, assistência técnica, comercialização e diálogo com lideranças.

O acesso às tecnologias pelos diferentes povos, incluindo de forma especial as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tem reforçado identidades e, de outro lado, estabelecido conexões e transformado concepções e culturas, especialmente em situações em que cresce o diálogo intercultural. Também tem permitido que povos historicamente excluídos conquistem maiores espaços de discussão e de ação junto à sociedade, bem como suas demandas cheguem até os governantes e executores de políticas públicas.

A luta por visibilidade dos povos tradicionais já surtiu efeito, mas segue, e seus anseios são transformados e precisam ser lembrados, levando em conta, especialmente, as trocas de governos e de propósitos, a exemplo das diferentes posturas que foram assumidas pela extensão rural, de acordo com as diretrizes daqueles que assumiam o poder.

Mussoi (2011) aponta que atualmente o modelo de desenvolvimento que persiste no Brasil parece apontar para uma concepção urbano-industrial-exportadora, que condiciona a agricultura à indústria. O contexto leva ao condicionamento de alteração do perfil da agricultura familiar que a subordina à indústria e ao mercado neoliberal. O autor (p.32 e 33) estabelece alguns elementos que apresentam a agricultura familiar como forma de vida, para além da ideia de uma profissão ou de uma simples fonte de renda. Entre os elementos que caracterizam a agricultura familiar, Mussoi destaca a lógica própria de decisão; a relação harmônica – ou que deveria ser pelo menos mais harmônica se comparada à agricultura empresarial convencional – com o meio ambiente; a construção do conhecimento histórica e coletivamente pelos atores sociais; o uso do trabalho familiar de forma articulada e eficiente; o estabelecimento de um processo de diversificação produtiva que garante a produção para o abastecimento próprio e a integração com o mercado local/regional; a coerência com níveis adequados de biodiversidade; e a capacidade de processar muitos de seus produtos e de reciclar dejetos para sua reutilização. Este contexto aproxima-se de um modelo mais socialmente justo e ambientalmente correto, segundo a perspectiva de Mussoi, embora seja válido lembrar que muito se perdeu nas propriedades rurais em aspectos como diversificação da produção e sustentabilidade ambiental.

Por outro lado, a agricultura empresarial segue um propósito diferente, voltado ao mercado. Esta postura acaba se aproximando mais ao modelo de desenvolvimento que tem persistido junto aos discursos de modernidade. Interessante para uns, desigual para outros – ou muitos.

O que se verifica é a crescente negação destas características pela pregação da agricultura empresarial e da formação empresarial de um novo agricultor, voltado à agricultura de mercado e, portanto, especializado. É necessário ter precaução ao assumir tal discurso da ‘modernidade’, da ‘adaptação à realidade’ construída pela lógica do capital, da reconversão. Reconverter o que e para quê? Reconverter a Agricultura Familiar para produzir para o mercado, sem discutir *quem é o mercado e quem determina o mercado*, não será subordinar definitivamente esse tipo de agricultura a uma lógica que não é dela, negando-a, portanto, concretamente? (MUSSOI, 2011, p. 33).

O paradigma agroecológico enquanto proposta de desenvolvimento, calcado na valorização do saber popular, com enaltecimento da solidariedade e da ética, caminha na contramão do modelo difusionista de transmissão do conhecimento. Para que este modelo se perpetue ou se transforme, mais uma vez, surge a importância da comunicação, fio condutor da transmissão de informações, adoção de ideias e construção de espaços de participação.

Para aprofundar a reflexão sobre a agricultura familiar, a Extensão Rural – com suas escolhas metodológicas - e sua relação com um modelo de desenvolvimento, é importante compreender suas raízes históricas, as quais serão apresentadas brevemente no próximo capítulo. Presume-se que isso pode contribuir para esclarecer, posteriormente, a relação deste contexto com a comunicação e, compreender, de que forma ela está presente e influencia decisões de agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul.

### 3 EXTENSÃO RURAL: HISTÓRIA, MÉTODOS E FINALIDADES

Conhecer a história da extensão rural no Brasil é também reconhecer que esta tem raízes históricas além-fronteiras e remonta ao contexto que passou a ser construído nos Estados Unidos após a Guerra da Secessão, entre 1861 e 1865. A partir daquele momento histórico a agricultura norte-americana passou a romper a estrutura escravagista rumo a uma estrutura industrial.

Esta passagem emergiu da necessidade dos pequenos fazendeiros que foram surpreendidos pelo surgimento e pela concorrência de grandes empresas capitalistas. Foram motivados também pelo contexto do final do século XIX que contemplava o fechamento da fronteira terrestre, a distância significativa entre as áreas de produção e os mercados, a especialização das culturas, a crescente necessidade de crédito, a modificação dos problemas culturais e a necessidade de alimentação abundante a custo razoável, conforme reiteram Kelsey e Hearn (1966). Eles precisaram se unir em busca de soluções para seus problemas de produção e de tecnologia.

Segundo Wagner (2011, p. 17) estes pequenos fazendeiros passaram a se organizar em associações, que se tornaram espaços para discutir problemas e encontrar soluções, assim como buscaram especialistas para proferir palestras técnicas. O associativismo deste período pode ser exemplificado com as primeiras sociedades agrícolas a exemplo da Sociedade Filadélfia, em 1785, e a Sociedade Massachussets para Promoção da Agricultura, em 1792, com finalidade de incentivar melhorias na agricultura. Os norte-americanos Kelsey e Hearn (1966, p. 20) afirmam que “é a essas sociedades que devemos a realização de exposições para competição, vendas e educação. Faziam-se e publicavam-se conferências. Formaram-se clubes de fazendeiros e conferencistas eram trazidos de fora”.

Nos anos 1870, Conselhos de Agricultura e outras organizações governamentais passaram a se estabelecer oficialmente em vários estados americanos.

Os primeiros serviços de extensão norte-americanos tinham caráter educativo e se utilizavam de ferramentas de comunicação para estabelecer o elo entre extensão-instituições de ensino–agricultores.

As escolas de agricultura empreenderam, independentemente, várias formas de serviços de extensão, tais como demonstrações práticas, experiências cooperativas, conferências de extensão, cursos de leitura de boletins populares, bibliotecas itinerantes, assistência a granjas, clubes de meninos e meninas, estudo da natureza, clubes de jardinagem e inspeções. Todo esse trabalho foi influenciado e ajudado pelo desenvolvimento do sistema de Chautauqua. (KELSEY; HEARN, 1966, p. 23)

O movimento de Chautauqua, de caráter científico e literário, teve sua origem em 1874, em Nova York, com a fundação da Assembleia da Escola Dominical, por Lewis Miller e John H. Vincent. Mais tarde foram organizadas leituras domésticas e cursos por correspondência que continuaram por anos e muitos os consideravam uma espécie de extensão, que ocorria de maneira individual ou grupal.

Segundo Kelsey e Hearn (1966), a apresentação de demandas de fazendeiros no Comando de Chautauqua e o envolvimento de professores da Universidade de Cornell culminaram em uma legislatura que viabilizaria o auxílio do Estado em ações de extensão. Os autores destacam a aprovação de uma lei, em 1894, que destinava 8 mil dólares a serem empregados em estação experimental da Universidade em 16 condados da arte ocidental de Nova York, para apresentação de experiências de horticultura, investigações, instrução e informação.

O serviço de extensão no final do século XIX seria, portanto, o resultado de duas grandes forças: a agricultura americana e a educação humana. Os americanos reconheceram a importância e a responsabilidade do governo em viabilizar educação prática, diferente do tipo clássico de educação, voltada aos fazendeiros e agricultores. Já em 1914, o governo federal instituiu e oficializou o trabalho cooperativo de extensão rural. Wagner (2001, p. 17) relata que “dentro desse contexto, a extensão americana passou a funcionar como o elo entre as universidades, os centros de pesquisas e as populações rurais”. Em um pequeno adendo, trazendo esta realidade para a extensão rural que passou a ser estabelecida décadas mais tarde no Brasil, perceberemos um movimento semelhante de busca de aproximação entre pesquisa, extensão e população rural.

Retornando às primeiras décadas do século XX, o trabalho de extensão rural nos Estados Unidos tinha como propósito modificar o modelo de produção existente. Para isso, utilizava-se da transferência de tecnologia dos centros de pesquisa, via extensão rural, aos agricultores através de uma comunicação unilateral, mediante técnicas de persuasão. Os recursos audiovisuais tornaram-se aliados para transmitir mensagens de técnicos e cientistas aos agricultores desde então.

Este modelo clássico de difusão de tecnologia foi pensado por Rogers (1995). Por meio desta difusão buscava-se levar traços culturais e do discurso de áreas consideradas ‘civilizadas’ a outras ‘não civilizadas’. Wagner (2011, p. 18) lembra que “o mesmo modelo serviu de base para a implantação, após a Segunda Guerra Mundial, do serviço de extensão nos países subdesenvolvidos da América Latina, entre os quais, o Brasil”. Percebe-se a aproximação da linha de pensamento da modernização, com a busca pela superação de “formas arcaicas de organização social”, alicerçando-

se na tecnologia com vistas a “superar” as sociedades tradicionais para se chegar ao grau de sociedades modernas.

Kelsey e Hearn destacam que estudos práticos de extensão foram realizados por muitos anos em condados diferentes e apontaram a modificação de comportamento das pessoas ao entrarem em contato com os métodos de ensino empregados. Em pesquisa realizada na década de 40, os autores já observavam que quando o número de métodos utilizados amplia de 1 para 9, o número de famílias do campo que alteravam suas atitudes aumentava de 35 para 98%.

De um modo geral, quanto maior o número de formas segundo as quais as pessoas se expõem às informações de extensão – reuniões, demonstrações, artigos na imprensa, boletins, palestras pelo rádio, visitas pessoais e outros métodos de aprendizagem – tanto maior sua aceitação das práticas recomendadas (KELSEY; HEARN, 1966, p. 242)

Por outro lado, os autores já reconheciam naquela época, a importância da presença do técnico extensionista para a tomada de decisões. A confiança necessária para a adoção de ideias seria resultante do vínculo entre agente de extensão e agricultor formado nos métodos de contato pessoal.

A importância de conhecer pessoalmente o assistente de extensão é ressaltada em estudos que mostram que as pessoas que tiveram contato pessoal com os assistentes de extensão usaram quatro vezes maior número de prática do que as que não tiveram com eles esse tipo de contato. Os métodos empregados para o contato pessoal entre a população e os assistentes de extensão são as demonstrações de processos e de resultados, os pequenos grupos de discussão, as visitas aos escritórios, as correspondências e as ligações telefônicas. Os agentes domiciliares, especialmente, proporcionam muitas demonstrações e encetam muitas discussões em pequenos grupos; esta é uma das mais importantes formas de tornar-se conhecido. Visitas às fazendas e às casas são relativamente dispendiosas em tempo e dinheiro; elas constituem, no entanto, o método mais importante de todos os empregados em extensão. O servidor de extensão deve conhecer o povo e as condições (KELSEY; HEARN, 1966, p. 243)

Kelsey e Hearn (1966), ao reconhecer a importância da aproximação com a imprensa, dedicam um capítulo ao tema, orientando sobre como produzir notícias que interessem aos editores e que levem à publicação em jornais e divulgação em jornais de notícias sobre a extensão. Destacam que o material para a imprensa e para o rádio deve ser real e bem escrito, ao mesmo tempo em que a cobertura deve ser inteligentemente planejada. “Boas relações com o editor constituem o início de boas relações públicas”, afirmam os autores (p. 248).

O rádio é apresentado como um instrumento importante de conversação de massa. Kelsey e Hearn, observando o contexto das primeiras décadas do século XX, já destacavam que “não importa qual a estação e qual a hora do dia, a audiência será maior do que em uma reunião em uma

fazenda”. Por outro lado, os autores ponderam que o rádio não substitui as reuniões, demonstrações e publicações na imprensa e, sim, complementa e aumenta a eficiência dos demais métodos de comunicação e extensão. O valor que os ouvintes emprestam ao rádio, conforme Kelsey e Hearn (1966, p. 261), “é medido por duas grandes funções: como fonte de notícias e de outras informações e como fonte de distração e companhia”.

Os autores ainda orientam e destacam sobre outros métodos de extensão importantes à época como cartas pessoais e circulares, publicações, fotografias, ajudas visuais, demonstrações e métodos de grupos, reuniões, conferências e contatos pessoais, sendo a maior parte destes ainda presentes na extensão do século XXI no Brasil. Sobre a divulgação, Bechara (1954) também apresentava orientações aos técnicos da extensão sobre a importância da divulgação, apresentando recomendações sobre a necessidade de escrever em extensão, acerca da cooperação dos jornais locais e dando destaque à importância da “tradução” de publicações científicas em uma linguagem mais acessível apresentada em publicações de extensão. Também já destacava os auxílios visuais, a exemplo das películas cinematográficas, dos slides, fotografias, gráficos e postais, como “admiráveis meios para o trabalho de extensão prestando grande colaboração ao ensino”.

O modelo de extensão norte-americano precisou, entretanto, de adaptações para sua operacionalização junto às populações rurais da América Latina, caracterizadas como povos tradicionais. Esta difusão está necessariamente ligada a estratégias de comunicação com fins de persuasão à adoção de novas ideias.

Algumas iniciativas abriram o caminho para a consolidação do extensionismo no Brasil, entre elas, na década de 20, na Escola Superior de Agricultura de Viçosa (Minas Gerais). Diversas atividades extensionistas foram realizadas até a década de 40, como a Semana do Fazendeiro, Semanas Ruralistas e Missões Rurais, sendo que as raízes da extensão rural no Brasil também tiveram um perfil educativo.

O serviço de extensão rural no Brasil iniciou oficialmente com o surgimento da Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais (ACAR-MG), em 1948. A intenção era levar assistência técnica e orientação às famílias rurais de forma articulada com o crédito supervisionado, considerado fundamental para elevar os padrões de vida destas populações.

Na concepção vigente da modernização, esses agricultores eram vistos como arcaicos e o desenvolvimento se daria através do salto do atraso tecnológico em que estavam submersos para a adoção das novas ideias apresentadas pela extensão, com vistas à ampliação da produção e da produtividade, o que os tornaria, segundo Wagner (2011, p. 19), “aptos à utilização de insumos

externos, como adubos, fertilizantes, agrotóxicos, medicamentos, equipamentos, entre outros”. Neste contexto o serviço de extensão rural partia do pressuposto de que o principal problema que levava à baixa produtividade das terras e baixo nível de vida das pessoas que viviam no meio rural seria a falta de orientação adequada.

Na década de 50, vários outros estados manifestaram interesse em criar associações semelhantes à ACAR, com isso, em 1956, é criada em Brasília a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), na intenção de disseminar as tecnologias de maneira coordenada em todo o território brasileiro. O planejamento e as diretrizes adotadas, assim como o recrutamento e treinamento de técnicos deveriam ser uniformizados nos diferentes estados brasileiros.

Surgem assim, condições favoráveis para a criação da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Ascar), em 2 de junho de 1955, no Rio Grande do Sul, com diretrizes preconizadas pela ABCAR. O surgimento da Ascar culminou à época da assinatura de um convênio entre os governos brasileiro e norte-americano. No Manual Referencial para as Ações Sociais da Emater/RS-Ascar (2006, p. 15) consta que este convênio visava à implantação do Escritório Técnico da Agricultura (ETA), com a função de executar “projetos de desenvolvimento agropecuário do país, sendo esses projetos considerados responsáveis pela instalação dos serviços de extensão rural da Região Sul”. Desde então, a Instituição se tornou representante do serviço oficial de extensão rural do Estado e a principal executora de políticas públicas voltadas ao meio rural.

Com o reconhecimento por parte do Governo Federal, através do Decreto nº 50.622, em 1961, de que a ABCAR e suas associadas eram entidades de utilidade pública, passaram a ser assegurados recursos públicos para sua viabilização (WAGNER, 2011, p. 20).

O intuito deste reconhecimento e, conseqüente, investimento do governo em extensão rural era de que o setor agrícola aumentasse sua produção e produtividade, através de um serviço de assistência social, técnica e financeira. O serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) passou a ser estatizado em 1974 com o surgimento da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), vinculada ao Ministério da Agricultura. Após a criação da Embrater surge, em 1977, a Emater do Rio Grande do Sul, o que gerou um processo de incorporação da Ascar/RS à Emater/RS. O Manual Referencial para as Ações Sociais da Emater/RS-Ascar (2006, p. 17), ao referir-se a este momento histórico, esclarece que com o cancelamento do processo de liquidação da Ascar, em 1980, estabeleceu-se “um protocolo conjunto com a Emater/RS articulando as atividades das duas entidades, sem alteração da constituição

básica de qualquer delas, que passariam a desenvolver suas atividades de forma solidária e justaposta”.

Sobre o caráter político pedagógico da Extensão Rural no Brasil, como apontado anteriormente, é evidente a presença do modelo difusionista, o que marcou profundamente a ação extensionista nos diferentes momentos históricos, mas também sofreu questionamentos e transformações. Wagner (2011, p. 23) destaca que os programas executados pela Extensão Rural “baseavam-se em problemas concretos da realidade brasileira, tais como baixa produtividade e baixo nível de vida, que, vistos de forma simplista, foram tratados de forma alheia à própria realidade, através dos modelos clássicos de difusão”.

Apesar de métodos de comunicação já serem importantes aliados nos primórdios da extensão rural nos EUA, como no Brasil, segundo Mussoi (2011, p. 41) é preciso reconhecer que “embora os sinais, sons, imagens, possam ser transmitidos, isso não significa que as ideias, conhecimentos, valores e concepções o sejam de igual forma”. O conhecimento, valores, ideias são resultados de uma construção histórica, das vivências, da realidade conhecida pelos indivíduos, da forma como e com quem se relacionam. O simples recebimento da informação não significa sua incorporação.

Isto já passou a ser percebido quando do auge do difusionismo na Extensão Rural, fase em que se buscava abreviar o tempo de adoção de ideias, o que nem sempre era possível, pois para que um processo de comunicação e decisão se estabeleça é preciso que no mínimo dois indivíduos tenham interesses e ideias em comum: emissor e receptor.

Rogers (1962) também trazia a percepção que os indivíduos, frente a algo novo, reagem de diferentes formas e precisam de uma fase de amadurecimento até incorporar um processo, conhecimento ou tecnologia. O que se pondera em relação à ação difusionista da ATER é que este processo remetia a uma persuasão que buscava o imediatismo. Esta persuasão, segundo Mussoi (2011, p. 45), “trazia implícita a necessidade de vencer as barreiras de cada um, convencendo-o a admitir a adoção, com os mais diversos estímulos e procedimentos metodológicos, a fim de abreviar ao máximo o tempo de decisão pela adoção”. Contexto este que nem sempre levava a uma decisão qualificada ou duradoura. Ou até mesma a decisão nenhuma.

Agora, na interação com a natureza e com as pessoas, de forma constante, estabelecem-se os processos de comunhão de ideias que resultam em educação e comunicação e, esses, por sua vez, influenciam a mudança de comportamentos e construção de ideias.

Mussoi (2011) destaca ainda que as perspectivas pedagógicas que fundamentam o difusionismo são a unidirecionalidade, a indução de ideias e a persuasão para adoção dos comportamentos e práticas desejados. Através de estímulos busca-se obter respostas para ‘condutas desejáveis’ – da fonte em relação ao destinatário. Novos hábitos ou comportamentos são adotados a partir dos condicionamentos persuasivos que moldam a vontade do receptor da informação de acordo com o que apresenta o emissor. A comunicação tem assim o intuito final de fazer o outro assumir o seu ponto de vista – do emissor da mensagem.

O papel da recompensa neste processo, já apresentada pelo behaviorismo, é lembrada por Mussoi (2011). Para o behaviorismo, cada ação tem uma reação, sendo que o homem dá respostas a estímulos. Na teoria pedagógica de Pavlov, parte-se da premissa de que “toda ação que produza satisfação tenderá a ser repetida e, portanto, aprendida”.

As estratégias da ATER convencional em relação a sua metodologia e ao uso dos meios de comunicação valeu-se em muito desta concepção para difundir conhecimento. Mussoi (2011, p. 48) destaca que “(...) à ATER foi conferida a atribuição de transferir pacotes de técnicas/conhecimentos; entendia-se que o agricultor deveria galgar a escada da adoção; por isso, os métodos e as técnicas audiovisuais disponíveis eram estrategicamente organizados para agilizar tal adoção”. Todo o meio de comunicação escolhido, toda a mensagem transmitida tinham, como pano de fundo, intenções claras.

Outra forma de incorporar a informação apresentada e, posteriormente, a aprendizagem, além do fator recompensa, é apresentado por Mussoi ao relacionar as ideias de Piaget sobre os processos de assimilação e acomodação, sendo que através da primeira o organismo explora, toma parte, transforma e incorpora para si o ambiente. Já através da segunda, a acomodação, a mente adequa-se à natureza dos objetos que são apreendidos e aceita as imposições da realidade. A situação-problema, segundo Piaget, seria o motor de propulsão para a aprendizagem, enquanto Skinner foca no papel do desempenho e do esforço em busca da recompensa.

O progresso técnico proposto pela extensão rural em seu período difusionista, contudo, mostrou-se por vezes socialmente excludente e sua adoção apresentou resultados ambientais desastrosos. Este esteve inserido em uma proposta de modernização da agricultura, como alicerce desenvolvimentista, que, por sua vez, permanecia calcado em uma organização institucional centralizada e centralizadora.

Com o uso de recursos públicos procurou-se instituir o padrão tecnológico dominante nos ditos países desenvolvidos.

(...) Como resultado desse modelo consolidava-se, por um lado, a tendência de fomentar a pesquisa reducionista por produto, a fim de atender a demandas específicas de setores hegemônicos que buscavam o máximo de produtividade possível sem medir as possíveis repercussões socioambientais e, por outro lado, a tendência de implementar um serviço de extensão rural que tivesse por função transferir a tecnologia gerada para uma massa passiva de agricultores ‘atrasados’, transferência que seria viabilizada pelo crédito rural (MUSSOI, 2011, p. 26).

Nos anos 70 e início dos anos 80 é subsidiado o modelo geral de desenvolvimento, sendo que o setor público agrícola procura viabilizar a pesquisa e a extensão com a finalidade de implementar o padrão tecnológico dos países desenvolvidos. O modelo adota princípios da Revolução Verde, que teve sua gênese em 1943, nos escritórios da Fundação Rockefeller, onde quatro geneticistas desenvolveram pesquisas para ampliar a produtividade do milho e do trigo, com a criação de novas variedades. Também iniciou, mais tarde, experiências na Ásia, para obtenção de alta produtividade em arroz. Este contexto veio acompanhado de um pacote tecnológico que gerou grande dependência em relação a insumos e maquinários agrícolas e teve efeitos significativos sobre o meio ambiente.

No Brasil, este contexto foi alicerçado de um lado pela pesquisa, através do Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária (DNPEA), criado em 1962, e de outro, por meio da extensão rural, representada pela Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Mussoi (2011) destaca que as duas instituições atendiam pré-requisitos da Revolução Verde, sendo que uma era geradora de tecnologia e, a outra, difusora dos pacotes tecnológicos criados. Com isso favoreceu-se o contexto de implantação de ações de crédito e extensão rural, bem como de institutos de pesquisa agropecuária em diferentes estados, com vistas à consolidação da política de modernização da agricultura.

Diante deste ideário desenvolvimentista, Mussoi (op. cit, p. 28) também destaca que se avaliarmos as origens e patrocínios “da extensão rural no Brasil e na América Latina, pode-se afirmar que se tratou de um procedimento estratégico que visava a uma preparação prévia para a introdução da Revolução Verde, como processo de modernização da agricultura”.

A forma de atuação e os modelos organizativos da Extensão Rural passaram por mudanças após o regime militar, especialmente em virtude da denúncia de movimentos sociais em relação ao pacote tecnológico da Revolução Verde, que deixou marcas como êxodo rural, degradação ambiental, concentração de terra e contaminação por agrotóxicos.

Nos anos 80, o diálogo e metodologias de cunho participativo passaram a ser discutidas e ganhar força, especialmente com a formação e reorganização de movimentos sociais que passaram a questionar o modelo tecnológico adotado pela Revolução Verde.

(...) foram desenvolvidos métodos que buscam a ampliação da participação popular, instrumentalizados por ferramentas e técnicas que propiciam a qualificação da comunicação de dois ou mais atores de mundos diferentes que se caracterizam pela capacidade de facilitar ou organizar o diálogo, o debate e a troca dos atores sociais dentro das comunidades rurais. (WAGNER, 2011, p. 24).

Ouvir o agricultor e compartilhar, discutir, construir o conhecimento com ele, não simplesmente difundir informação, transformaram-se em novas propostas metodológicas, que passaram a fazer parte do discurso da Extensão Rural. Com o movimento de repensar da extensão rural passou-se a ouvir e voltar mais o olhar à mulher do campo que, neste período, passou a ser envolvida em grupos organizados de mulheres, clubes de mães e espaços semelhantes. Para muitas foi o pontapé inicial para seu envolvimento na organização social e em outros espaços como sindicatos dos trabalhadores rurais, cooperativas e associações. Mais tarde, evoluiu-se da discussão de afazeres mais domésticos e isolados, para o debate de questões relativas à gestão da propriedade, autonomia e geração de renda. A Emater/RS-Ascar também passou a repensar e atuar mais próximo aos jovens rurais com o seu engajamento em conselhos comunitários, consolidação de Jogos Rurais, entre outras ações.

Cotrin (2011) também aponta para as transformações metodológicas relacionadas às mudanças de estratégia que ocorreram nos anos 80, quando se deu o salto do mero levantamento de informações para levar em consideração as opiniões do grupo-meta. Este contexto abriu as portas para conceitos mais participativos de fazer pesquisa e ATER. Ferramentas de diagnóstico mediam essa nova fase e processo de participação, a exemplo do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e do Diagnóstico Rural Rápido (DRR). Tais métodos oportunizaram as comunidades realizarem seu próprio diagnóstico e a, partir das informações levantadas, autogerenciar seu planejamento e suas decisões.

A crítica ao difusionismo apresenta modelos participativos como alternativa para se estabelecer uma comunicação mais democrática, que leve à internalização de ideias como empoderamento da autonomia do indivíduo. Este contexto depende, no entanto, dos níveis de participação popular. A participação, pelo menos no discurso, virou moda. Grande parte das metodologias usadas pela ATER são participativas. A diferença, segundo Cotrin (2011), está no

nível de participação, podendo ir da passividade até níveis mais autônomos de participação como a participação interativa e a autoajuda.

Contudo, as empresas de extensão rural nunca tiveram total autonomia. Ora atendiam ao ideário desenvolvimentista de modernização da Fundação Rockefeller, outrora deveriam atender ao que estabelece sua principal fonte de recursos: o Governo. De qualquer modo, neste contexto, os órgãos de Extensão Rural tornaram-se os principais executores de políticas voltadas ao meio rural. A maioria das vezes em uma concepção verticalizada.

(...) o plano de desenvolvimento nacional e seu evidente reflexo nas políticas estaduais definiam funções específicas à Extensão Rural, bem como à pesquisa agropecuária, que eram executadas e controladas por imposições orçamentárias e organizativas. Os programas prioritários eram gestados em nível nacional e executados em nível estadual, pois a definição de recursos e a correspondente transferência também eram definidas centralmente, em nível nacional (MUSSOI, 2011, p. 29).

Por outro lado, ao longo das décadas, apesar do caráter centralizador da Extensão Rural, percebeu-se certa volatilidade das diretrizes e ações, de acordo com as diferentes propostas daqueles que assumiam os governos federal e estadual. Assim como foi necessário se adaptar às transformações que ocorriam no meio rural, especialmente dos pontos de vista sociais e tecnológicos, também era necessário se moldar aos planos de Governo, que apresentavam novas propostas de assistência técnica e de políticas públicas voltadas ao setor agropecuário. Contexto este também reconhecido por Mussoi (2011, p. 31) ao pontuar que “a primeira constatação é a de que a Extensão Rural, entre outras políticas públicas, sofreu nas últimas décadas influências dos modelos político-econômicos dominantes e, assim, cumpriu vários papéis no sentido de viabilizar as expectativas”.

Apesar de mudanças e adaptações serem necessárias, elas nem sempre ocorrem com a velocidade ou com a coerência necessárias. Assim, a Extensão Rural também passou por momentos de dificuldades institucionais, até por descrédito por parte do Governo e do público assistido.

Foram momentos de certa falta de identidade institucional e programática, momentos certamente difíceis, enfrentados de maneira diferenciada em cada estado da Federação, já que no início dos anos 90 foi extinta a Extensão Rural em nível nacional, deixando um vácuo político-estratégico e de apoio financeiro específico. (MUSSOI, 2011, p. 31)

O novo campo de debates aberto pela democratização do país, entretanto, deu espaço ao surgimento de políticas públicas. Com a Extensão Rural não foi diferente, tornou-se uma política permanente, embora com constantes mudanças. Tais mudanças ecoam as demandas sociais, embora

ainda em processo de consolidação. Mussoi (2011) lembra que movimentos sociais e sindicais de agricultores, instituições diversas, até mesmo movimentos de empregados da própria Extensão Rural mobilizaram-se em busca de propostas mais adequadas aos novos momentos.

Nestas demandas sociais, acreditava-se que a matriz tecnológica apresentada para o desenvolvimento da agricultura deveria apresentar alternativas mais sustentáveis, apontando para a necessidade do compromisso da Extensão Rural com a pesquisa e com a sociedade. A Extensão Rural já não está mais sozinha na tarefa de buscar o desenvolvimento para o meio rural, sendo que outras entidades, organizações sociais, agentes financeiros, associações e sindicatos aliaram-se a esse processo, favorecendo um contexto de gestão social. A inserção de outras instituições também é reiterada por Mussoi, ao mesmo tempo, que reconhece que a Extensão Rural deixou de lado uma postura estacionária para revelar o dinamismo de suas ações em busca de soluções para as novas problemáticas emergentes do rural através de novas propostas de organização social.

Em seu Marco Referencial para as Ações Sociais, a Emater/RS-Ascar reconhece, em 2006, desafios incorporados à ATER como o atendimento a públicos diferenciados – entre eles, pescadores artesanais, quilombolas, indígenas e assentados – e a reciclagem de valores e concepções em relação à assistência a grupos sociais como idosos, jovens, mulheres (com questionamentos da situação de subordinação e outras consequências das relações de gênero), crianças, escolares, pessoas com deficiência, famílias em situação de vulnerabilidade social, dependentes químicos e pessoas em processo de reinserção na sociedade.

Em meios a essas transformações, em 2010, surge a Nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). O uso de pedagogias participativas, de orientação construtiva, e uma nova perspectiva de gestão social têm caminhos abertos com sua introdução.

### 3.1 EXTENSÃO RURAL E A TRANSVERSALIDADE COM A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO FREIRIANA

A comunicação e a educação são elementos intrínsecos à assistência técnica e à extensão rural. Revisitá-los constantemente através da reflexão e do repensar, torna-se essencial para a promoção de processos éticos e que respeitam a diversidade de saberes, especialmente em um processo complexo como o da Extensão Rural. A relação entre educação e comunicação soa clara para Freire (1983, p. 46) ao afirmar que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a

significação dos significados”.

O acesso à educação, neste sentido, não repousa apenas no acesso à escola. Embora seja a instituição formal, além da escola, outras formas de promover a educação também estão consolidadas. Em um primeiro momento é importante levar em conta que a extensão rural é uma prática educativa e que as questões educacionais não se dissociam do contexto social e histórico em que estão inseridas e vice-versa. Se levarmos em conta que a extensão também é uma forma de educação, uma relação semelhante pode ser estabelecida entre seus métodos e finalidades, produtos de uma construção sócio-histórica.

No meio rural do Rio Grande do Sul, há mais de seis décadas, a Ascar - hoje Emater/RS-Ascar - promove ações de assistência técnica e extensão rural, que tem entre suas finalidades, a formação de agricultores em áreas que contribuam para sua organização comunitária e social, geração de renda e qualidade de vida. Ao aproximar-se do público assistido, por meio de diferentes metodologias de comunicação, a Assistência Técnica e Extensão Rural busca promover acesso à informação, por intermédio de um processo educativo, embora não formal, que valorize as realidades, os conhecimentos inerentes aos diferentes locais. O acesso à informação qualificada pode contribuir para a construção do conhecimento. Quando lança o olhar e leva em conta a pluralidade do meio rural, a ATER tem a oportunidade de promover um processo de fato libertador, baseado no diálogo e na ação comunicativa, alicerces que podem promover a comunicação em detrimento da extensão, na contradição apontada por Freire (1983).

Para atender sua perspectiva educativa, entretanto, é necessária uma ação consciente de todos os envolvidos no processo comunicativo. Essa ação educadora não está apenas nas mãos do professor, no caso desta discussão, remete-se ao extensionista, que leva informação, que, dependendo de sua perspectiva, tem caráter persuasivo ou libertador.

Freire problematiza o conceito de extensão, levando em conta justamente essa dicotomia, ao destacar a acepção do conceito de *estender algo a*, de quem estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal), a ou até alguém (objeto indireto da ação verbal), desconsiderando os saberes e interesses que estão em jogo. No caso do extensionista a intenção seria de estender seus conhecimentos e técnicas.

Em uma zona de reforma agrária, por exemplo, que esteja sofrendo o fenômeno da erosão, que obstaculiza sua produtividade, a ação extensionista se dirige diretamente até a área desgastando-se ou até os camponeses que se encontram mediatizados pela realidade de sua região, na qual se verifica o fenômeno da erosão. Se sua ação extensionista se desse diretamente sobre o fenômeno ou sobre o desafio, neste caso, da erosão, sem considerar sempre a presença humana dos camponeses, o conceito de extensão, aplicado a sua ação, não teria sentido (FREIRE, 1983, p. 11).

Considera-se, portanto, a extensão como uma forma de relação humana com objetivos pré-determinados. A crítica principal está na intenção de fazer com que seja assumido o “ponto de vista” do extensionista em substituição ao conhecimento do outro – que é subestimado - e em detrimento de uma verdadeira ação educadora. Como se ao adentrar na realidade do camponês se estivesse chegando a uma parte do mundo considerada inferior para trazê-la à normalidade, que é a do mundo idealizado.

Entretanto, Freire pondera ao reconhecer a importância do extensionista, desde que este supere a prática da simples extensão para assumir o caráter de comunicação.

Desta análise se depreende claramente, que o conceito de extensão não corresponde a um que-fazer educativo libertador. Com isto não queremos negar ao agrônomo, que atua neste setor, o direito de ser um educador-educando, com os camponeses, educandos-educadores. Pelo contrário, precisamente porque estamos convencidos de que este é o seu dever, de que esta é a sua tarefa de educar e de educar-se, não podemos aceitar que seu trabalho seja rotulado por um conceito que o nega (FREIRE, 1983, p. 13).

Para além de aprendida, a informação deve ser apreendida, ou seja, incorporada em uma ação consciente do sujeito que, com ela, é capaz de refletir e provocar transformações. Para desencadear este tipo de processo é preciso que o extensionista-educador conheça e leve em conta as noções de mundo do seu assistido, com o desafio de apresentar informações sem cair no messianismo tecnológico.

Neste contexto, Freire (1983, p. 14) reforça que quando o extensionista assume o papel libertador da educação, se recusando a coação e a persuasão sem meandros éticos, “sua tarefa corresponde ao conceito de *comunicação*, não ao de *extensão*”.

A todo esse processo diferenciado Freire chama de educar na prática da liberdade, o que seria impossível sem a comunicação. Não se trata de estender algo desde a “sede do saber” até a “sede da ignorância” para “salvar” desta última situação.

Entretanto, mesmo com finalidades educativas, os efeitos do que é comunicado são diversos. A comunicação não é neutra, pois quem nela está envolvido tem uma intenção que geralmente remete ao outro adotar um ponto de vista semelhante ao seu. Assim, o indivíduo escolhe o melhor canal, os melhores signos e os que julga serem os melhores meios para que aquilo que é comunicado seja adotado como verdadeiro. Os interesses inerentes à mensagem comunicada são carregados de fatores que podem alterar o comportamento e as decisões de outrem. Essa situação é comum na relação extensionista X agricultor, com efeitos em suas decisões, nas propriedades rurais,

nas comunidades onde vivem e no desenvolvimento local.

Toda comunicação<sup>5</sup>, que pressupõe interação, tem efeitos – embora em diferentes medidas – em seus envolvidos. Nenhum indivíduo sai de um diálogo, por exemplo, com o mesmo repertório que entrou. Novos significados são construídos seja por aceitar as ideias apresentadas pelo outro indivíduo ou por criar argumentos para refutá-la. Se simplesmente ignorar a informação, mesmo assim, houve um movimento interno anterior que levou a essa decisão.

(...) os novos significados induzidos pelas mensagens entram em interação com os significados originais. É desta interação que dependem os efeitos da mensagem sobre o repertório global da pessoa: seus conhecimentos, crenças, valores, atitudes. Destes efeitos *internos* vai depender, por sua vez, a resposta *externa* que a pessoa eventualmente vai expressar na forma de COMPORTAMENTO (BORDENAVE, 1986, p. 22).

Para promover as ações informativas e educativas, a Emater/RS-Ascar, por exemplo, se utiliza de diferentes instrumentos metodológicos como dias de campo, reuniões, demonstrações de método, oficinas e veiculação de informações através de materiais midiáticos. A Instituição possui um público de veras diversificado no meio rural, com ações com foco em agricultores familiares, indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, artesãos, associações e cooperativas de produtores, além de executar políticas mais segmentadas voltadas ao público jovem, mulheres e idosos. Por meio de metodologias participativas deixa para trás, por vezes, o difusionismo para se aproximar de uma metodologia que valorize os saberes do extensionista rural e do agricultor, entretanto, essa diversidade torna a forma de se comunicar um dos maiores desafios de sua ação.

Ruas (2006), em uma concepção que se aproxima à de Freire, destaca a importância da extensão rural enquanto prática educativa, pautada em metodologias participativas, alicerçadas na comunicação, que contribui para a construção de uma consciência crítica.

Nesse sentido, a extensão rural, pautando a sua prática num processo educativo que prevê a inclusão social, precisa valorizar a produção e a apropriação do conhecimento pelos agricultores e agricultoras familiares, extensionistas, investindo no desenvolvimento da consciência crítica e da capacidade dos atores sociais conceberem e articularem um projeto histórico próprio. Para dar conta desse desafio, a ação extensionista se refaz numa prática educativa que tem na organização social seu ponto de partida e nas técnicas participativas de planejamento a base para a reestruturação e fortalecimento de formas organizativas de agricultores (RUAS, 2006, p. 21).

---

<sup>5</sup> Cabe um adendo de que a comunicação não se restringe à fala, palavras ou imagens. Também há a paralinguagem, uma série de elementos secundários como gestos, pausas de silêncio, agregados sonoros, entonação diferenciada da voz, dicção, murmúrios, ruídos.

A assistência técnica e extensão rural, para além do treinamento técnico, buscam promover o acesso à informação, com intenção de facilitar o acesso a melhores condições de vida e promoção da cidadania de seu público assistido. Entretanto, a forma como o ato comunicativo se dá entre emissores e receptores, a partir da codificação e decodificação dos conteúdos, influenciará em seus efeitos. Quando se assume uma proposta consciente, o sujeito torna-se capaz de admirar a realidade sob uma nova ótica, de dentro e de fora.

Se a codificação representa uma situação existencial, uma situação, por isto mesmo, vivida pelos camponeses que, enquanto a viviam, ou não a “ad-miravam” ou, se a “admiravam”, o faziam através de um mero dar-se conta da situação, a decodificação, como um ato cognoscitivo, lhes possibilita “ad-mirar” sua não “ad-miração” ou sua “admiração” anterior. A decodificação é, assim, um momento dialético, em que as consciências, cointencionadas à codificação desafiadora, re-fazem seu poder reflexivo, na “ad-miração” da “ad-miração” e vai-se tornando uma forma de “re-ad-miração”. Através desta, os camponeses vão-se reconhecendo como sêrestrans-formadores do mundo (FREIRE, 1983, p. 63).

Para se aproximar do público assistido, a ATER precisa se comunicar com eficiência, compreendendo a forma como seu público mira, admira e readmira a realidade. Comunicar, segundo Neumann (1990, p. 13), é um processo mais amplo e profundo do que a prática meramente verbal, sendo um processo que “cria laços, envolve, amarra, influencia, dirige, manipula, oprime, reprime, liberta”. Ao criar laços, os membros da comunidade se aproximam e passam a traçar de forma conjunta sua trajetória, compartilhando anseios e rumos.

Por outro lado, embora a comunicação seja essencial para a viabilização das propostas educativas e de assistência técnica e extensão rural, como já destacado por Freire, Bordenave (1983) remete à preocupação com a verticalização do poder no diálogo entre extensionista e produtor, especialmente no período em que o difusionismo era a principal metodologia para levar a extensão - no caso do Brasil de forma mais intensa entre 1964 e 1979 - embora ainda hoje existam resquícios desta época, em alguns lugares, ainda muito presentes. Para romper este paradoxo, segundo o autor, se torna necessário que os interlocutores aliem organização, conscientização e politização rumo à autonomia.

### **3.1.1 Tendências pedagógicas da Extensão Rural e seu modo de comunicar**

Se a extensão rural possui caráter educativo e formador, viabilizado através de atos comunicativos, é interessante compreender as diferentes tendências pedagógicas que existem e de que forma ela pode estar nelas inserida. Potter dos Santos e Gonzalez Vela (2011) estabelecem uma

relação entre os métodos da extensão rural e as tendências pedagógicas na educação brasileira que se sucederam, conviveram e até se perpetuaram. Os autores justificam esta relação destacando que

Grande parte das atribuições desempenhadas pela Extensão Rural envolve o processo educativo. Assim, para melhor executar seus procedimentos profissionais, supõe-se que o extensionista, como educador, deva conhecer as teorias da educação uma vez que, consciente ou inconscientemente, é por elas influenciado. (POTTER DOS SANTOS, GONZALEZ VELA, 2011, p. 9)

Neste contexto são apresentadas tendências pedagógicas, segundo classificação feita por José Carlos Libâneo (1995), que leva em conta a posição “que cada tendência assume em relação às finalidades sociais da escola”. Potter dos Santos e Gonzalez Vela ampliaram essa classificação e reflexão a todo processo educativo formal, incluindo o trabalho desenvolvido pela Extensão Rural.

As duas principais tendências apresentadas foram a liberal e a progressista e as pedagogias delas derivadas. Para compreender melhor a diferenciação entre as pedagogias liberal e progressista em relação a seu conceito, princípio e derivações, o quadro apresentado por conseguinte (Quadro 1) foi construído com base nas classificações feitas pelos autores.

Quadro 1 - Diferenciações entre as Tendências Pedagógicas Liberal e Progressista de acordo com Potter dos Santos e Gonzalez Vela

|                   | <b>PEDAGOGIA LIBERAL</b>   | <b>PEGAGOGIA PROGRESSISTA</b>  |
|-------------------|--|--|
| <b>CONCEITO</b>   | SEGUNDO OS AUTORES (P. 9), A DOCTRINA LIBERAL PROCURA FORMAR O HOMEM COMO SER INDIVIDUAL, SENDO QUE “O ENSINO FORMAL INSTITUCIONALIZADO TEM A FINALIDADE DE PREPARAR INDIVÍDUOS PARA O DESEMPENHO DE PAPEIS SOCIAIS, DE ACORDO COM AS APTIDÕES INDIVIDUAIS”. | TRATA-SE DE UMA PROPOSTA QUE VALORIZA O DIÁLOGO E O AUTOGESTIONÁRIO.   |
| <b>PRINCÍPIOS</b> | OS INDIVÍDUOS DEVEM APRENDER A SE ADAPTAR AOS VALORES E ÀS NORMAS VIGENTES NA SOCIEDADE DE CLASSES MEDIANTE O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA INDIVIDUAL.   | ANÁLISE DAS CRÍTICAS SOCIAIS, LEVANDO EM CONTA O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO, COM MAIOR AUTONOMIA DOS EDUCANDOS, DE ACORDO COM TRÊS TENDÊNCIAS: A LIBERTADORA, A LIBERTÁRIA E A CRÍTICO SOCIAL. |
| <b>DERIVAÇÕES</b> | <b>TENDÊNCIA LIBERAL TRADICIONAL:</b> ENFATIZA O   | - <b>LIBERTADORA:</b> O ENSINO FORMAL E A EDUCAÇÃO SÓ TÊM  |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  | <p>ENSINO HUMANÍSTICO, POR MEIO DO QUAL O ALUNO É ESTIMULADO A ATINGIR, PELO PRÓPRIO ESFORÇO, SUA REALIZAÇÃO COMO PESSOA. ASSIM, A META É PREPARAR O INDIVÍDUO INTELECTUAL E MORALMENTE PARA ASSUMIR SUA POSIÇÃO NA SOCIEDADE.</p> <p><b>TENDÊNCIA LIBERAL RENOVADA PROGRESSISTA:</b> CONFORME POTTER DOS SANTOS E GONZALEZ VELA (2011, P. 10), A FINALIDADE DO ENSINO NESTE TIPO DE TENDÊNCIA “É ADEQUAR NECESSIDADES INDIVIDUAIS AO MEIO SOCIAL, SATISFAZENDO A UM SÓ TEMPO OS INTERESSES DO APRENDIZ E AS EXIGÊNCIAS SOCIAIS”.</p> <p><b>LIBERAL RENOVADA NÃO DIRETIVA:</b> ESTA TENDÊNCIA ENFATIZA A FORMAÇÃO DE ATITUDES, SENDO QUE A “ÊNFASE NOS PROCESSOS DE RELAÇÕES E DE COMUNICAÇÃO TORNA SECUNDÁRIA A TRANSMISSÃO DE CONTEÚDOS”. EM SUMA, BUSCA MELHOR DESENVOLVIMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS.</p> <p>- <b>LIBERAL TECNICISTA:</b> SEGUNDO OS AUTORES (OP. CIT, P. 11), ESTA CONCEPÇÃO ENFATIZA QUE “A EDUCAÇÃO DEVE AGIR COMO UMA MODELADORA DO COMPORTAMENTO HUMANO, ORGANIZANDO OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE HABILIDADES E CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS PARA QUE ESTES SE INTEGREM NA MÁQUINA DO SISTEMA SOCIAL GERAL”.</p> | <p>SENTIDO SE ENGAJADOS COM OBJETIVOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, SENDO SUA MAIOR CARACTERÍSTICA A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL. O EDUCADOR É UM ANIMADOR QUE DEVE ADAPTAR-SE ÀS CARACTERÍSTICAS DE CADA GRUPO.</p> <p>- <b>LIBERTÁRIA:</b> AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FORMAL, DEVEM PROMOVER UMA TRANSFORMAÇÃO NA PERSONALIDADE DOS EDUCANDOS NO SENTIDO LIBERTÁRIO E AUTOGESTIONÁRIO. O EDUCADOR É UM ORIENTADOR E CATALIZADOR DAS IDEIAS CRIADAS. O MÉTODO DE ENSINO APREGOA QUE É NA VIVÊNCIA GRUPAL, NA FORMA DE AUTOGESTÃO, QUE OS ALUNOS IRÃO ENCONTRAR AS BASES MAIS SATISFATÓRIAS DE SUA PRÓPRIA “INSTITUIÇÃO”, SEM INFLUÊNCIA DE QUALQUER FORMA DE PODER OU COERÇÃO.</p> <p>- <b>CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS:</b> A EDUCAÇÃO FORMAL E INSTITUCIONALIZADA DEVE DIFUNDIR CONTEÚDOS VIVOS/VIVIDOS, CONCRETOS E INDISSOCIÁVEIS DAS REALIDADES SOCIAIS. O PRESSUPOSTO, QUANTO AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, É O DE QUE, POR SEU PRÓPRIO ESFORÇO, O ALUNO SE RECONHEÇA NOS CONTEÚDOS E MODELOS SOCIAIS APRESENTADOS PELO PROFESSOR, AMPLIANDO ASSIM, SUA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA.</p> |
|--|---|---|

Fonte: Elaborado pela autora.

Potter dos Santos e Gonzales Vela (2011, p. 12) estabelecem uma relação entre o modelo difusionista de extensão, introduzido com o propósito de difundir tecnologias trazidas de outros

lugares, e as tendências liberais de educação. Para eles, o modelo de extensão rural que se aproxima das tendências liberais tem “sua prática sustentada nos paradigmas da educação tradicional e tecnicista, que entendia ser o extensionista o detentor do saber, e o agricultor um mero receptor desse conhecimento”. Neste caso o extensionista assume a postura de agente de mudanças tecnológicas, “transmitindo” a tecnologia ao produtor, demonstrando e ensinando como utilizá-la.

Já a pedagogia progressista, também apresentada no quadro acima, tem relação com o novo momento da extensão rural, buscando superar o uso exclusivo do difusionismo, para valorizar o diálogo e o caráter autogestionário, levando em conta a bagagem histórica e cultural dos indivíduos. Nesta lógica, o extensionista não simplesmente transmite conhecimento, mas em conjunto com o assistido, busca a construção e compartilhamento de conhecimentos.

A discussão mais uma vez se aproxima do discurso anteriormente já apresentado de Freire, que indica que o processo comunicativo e educativo deve ser indissociável de eticidade, como forma de respeitar e preservar a autonomia dos envolvidos, substituindo o autoritarismo pelo diálogo, a persuasão pela informação, a simples difusão pela mediação. Neste sentido, Freire (1996, p.59) reforça que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Diante de estruturas de verticalização, muitos agricultores sentem-se inseguros, desconfiados ao estabelecer relações. Esta insegurança, muitas vezes, é em relação a eles próprios. Entretanto, Freire (1983, p. 32) destaca que as condições sócio-históricas, uma vez que os homens não vivem fora da história, são determinantes para este comportamento, sendo que “(...) a dificuldade de dialogar dos camponeses não têm relação neles mesmos, enquanto homens camponeses, mas na estrutura social, enquanto fechada e opressora”.

Para a prática da educação libertadora, portanto, é preciso dialogicidade e compreensão do contexto em que se está inserido. É um equívoco ver o outro como um objeto. O extensionista deve reconhecer-se e reconhecer ao assistido como agente de mudança tanto quanto ele. Agora, quando se reconhece como único agente de mudança, será induzido a manipular, domesticar. Enfim, o que Freire traz à reflexão é a necessidade de evitar a “absolutização da ignorância” do homem simples, como se lhe fossem introduzidas ideias em uma mente vazia e como se o conhecimento não tivesse um contexto histórico-sociológico.

#### 4 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA EXTENSÃO RURAL OFICIAL DO RS

Com a clareza da importância de promover o acesso à informação de forma qualificada, com a codificação e decodificação do conteúdo ocorrendo de forma consensual e clara, a Emater/RS-Ascar possui uma estrutura própria de comunicação, além de estabelecer parcerias com a imprensa para a divulgação de informações. Com o tempo, o uso da comunicação como ferramenta de promoção das ações de extensão rural foi profissionalizada e a Instituição passou a contar com uma Gerência de Comunicação (GEC). Através dela e das estruturas de comunicação regionais, com a disponibilização de profissionais jornalistas em 11 regiões administrativas, são produzidos materiais midiáticos para televisão, redes sociais, rádio, jornal e materiais gráficos diversos, além de atender a demandas específicas da imprensa e de materiais que facilitem a comunicação do técnico com os agricultores. Todavia, há de se levar em conta que em algumas situações o processo de comunicação se completa e, em outras, não ocorre a troca, apenas a transmissão de informação.

A consolidação desta estrutura, entretanto, é resultado de uma história de transformações do espaço da comunicação na ATER. A comunicação, por muito tempo, foi negligenciada como ferramenta oficial da Extensão Rural – embora sempre estivesse presente de forma transversal nas ações de “difusão de ideias” - ao mesmo tempo, que o meio rural pouco figurava enquanto pauta dos grandes veículos de comunicação de massa. Especialmente até a década de 50, não havia esta distinção, de público rural e urbano, na programação dos meios de comunicação, conforme destaca Rhoden (2001, p. 2) ao citar que “as primeiras experiências de comunicação rural ficaram por conta do Governo Federal, através do Ministério da Agricultura que implantou o Serviço de Informação Agrícola (SIA), em São Paulo”.

O SIA tratava-se de um noticiário distribuído diariamente à imprensa, especialmente no setor de radiodifusão. Entretanto, no final da década de 50 passou a priorizar o contato pessoal em detrimento da larga utilização da comunicação de massa, diante do contexto de escassez de fontes e poucos recursos para a manutenção de redatores especializados no rural.

Rhoden (2001, p. 3) traça um histórico da evolução do contexto da comunicação rural em paralelo à extensão rural. Nas décadas de 60 e de 70, com propostas para além dos fins educativos, voltadas também ao crédito rural, “os objetivos primordiais de educação e informação tomaram um novo rumo, a serviço das ideias de expansão do capitalismo no campo”. A postura brasileira seguiu à luz desta ideia já consolidada nos Estados Unidos, principal financiador do início da Extensão Rural por aqui. Na década de 60, em que há o pontapé da industrialização da agricultura, a

informação ainda era tratada com certo descaso enquanto ferramenta da extensão rural. O foco não era a promoção do acesso à informação para a tomada autônoma de decisões e, sim, atender os agricultores que “tinham ambição de explorar comercialmente sua propriedade”.

A comunicação para o público passa a ser vista como estratégica na década de 70, quando a extensão rural galga uma imagem positiva em relação ao seu trabalho. Rhoden (2001, p. 3) explica que a intenção, neste período, era de “formalizar contatos e garantir boa posição da atividade extensionista. A modernização passa do discurso para a prática, com redução da mão-de-obra. Atenção para médios e grandes produtores foi uma das características da época”.

Ainda é muito presente neste período a relação entre o difusionismo e a comunicação. Apesar do reconhecimento de que toda a aprendizagem se constrói sobre aprendizagens anteriores, o difusionismo persistiu durante décadas – e ainda persiste em muitas situações - na extensão rural. Ele tem seu efeito sobre a proposta de levar informações que contribuam com a qualidade de vida e a geração de renda no meio rural, no entanto, seu formato unidirecional e, por vezes, invasivo, já foi amplamente questionado e discutido.

Mussoi (2011) leva a refletir sobre a relação das raízes do propósito difusionista e os modelos de comunicação. A representação da comunicação com base em Claude Shannon e Warren Weaver aponta o caminho da emissão até a recepção da mensagem, em uma perspectiva unidirecional, que podemos conferir na ilustração abaixo.

Figura 1 – Comunicação segundo modelo de Shannon e Weaver

Fonte/Mensagem-Transmissor-Sinal- Receptor-Destinatário-Mensagem

Fonte: Elaborado pela autora.

Este modelo se relaciona muito com a postura difusionista, sendo que nele Mussoi (2001) observa características de unidirecionalidade (da fonte para o destinatário). A relação resultante desse processo é vertical e este verticalismo estabelece claramente que um é o sujeito e o outro é o objeto do processo. Essa relação seria, portanto, autoritária e resultaria, “no melhor dos casos, ações paternalistas e/ou assistencialistas”. Embora, cabe reconhecer que a simples transmissão da mensagem não significa sua incorporação e adoção das ideias. Outros fatores, especialmente histórico e culturais, são determinantes neste processo.

Na década de 50, David Berlo agrega novos componentes ao processo de comunicação - fonte – mensagem – canal – destinatário, admitindo que existem e são necessárias características similares entre fonte e destinatário no que diz respeito a habilidades comunicativas, conhecimentos, níveis de cultura, vivência de sistemas sociais, além daqueles inerentes aos sentidos humanos. Segundo Mussoi (2001), essa perspectiva foi fundamental para a estruturação de instrumentos de comunicação com vistas a uma persuasão mais efetiva e rápida. Neste sentido o autor (p.42) observa que “a própria Assistência Técnica e Extensão Rural apropria-se das ideias de Berlo para estruturar seu processo de difusão de ideias, buscando a adoção de inovações”.

No entanto, é preciso levar em conta o poder de decisão sobre o que e como é informado. Aí está um dos principais pontos da crítica ao modelo difusionista unidirecional da fonte até o destinatário da mensagem, que no caso da ATER, remete a uma relação pedagógica vertical entre pesquisa, extensão e agricultor.

Rogers (1962) já admitia a existência de variáveis antecedentes ao primeiro contato com a inovação que interferiam no tempo e no processo de tomada de decisões, a exemplo do sistema social, tolerância a mudanças, dogmatismo, cosmopolitismo e escolaridade.

Com as críticas ao difusionismo e sua relação com o modo capitalista de produção, que passaram a tomar força no final da década de 70, novas correntes e proposições passaram a surgir caminhando na superação da mera difusão de informações para um processo de comunicação mais dialógico, no entanto, haveria (e ainda há) um grande caminho há percorrer. Em uma perspectiva semelhante à de Mussoi, Bordenave já destacava que o difusionismo perdeu seu principal atrativo quando os estudos revelaram que a adoção de ideias depende de fatores mais complexos do que a simples transferência de informação.

A orientação <<difusionista>> perdeu sua atração quando os próprios estudos mostraram que a transferência de tecnologia não é o aspecto mais importante do desenvolvimento, que para que a sua adoção tenha lugar, outros fatores mais complexos devem estar presentes. Também verificou-se que o esperado fenômeno da <<percolação para baixo>> das ideias adotadas pelos <<inovadores>> nem sempre se realizava simplesmente porque a maioria da população carecia das mesmas facilidades infra-estruturais que os inovadores (BORDENAVE, 1986, p. 105).

Seja no papel do emissor ou do receptor há uma estrutura social como pano de fundo que influencia em seus discursos, decisões e feedbacks. Há, portanto, uma influência, inclusive, das estruturas de classes, do modelo de desenvolvimento, do comportamento social em que se está inserido sobre o modo de se comunicar e de se comportar perante diferentes situações.

Conforme Bordenave (1986), para o agricultor tomar uma atitude, ele atende pelo menos um destes três elementos: querer tomar a decisão, saber tomá-la e poder tomá-la. Neste contexto, para tomar decisões, pelo menos qualificadas, é preciso ter conhecimento. Essa relação entre querer, saber e poder também pode ser modificada de acordo com a forma como se dá o acesso à informação. Para querer, é preciso conhecer. Para saber, é preciso ter acesso. Para poder, é preciso estar em condições libertárias e de igualdade.

Ao mesmo tempo o Estado, ou a Extensão Rural enquanto representante deste, também precisa ter acesso à informação sobre seu público para que possa pensar e executar políticas ou até mesmo atender a uma perspectiva autogestionária.

Na década de 80, a extensão rural passa a alterar a postura de comunicação com o público, que também acessa a informação de diversas formas, diante da modernização dos veículos de comunicação. O receptor passa a ser também valorizado como peça-chave do processo de comunicação.

A comunicação dialógica começa a ter seu espaço. Inicia a discussão sobre a proposta de desenvolvimento sustentável, em que a comunicação e a participação desempenham um papel fundamental. É um conjunto de fatores que precisam ser levados em conta para transmissão de informações. Em resumo, o papel da informação será diferente de acordo com o tipo de decisão acessível às pessoas. Quanto mais ampla a margem de decisões que a pessoa deve tomar, maiores serão suas necessidades de informação e seus esforços para obtê-la. O agricultor precisa visualizar a melhora para adotar uma técnica (RHODEN, 2001, p. 5).

Com o advento e consolidação de novas formas de se comunicar, cada vez mais presentes e massivas, surgem novas oportunidades de acessar informação e tecnologias, assim como novas maneiras de se relacionar. Com a compreensão das oportunidades e do empoderamento proporcionados pelos meios de comunicação, muitos segmentos descobriram nos microfones, impressoras e outras ferramentas de comunicação, novas formas de dar visibilidade a sua identidade e a suas lutas. A comunicação de massa tornou-se caminho para informar e ser informado, mobilizar comunidades, alcançar conquistas e, por vezes, atingir o poder.

Com essa clareza e diante dos múltiplos desafios assumidos pela ATER, os meios de comunicação de massa tornaram-se estratégicos para a aproximação com o seu público, cada vez mais heterogêneo e com necessidades diversas. O que é comunicado, entretanto, contribui para a construção da realidade e, por isso, há um fio condutor tênue da ética que precisa ser levado em conta por quem comunica e por quem recebe a informação.

Para se comunicar (não precisamente de forma espontânea), necessariamente ocorre uma

seleção dos fatos, uma espécie de filtro. Bordenave (1986, p. 73) destaca que “como seu próprio nome parece indicar, os *media* fazem um papel de *mediação* entre a realidade e as pessoas. O que eles nos entregam não é a realidade, mas a sua *construção* da realidade”.

Esse filtro pode provocar uma ilusão referencial, por vezes intencional, outras vezes não. Bordenave (1986, p. 74) acrescenta, no entanto, que “isto não quer dizer que os meios sempre e intencionalmente deturpem a realidade. Na verdade não há forma de evitar a reconstrução seletiva da realidade, pela simples impossibilidade material de abrangê-la em sua totalidade para comunicá-la”.

Contudo, como em alguns casos esta seleção é parcial, com intuito de coerção ou persuasão com poucos meandros éticos, existem movimentos de resistência que criam aparelhos próprios de comunicação para enfrentar a dominação. Por outro lado, o comunicador precisa fazer escolhas do que comunicar, por ser instrumentalmente impossível informar tudo.

Nas primeiras décadas da extensão rural no Brasil já existia um sistema de informação rural, que buscava persuadir os agricultores a adotar as técnicas divulgadas, sendo que, para tanto, era mobilizado um arsenal de meios como rádios, jornais, cartazes, exposições. Com a organização em sindicatos e cooperativas, o agricultor passou a ter acesso a outras formas e fontes de informação, o que fez com que mudanças precisassem ser pensadas, com uma transição da informação para a comunicação rural.

A Informação Rural transformou-se então em COMUNICAÇÃO RURAL, baseada não mais na difusão unilateral de informação e instruções, mas no diálogo entre os diversos setores que compõem o setor agrícola: Ministério e organismos vinculados, agricultores, sindicatos rurais, cooperativas, bancos, comerciantes, transportadores, escolas agrícolas, centros de pesquisa, autoridades locais, serviços de extensão, igrejas, partidos políticos, fabricantes de insumos, agroindústrias, meios de comunicação social. Deste macrodiálogo surgem não somente melhores condições para a transferência tecnológica (que é o que a Informação Rural almejava), mas para resolver qualquer problema técnico, econômico ou político que afete o bem-estar da população rural (e inclusive da população urbana que consome seus produtos. (BORDENAVE, 1986, p. 78-79)

Mais diálogo passou a ser necessário em detrimento da postura propagandista, muito embora Bordenave não deixe claro que essa necessidade permaneceu muitas vezes no campo do discurso e essa transição da informação para a comunicação não tenha ocorrido por completo mesmo até hoje.

Ampliou-se, assim, além da gama de meios de comunicação pelos quais a mensagem era transmitida, a abrangência e a profundidade dos conteúdos, saltando-se da transferência tecnológica para a dimensão multifacetada do meio rural, que contempla não somente questões produtivas aliadas à tecnologia, mas também pessoas que carecem de saúde, bem-estar, acesso à cidadania,

entre outros.

Na Fronteira Noroeste, a Emater/RS-Ascar, já a partir da década de 60, quando se instalou na região, adotou, entre os veículos de comunicação existentes, o rádio como um dos principais aliados para a promoção do acesso à informação, diante de sua abrangência e do seu histórico que se confunde também com a história das comunidades locais.

A comunicação radiofônica voltada ao local passou a se consolidar na década de 50, quando do surgimento das primeiras emissoras de rádio da região. Este meio de comunicação apresentou-se ao longo das últimas décadas como um dos mais populares do país. Contudo, com o surgimento de diversas tecnologias da informação e da comunicação, não é mais necessário o aparelho receptor tradicional para ouvir o que é transmitido pelas ondas do rádio, também se pode ouvir as emissoras locais através de equipamentos como celulares, tablets, computadores com acesso à internet, automóveis, etc. Destaca-se pelo seu alcance, com fácil acesso em diferentes pontos do território, estando presente em locais que outros meios midiáticos não chegam, e possibilitando que pessoas de diferentes classes sociais e graus de escolarização, inclusive analfabetos, tenham acesso à informação.

No caso da extensão rural, busca-se aproveitar este potencial do rádio para propagar informações que possam se reverter em transformações nas propriedades, no bem-estar das famílias, na organização das comunidades. Aproveitar o veículo rádio é levar em conta a possibilidade de aproximar-se de diferentes públicos, independente do clima, da infraestrutura das estradas, da distância das comunidades rurais do município ou do grau de escolarização.

O reconhecimento desta importância passa a ser percebido pelo fato de que grande parte das emissoras locais possuem espaço em sua programação destinado a divulgação de informes e políticas públicas, sob responsabilidade de instituições como Administrações Municipais, Emater/RS-Ascar, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e cooperativas. Segundo levantamento realizado pela assessoria de comunicação da Emater/RS-Ascar em 2018, a Instituição mantinha, na Fronteira Noroeste, nove programas de rádio produzidos por extensionistas de escritórios municipais, um boletim regional veiculado em quatro emissoras e cinco informes estaduais, que também veiculam na região, produzidos pelo Núcleo de Rádio da Gerência da Comunicação.

Vale destacar ainda, que na década de 90, surgiu uma emissora de televisão local abrangendo as regiões Fronteira Noroeste, Missões e Noroeste Colonial. Com isso, as imagens televisionadas tornaram-se um novo e intenso meio de acesso à informação e de influência a decisões. Nos anos 2000, a internet passou a popularizar-se e, na última década, sua portabilidade

via notebooks e celulares, por exemplo, provocou novos fenômenos de comunicação simultâneos e com o envolvimento dos atores na recepção e na produção de conteúdo, principalmente por meio das redes sociais.

Também há uma aproximação dos jornais locais para a divulgação de ações e de políticas públicas que podem contribuir com a melhoria da qualidade de vida do agricultor. Segundo levantamento realizado pelo Escritório Regional da Emater/RS-Ascar de Santa Rosa, por meio de clipegem, entre os anos de 2012 e 2018, foram realizadas em média 1mil inserções em jornais da região, por ano, apresentando informações de assistência técnica e extensão rural realizada pela Instituição. Além disso, são mantidas colunas de opinião mensais em duas revistas da região.

Outra ação que tem se intensificado é a divulgação por meio da internet, seja no site institucional, através do canal de vídeos Youtube, redes sociais e aplicativo de celular WhatsApp, a partir de demandas percebidas junto ao público assistido.

A produção de vídeos técnicos também é outra estratégia adotada, com transmissão por meio da TV Emater, e com inserção semanal do programa Rio Grande Rural em 11 emissoras de televisão. Neste mesmo contexto, contribui-se periodicamente com a produção de materiais para a emissora de televisão regional, RBS TV Santa Rosa, com abrangência de 69 municípios, contemplando as regiões pertencentes aos Coredes Fronteira Noroeste, Missões e Noroeste Colonial.

O aprofundamento da tomada da consciência a partir do que é informado, entretanto, provém da conscientização que, por sua vez, é fruto de uma educação de caráter libertador, que não é neutra e não é simples de ser atingida. Muito se informa, com caráter dito educativo, mas ainda pouco se tem a medida de quais são os meios de comunicação e os conteúdos que mais interessam aos agricultores e quais seus efeitos sobre a tomada de decisões.

Para que a comunicação tenha êxito, por outro lado, é necessário ser inteligível no que se comunica. É preciso optar por formas de se comunicar que levem a signos – significantes e significados – consensuais a quem está envolvido no processo de comunicação, situação essencial na relação entre extensionista e família assistida. Tal contexto interfere na tomada de decisões.

Se não há este acordo em torno dos signos, como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação. Isto é tão verdadeiro que, entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação, como se constituíssem momentos distintos do mesmo processo ou do mesmo ato. Pelo contrário, inteligibilidade e comunicação se dão simultaneamente (FREIRE, 1983, p. 46).

Muito embora a comunicação seja inerente a cada ser humano e mesmo que os sujeitos estejam envolvidos em um mesmo processo de comunicação, seus interesses, compreensões,

construção de significados e intenções são diferentes, mesmo que alcance um consenso. As capacidades, habilidades e bagagem cultural dos envolvidos são distintas. Do ponto de vista da percepção, de modo especial, conforme destaca Bordenave, sempre haverá diferenças, pois os sujeitos são distintos por natureza, com peculiaridades e construções históricas próprias.

É impossível que a A e B percebam a realidade da mesma maneira. Por quê? Porque a dinâmica mental interna de A e B constam de repertórios diferentes de experiências, conhecimentos, crenças, valores, atitudes. A e B possuem, também, repertórios diferentes de signos e, segundo parece, os signos de que se dispõe influenciam a percepção (BORDENAVE, 1986, p. 16).

O significado que se atribui ao percebido é o que desencadeia a interpretação. Os rumos da interpretação influenciam diretamente no *feedback* e nas consequências do que está sendo comunicado. Essa interpretação não se restringe somente ao conteúdo da mensagem, mas também à imagem que se cria do outro com quem se está comunicando, podendo levar a sentimentos como empatia, repulsa, desdém, o que também irá influenciar nos rumos do que é comunicado. Essa observação também é trazida por Bordenave (1986, p.17), ao destacar que “(...) A e B também interpretam-se mutuamente: A forma uma imagem de B, e B forma uma imagem de A, como parte de sua interpretação do percebido”.

A partir da troca de mensagens e dos correspondentes processos de percepção, decodificação e interpretação são construídos novos significados, em uma espécie de convergência de significados. Essa produção de sentido geralmente é incorporada ao repertório de quem está envolvido no processo de comunicação e irá se apresentar também sob novos formatos ao longo da vida do indivíduo. Assim, vivemos em constante transformação e construímos nossa identidade a partir das relações sociais que estabelecemos.

(...) Se A aceita as propostas que as mensagens de B lhe trazem, modifica pelo menos parcialmente seus significados. B faz a mesma coisa e se inicia assim um processo de CONVERGÊNCIA DE SIGNIFICADOS entre A e B (ou pelo menos dos métodos de tratá-los e organizá-los). Isto é um começo rudimentar de COMUNICAÇÃO, a posse de algo em comum. Idealmente ocorre ao mesmo tempo uma aproximação emocional que permite a aceitação do outro e a continuação do DIÁLOGO. (BORDENAVE, 1986, p. 18-19)

Quanto mais estreita a aproximação entre A e B mais se caminha em direção à comunhão de ideias, que levam à empatia, à amizade, a relações de confiança.

Cabe levar em conta também que nem A, nem B, saem os mesmos após uma interação, seja através do diálogo, seja por intermédio do acesso à informação por meio de outro canal de

comunicação. Quando envolvidos com a comunicação - um processo em constante movimento - também movimentamos nossas ideias e nosso repertório. Construimos e reconstruimos significados, até mesmo ao rejeitar a informação que recebemos, uma vez que reafirmamos nossas convicções com o incremento de nossos argumentos.

Entretanto, assim como a comunicação aproxima, ela também afasta, provoca, incita e, por vezes, inibe, coíbe. Neste sentido Bordenave (1986, p. 19) destaca que “(...) pensar que toda comunicação leva necessariamente à comunhão, é desconhecer ingenuamente a natureza conflitual do homem e da sociedade”. Assim, nem toda comunicação leva à comunhão. Pode levar à incomunicação ou à cooptação, situações comuns nas relações de poder que se estabelecem na sociedade e, muitas vezes, nocivas à participação, à paz e à democracia.

#### 4.1 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL PELAS ONDAS DO RÁDIO

Marcado por características transfronteiriças com expressiva abrangência, alto grau de penetração, inclusive em locais mais longínquos, e heterogeneidade do público, o rádio, por exemplo, tornou-se um dos veículos de comunicação mais populares do século XX e tem se mantido presente no cotidiano dos brasileiros, especialmente no meio rural, nestas primeiras décadas do século XXI. A história de diversas comunidades é contada, influenciada e, por vezes, transformada a partir do que é veiculado por este meio de comunicação, que chega a diferentes pontos seja do meio urbano ou do meio rural. Quem está diante do microfone é empoderado com a possibilidade de difundir informações capazes de mudar trajetórias de vida e de sociedades, entretanto, o conteúdo transmitido e a forma como este é incorporado pelo ouvinte definirá os rumos da comunicação.

A comunicação sempre existiu, não fosse por ela não existiriam desde as relações mais primárias entre os seres humanos até as mais complexas relações internacionais. Os estudos mais sistemáticos da comunicação, no entanto, são recentes e se intensificaram com o surgimento dos chamados meios de comunicação de massa, entre eles, o rádio, diante da necessidade de compreender as profundas transformações sociais que estes influenciavam.

Para entender de que forma ele tomou a abrangência e a importância nas comunidades locais que lhe destacou como um dos principais meios de comunicação, é preciso compreender sua história. O rádio passou a ser difundido em diferentes pontos do mundo nas primeiras décadas do

século XX, período que coincide com a origem das primeiras teorias da comunicação propriamente ditas.

Ao longo de sua história, o rádio também refletiu a história do país, dos estados, dos municípios e das comunidades em que esteve inserido. Foi, portanto, um importante elemento de identidade nacional.

A radiodifusão no Brasil passou a se firmar na década de 20. Em 1923 foi criada, por Roquete Pinto e Henry Morise, a Rádio Sociedade do Rio, com programação de caráter educativo. Nos primeiros tempos, o perfil do rádio brasileiro era elitizado, especialmente pelo alto custo dos aparelhos receptores que eram importados. As emissoras surgiram sob a denominação “Sociedade” ou “Clube”, sendo essa uma referência a seu estatuto e ao modo como se mantinham. Barbosa Filho (2009, p.40) explica que nesta época “muitos apreciadores que apostavam na potencialidade do novo meio se associavam e pagavam assinaturas”. Contexto muito diferente do que vemos hoje, com um perfil mais popular e presente no cotidiano de milhões de brasileiros.

As portas para a popularização deste meio de comunicação se abriram na década de 30, com a assinatura, pelo então presidente Getúlio Vargas, do Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, autorizando a inserção publicitária no rádio. A expansão comercial do rádio também significou sua expansão pelo território brasileiro. Barbosa Filho (2009, p. 41) afirma que “é a publicidade que forja as rádios a se organizarem como empresas, na disputa que vai, gradativamente, acirrando-se”.

As transformações também puderam ser percebidas na programação, que antes transmitia músicas instrumentais, óperas e palestras culturais voltadas à elite, e, com o patrocínio publicitário, passa a adotar uma linguagem mais simples, com expressões mais usuais para se aproximar de um maior número de ouvintes. Ou seja, era preciso chegar aos consumidores de diferentes perfis. O rádio passou assim a ser profissionalizado para se tornar também rentável.

Seu apogeu, a chamada fase de ouro do rádio brasileiro, ocorreu na década de 40. Segundo Barbosa Filho (2009) este é o momento que começa a se voltar mais claramente ao jornalismo e abre as portas para radiojornais importantes como o Repórter Esso.

Com o surgimento da televisão, no entanto, o rádio passou por uma grave crise, fato que o levou a se reinventar. Entre os fatores e as transformações na programação, para seguir com sua audiência popularizada, Barbosa Filho (2009, p. 43) cita:

- a) O transistor que “tornou possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, sem precisar mais ligá-lo a tomadas”, facilitando sua portabilidade e presença frequente no cotidiano.

- b) Divulgação de serviços de utilidade pública produzidos pelo Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro.
- c) Surgimento das primeiras emissoras FM, na década de 60, fornecendo inicialmente “músicas-ambiente” para assinantes interessados.
- d) Na década de 70 surgiram agências de produção radiofônicas, que produziam conteúdos com artistas famosos e assuntos de interesse e vendiam as gravações para emissoras de menor porte.

As inovações e as características peculiares ao rádio mantiveram sua popularidade com o passar das décadas.

Por outro lado, quando é voltado o olhar à Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, no início do século XX, já emergia a necessidade de comunicação dos diferentes povos, que desembarcavam em uma terra desconhecida, para assim estabelecer relações identitárias e construir uma história que atendesse a anseios individuais e também coletivos. Para a região se desenvolver, era preciso se comunicar. E essa percepção fortaleceu-se e foi reestruturada ao longo das últimas décadas, quando iniciativas de comunicação de maior abrangência como jornais e rádios surgiram como forma de informar e informar-se, além de reafirmar a identidade local e definir estratégias de desenvolvimento das comunidades. No começo da colonização por povos europeus, os meios de comunicação se restringiam ao rádio gerado à bateria, ao correio e ao transporte (RUEDELL, 1997). Desde então, o rádio tornou-se um dos principais meios de comunicação em massa, que permitia a interação entre as comunidades e influenciou decisões sobre a trajetória do desenvolvimento regional. As primeiras emissoras propriamente da região surgiram na década de 50 e, desde então, fazem parte e contribuem diariamente para a construção da identidade local.

Com a dinamização da troca de informações, as ondas radiofônicas encurtaram distâncias, aproximaram pessoas e interesses e transformaram relações sociais.

Entre as características que se destacam, Barbosa Filho cita a sensorialidade; penetração; regionalismo; criação de intimidade; imediatismo; simplicidade; mobilidade; acessibilidade; baixo custo; e suas funções sociais e comunitárias.

A sensorialidade se relaciona com a capacidade que o rádio tem de construir imagens, sendo que o único recurso para se aproximar dos sentidos é o som. Barbosa Filho (2009, p. 45) declara, neste sentido, que “no rádio o ouvinte tem a liberdade de criar, com base no que está sendo dito, a imagem do assunto/pessoa/fato”.

Seu grau de penetração revela uma abrangência individualizada imensurável. “Sem grandes complicações tecnológicas, o rádio tem a vantagem de poder falar com milhões de pessoas” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 45).

A mobilidade também influencia, sendo que o rádio, pode ser levado a diferentes lugares. Barbosa Filho (2009, p. 48) destaca que “as pessoas simplesmente ouvem, realizando outras tarefas, sem se incomodar”.

O estímulo ao debate social político, o exercício da vigilância, as informações ditas de utilidade pública como sobre empregos disponíveis, os espaços abertos para a revelação de talentos locais, a promoção da cultura local, o elo de comunicação entre indivíduos que estão em diferentes lugares, a mobilização de recursos para fins solidários também podem ser resultantes do que informam as ondas do rádio, quando estas são conduzidas de forma ética e profissional.

Diante das características anteriormente mensuradas, Barbosa Filho (2009, p. 49) destaca que o rádio atua como agente de informação e formação do coletivo: “desde a sua gênese vem se firmando como um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que em muito contribui com a história da humanidade”. Desta forma provocaria ação, atuação, transformação e mobilização.

Em relação à função social do rádio, Barbosa Filho (2009, p. 22) lembra que o dramaturgo alemão Bertold Brecht teria dito já no início do século XX “que o rádio seria capaz de instituir uma ‘espécie de assembleia popular permanente’ num espaço democrático”. Para Brecht, “o meio seria capaz de constituir uma ‘esfera pública cidadã’ em que os sujeitos poderiam ser atores sociais dos processos culturais, o que concretizaria a máxima do ideal iluminista”. Democracia e cidadania ainda são conquistas a serem alcançadas de forma mais concreta no Brasil, segundo o autor, e, neste sentido, o rádio contribuiu e tem a contribuir para a instituição de valores e debates que reflitam os ideais coletivos.

Bachelard (1985) coloca que fazemos parte e somos unidos pela logosfera, um mundo das palavras criado pelo rádio, que constitui uma realidade dinâmica que contempla todos os falares sociais. O rádio presente no cotidiano seria, portanto, um elemento encarregado de apresentar o que é a psiquê humana. Todos vêm falar, mas não como em uma Torre de Babel. As línguas interagem sem se confundirem.

O devaneio é o fio condutor da mais profunda intimidade entre locutor (emissor) e ouvinte (receptor) da mensagem. Para Bachelard (1985, p. 131), “a ausência de um rosto que fala não é uma

inferioridade; é uma superioridade; é precisamente o eixo da intimidade, a perspectiva da intimidade que vai se abrir”.

Todos têm sua casa onírica, a casa dos sonhos, cujas portas são abertas por um devaneio e a condução pelo seu interior pode ser perfeitamente orientada pelas ondas do rádio.

Se se quer ensinar a radiodifundir o devaneio e tocar o público, coloquemo-lo numa casa, num canto dessa casa, num reduto, talvez no celeiro, talvez no porão, talvez em um corredor, em algo inteiramente modesto, pois há um princípio de devaneio: o princípio da modéstia do refúgio. (BACHELARD, 1985, p. 131)

A simplicidade da linguagem utilizada no rádio é um recurso para aproximar-se da interioridade do ouvinte, criando uma relação de intimidade sem nem mesmo conhecê-lo.

O rádio impõe solidão, ao mesmo tempo, que é o afago para amenizá-la, fazendo companhia. E companhia é muitas vezes o que se busca no trabalho solitário do meio rural, onde um grande gargalo é a falta de mão-de-obra. O dito popular “sonhar acordado” cabe-lhe bem, chegando a regiões insondáveis do inconsciente.

Não se trata de escutar esse tipo de transmissão numa sala de baile, num salão. É preciso escutá-la, não digamos numa cabana, isso seria belo demais, mas num quarto, sozinho, à noite, quando se tem o direito e o dever de colocar em si mesmo a calma, o repouso. O rádio possui tudo o que é preciso para falar na solidão. Não necessita de rosto. (BACHELARD, 2009, p. 132)

A imaginação é convidada a fluir com os sentimentos provocados. Somos chamados à humanidade, o sonhar é inerente à pulsão vital. A imaginação se torna muito mais fértil no campo do ouvir. Não significa que os radialistas fazem o melhor uso desta característica, no entanto, é inegável que ela existe.

Bachelard fala, contudo, a partir de uma visão romântica do rádio. Realmente sua linguagem é universal, sendo acessível até mesmo aos analfabetos e aos deficientes visuais, mas a acessibilidade à informação não significa que o que é feito a partir dela é universal ou até mesmo ético. A forma como a mensagem é incorporada e seus efeitos dependem muito da psiquê humana que, por sua vez, é individual e não universal, apesar de muitas vezes receber influência de construções coletivas. Seu caráter de universalidade se dá através da comunicação dos inconscientes.

Bachelard e Barbosa Filho, como apresentado, não apontam claramente a filtragem ideopolítica das mensagens veiculadas via rádio, apesar de reconhecer seus efeitos sobre a

subjetividade e a psique humana. A diversidade e, até mesmo, o conflito de mensagens divulgadas está muitas vezes inserida na lógica da empresa que detém o poder de controlar a emissora. Lógicas e significações que são criadas pelos próprios indivíduos que instituem a sociedade, imaginariamente.

Para Castoriadis (1982) as significações que orientam os valores e as atividades dos homens que vivem em determinada sociedade são criadas pela própria sociedade, ou seja, as instituições existem porque são frutos de significações imaginárias, as quais não podem ser anuladas ou justificadas logicamente. Segundo o autor, o principal significado imaginário da sociedade capitalista, por exemplo, é o tácito desejo de aumentar de forma ilimitada as forças produtivas, assim como aumentar ilimitadamente a dominação sobre a natureza e sobre o próprio homem. Estes argumentos estão inseridos em uma lógica que, segundo Castoriadis, acaba assumindo papel central na vida da e em sociedade. Essas intenções muitas vezes estão implícitas naqueles que detém o poder dos microfones. Muitas mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa reforçam esse imaginário social.

A realidade social histórica é também uma criação, sendo que para o autor, não existe uma definição a priori para o homem e para a sociedade. A imaginação é, neste sentido, faculdade criadora. Quando menciona a imaginação, refere-se à capacidade criacionista inerente apenas ao humano enquanto ser social.

Não é refutado, entretanto, que existam certas contingências determinantes da criação. Para Castoriadis (1982, p. 13), “todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história. Todo pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja seu ‘objeto’ é apenas um modo e uma forma do fazer social-histórico”. Ao reconhecer-se nesta condição, o indivíduo compreende a si mesmo, sendo essa elucidação da construção social-histórica um dos objetivos centrais de Castoriadis. A noção de si e da sociedade acontece a partir desta elucidação que, por sua vez, acontece a partir do que é convencionalizado no coletivo, na massa. Falamos nisso porque muito da realidade é construída a partir dos conteúdos desvelados e reforçados pelos meios de comunicação.

Os programas de rádio são capazes de contribuir na construção do inconsciente social e político de uma sociedade; as mentes são formatadas de um modo ou de outro com fins geralmente consumistas.

Bachelard (1985) reforça que são muitos desafios e estratégias para que o rádio se reinvente e provoque os pensamentos, sentimentos e desejos dos ouvintes. O autor (1985, p. 30) reforça que

“é necessário, conseqüentemente, que o rádio ache o meio de fazer com que se comuniquem os ‘inconscientes’. Por meio deles é que irá construir uma certa universalidade, e eis que isso se torna um paradoxo: o inconsciente é algo que conhecemos mal”.

Bachelard fala também sobre a construção de arquétipos – significantes e significados que compõem um signo – a partir do rádio. A alusão é a um dos arquétipos mais populares, a casa, cuja construção mental está enraizada no inconsciente dos indivíduos. O radialista que busca se aproximar dos arquétipos de seus ouvintes, se aproxima também de sua intimidade, local em que ocorrem devaneios, por vezes, e outras vezes, tomadas as decisões.

Pode-se convidá-lo a sonhar com um domicílio, com o interior de uma casa. Pode-se chamá-lo para suas recordações da infância. Mas não se trata de uma regressão, de retornar a felicidades esquecidas e sepultadas. Trata-se de mostrar, pouco a pouco ao ouvinte, a essência do devaneio anterior. Eis porque o tema da casa, que é o lugar da intimidade, convém perfeitamente. (BACHELARD, 1985, p. 131)

O conceito de imaginário social de Castoriadis (1982) vai a fundo na análise da subjetividade, destacando a capacidade criadora do coletivo anônimo. Através deste imaginário são criados os costumes, a linguagem, as instituições. A existência da sociedade está alicerçada em um mundo criada por ela mesma, e esse mundo é criado para si. Nas mensagens transmitidas pelo rádio, com a ativação do inconsciente, esta identidade e este mundo são reforçados.

Assim como o acesso à informação pode influenciar decisões, vale ponderar que informações superficiais nem sempre “tocam” ao inconsciente. Ou até mesmo outros fatores como a distração do receptor ou um ruído dificultam a compreensão. Por outro lado, por mais simples que seja a mensagem transmitida, quando apreendida, inevitavelmente provoca reações, sensações, percepções diversas.

Diante desta importância e interferência na vida da e em sociedade, o rádio foi importante desde as primeiras décadas do século XX como método de extensão em solo norte-americano e já nos primeiros tempos da expansão da extensão rural no Brasil. Para entender se este veículo ainda tem sido utilizado periodicamente pela Instituição foi realizado levantamento junto aos escritórios municipais da Emater/RS-Ascar nos 44 municípios de abrangência da região administrativa de Santa Rosa, que contempla os Coredes Fronteira Noroeste e Missões. Os resultados apontam 20 programas de rádio produzidos por extensionistas de escritórios municipais da Emater/RS-Ascar em toda a região administrativa de Santa Rosa, sendo que destes sete são veiculados na Fronteira Noroeste, conforme pode ser conferido no Apêndice C desta dissertação.

Outros escritórios municipais relataram que não possuem programa de rádio próprio, no entanto, têm inserções em programas da Prefeitura (casos de Pirapó, São Pedro do Butiá, São Paulo das Missões e São José do Inhacorá) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (Doutor Maurício Cardoso e São Paulo das Missões). Também há escritórios municipais com previsão de retomar em 2019 espaços de programas de rádio que já possuíam em períodos anteriores, como são os casos de Mato Queimado e de São Nicolau.

Segundo levantamento realizado pela Gerência de Comunicação da Emater/RS-Ascar, em 2016, emissoras de rádio da Fronteira Noroeste também reproduzem programas produzidos pelo Núcleo de Rádio e TV, sediado no escritório central da Instituição em Porto Alegre.

Os programas produzidos pelo Núcleo de Rádio, no Escritório Central da Emater/RS-Ascar, contemplam ações da extensão rural desenvolvidas em todo o Estado, com espaço para entrevistas de técnicos e produtores. O agendamento destas entrevistas é realizado pelos profissionais da Gerência de Comunicação e conta com o apoio dos jornalistas dos escritórios regionais.

Oito programas são produzidos pela Gerência de Comunicação da Emater/RS-Ascar e enviados às emissoras cadastradas de diferentes do Estado. São eles: o Informativo da Emater, programa diário de três minutos que apresenta notícias factuais; Informativo da Guaíba, programa de três minutos direcionado à Rádio Guaíba, que vai ao ar aos sábados pela manhã; Recados da Emater, dividido nos três grandes temas bem-estar, comentário técnico e ambiental, possui de 30 segundos a dois minutos e é produzido cinco vezes por semana; Recados de Bem-Estar, que é o programa diário veiculado exclusivamente na Rádio Cultura FM, de Porto Alegre, com duração de um minuto; Programa da Emater, em seu formato de cinco minutos, diário, contempla panorama agropecuário baseado nas informações conjunturais, comentário técnico, ambiental e de bem-estar; e o Programa da Emater, em seu formato de 10 minutos, diário, é semelhante ao de cinco minutos, acrescido de entrevista que possui duração média de cinco minutos. Também há o programa semanal Terra e Gente, com duração de 25 minutos, composto de informações conjunturais, cotações agropecuárias, comentário técnico, bem-estar, saúde e ecologia, comentário ambiental e entrevista, bem como trechos do Prosa Rural, este elaborado em parceria com a Embrapa.

Na Fronteira Noroeste, os programas semanais de 10 minutos são reproduzidos pela Rádio Guajuvira de Doutor Maurício Cardoso e Rádio Olinda de Tucunduva, e de cinco minutos, transmitidos pela Rádio Regional de Santo Cristo e pela Rádio Guajuvira de Doutor Maurício Cardoso.

O programa diário Recado da Emater é transmitido na Fronteira Noroeste pela Rádio Comunitária de Alegria, Rádio Acesa de Santo Cristo, Rádio Guajuvira de Doutor Maurício Cardoso, Rádio Olinda de Tucunduva, Rádio Regional de Santo Cristo, Rádio Cidade Canção de Três de Maio, Rádio Santa Rosa de Santa Rosa e Rádio Mauá de Tuparendi.

Também são produzidos boletins técnicos de oito minutos, pelo escritório regional da Emater/RS-Ascar de Santa Rosa, enviados semanalmente para a Rádio Santa Rosa, Rádio Regional de Santo Cristo, Rádio Sepé de Santo Ângelo e Rádio Guajuvira de Horizontina.

Todo este esforço em incluir o rádio e demais meios de comunicação ao serviço de assistência técnica e extensão rural busca aproximar a Instituição de seu público assistido. De outro lado, a forma como estes agricultores familiares buscam informação é objeto de discussão do próximo capítulo.

## **5 ACESSO À INFORMAÇÃO NAS PROPRIEDADES RURAIS POR AGRICULTORES FAMILIARES DA FRONTEIRA NOROESTE**

Para compreender como se dá o acesso à informação nas propriedades rurais, ouviu-se o público receptor: agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste. Afinal, onde buscam a informação e em que medida as mensagens transmitidas pela Emater/RS-Ascar, via meios de comunicação, influencia em suas percepções e decisões?

### **5.1 METODOLOGIA ADOTADA NO ESTUDO COM AGRICULTORES FAMILIARES ASSISTIDOS PELA EMATER/RS-ASCAR**

A realização da pesquisa buscou inspiração na proposta da Sociologia Compreensiva de Maffesoli (1988), alternativa libertária que valoriza a subjetividade e a sensibilidade do pesquisador. O pensamento libertário de Maffesoli (1988, p. 44) enfatiza a racionalidade aberta pós-moderna e reforça que “há sempre uma dose de audácia dedutiva em toda a obra autêntica”. Pela Sociologia Compreensiva, o pesquisador atua como um repórter na investigação do seu objeto, o que lhe dá abertura e liberdade para trabalhar com a pesquisa de caráter social, usando técnicas diversas, de acordo com a realidade observada, que vão desde as entrevistas estruturadas até as abertas, observação *in loco*, análise de conteúdo, entre outros. A observação *in loco* e interação com o objeto de estudo estiveram presentes nas diferentes etapas desta pesquisa, em um contexto de pesquisa-ação, especialmente em virtude da relação da pesquisadora com a entidade-meio da pesquisa, Emater/RS-Ascar, onde atua como profissional de comunicação. Assim, abre-se mais uma porta para que os resultados desta pesquisa possam ser úteis para alicerçar novas estratégias de comunicação, efetivas para a instituição e para o público assistido, especialmente em relação à divulgação de políticas públicas e informações que possam contribuir com as diretrizes estratégicas da Emater/RS-Ascar, que correspondem à inclusão social e produtiva, melhoria das condições de trabalho, ações socioambientais e defesa e garantia de direitos.

Entretanto, como forma de atender à complexidade a que se propõe o estudo, buscou-se aproveitar métodos que compõem o que Sampieri, Collado e Lúcio (2013) denominam de pesquisa mista, aliando aspectos dos enfoques qualitativo e quantitativo.

Os autores defendem como benefícios dos métodos mistos, que vêm conquistando ainda mais adeptos no século XXI, a perspectiva mais ampla e profunda, maior teorização, riqueza e

variedade dos dados, criatividade, indagações mais dinâmicas, melhor exploração e aproveitamento dos dados. A pesquisa mista também é defendida pela complexidade por ela abrangida:

As relações interpessoais, a depressão, as organizações, a religiosidade, o consumo, as doenças, os valores dos jovens, a crise econômica global, os processos astrofísicos, o DNA, a pobreza e, de maneira geral, todos os fenômenos e problemas que as ciências enfrentam atualmente são tão complexos e diversos que o uso de um único enfoque, tanto quantitativo como qualitativo, é insuficiente para trabalhar essa complexidade (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013, p. 553).

No método misto, os enfoques qualitativos e quantitativos mantêm suas características peculiares, porém, embora pareçam em primeira vista contraditórios, podem ser complementares no atendimento à complexidade da compreensão de determinados fenômenos, a exemplo do conteúdo radiofônico, que por um lado cria significações subjetivas e, de outro, pode provocar efeitos objetivos na vida dos ouvintes.

O método a ser utilizado no presente estudo segue um desenho explicativo sequencial, cujo delineamento e propósito são explicitados pelos autores.

O desenho se caracteriza por uma primeira etapa na qual coletamos e analisamos dados quantitativos, seguida de outra em que recolhemos e avaliamos dados qualitativos. A mistura, nesse caso a mista, ocorre quando os resultados quantitativos iniciais apoiam a coleta dos dados qualitativos. Vale lembrar que a segunda fase é construída sobre os resultados da primeira. Finalmente, a descoberta de ambas as etapas são integradas na interpretação e elaboração do relatório de estudo (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013, p. 569).

Neste tipo de desenho é comum utilizar os resultados da etapa qualitativa para aprofundar a discussão sobre as descobertas quantitativas iniciais.

Com a intenção de conhecer os meios pelos quais se dá o acesso à informação pelos agricultores assistidos pela ATER pública oficial do RS, foram disponibilizados questionários fechados, nos 20 escritórios municipais da Emater/RS-Ascar, na região Fronteira Noroeste. O método quantitativo se tornou interessante nesta etapa da pesquisa, por sua caracterização que permite gerar e comprovar teorias, utilizando-se de variáveis que possam ser mensuradas. Neste questionário delineou-se o perfil do agricultor, com informações sobre sua faixa etária, renda, gênero e localização de sua residência, assim como dados sobre o veículo de comunicação que costuma utilizar para acessar informações que possam ser aproveitadas em sua propriedade, especialmente em relação a políticas públicas.

Na segunda etapa, ao aproveitar-se de instrumentos da pesquisa qualitativa, seguiu-se a

perspectiva de exploração dos fenômenos em profundidade, com a análise de múltiplas realidades subjetivas em uma sequência não necessariamente linear, uma vez que “a ação indagativa se move de maneira dinâmica em ambos os sentidos: entre os fatos e sua interpretação, e é um processo mais ‘circular’ no qual a sequência nem sempre é a mesma, ela varia de acordo com cada estudo específico” (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013, p. 33). Diante destas características, a pesquisa qualitativa permite utilizar-se de métodos como observações, anotações, gravações e documentos para uma análise subjetiva e complexa.

Os municípios abrangidos pela pesquisa foram Alecrim, Alegria, Boa Vista do Buricá, Nova Candelária, São José do Inhacorá, Três de Maio, Horizontina, Novo Machado, Independência, Santa Rosa, Santo Cristo, Porto Vera Cruz, Porto Lucena, Porto Mauá, Tuparendi, Tucunduva, Doutor Maurício Cardoso, Senador Salgado Filho, Cândido Godói e Campina das Missões, formando os 20 municípios da Fronteira Noroeste do RS.

Neste contexto, o desenvolvimento da pesquisa foi norteado pelos seguintes passos metodológicos:

a) Pesquisa bibliográfica e documental: Estudo dos conceitos-chave comunicação, assistência técnica e extensão rural, e desenvolvimento;

b) Levantamento dos principais meios de comunicação utilizados pela ATER: Contato com a Gerência de Comunicação da Emater/RS-Ascar para levantamento dos veículos de comunicação utilizados pela instituição para divulgação de pautas de interesse da assistência técnica e extensão rural, na região Fronteira Noroeste do RS, a fim de compreender os meios de comunicação utilizados para estabelecer relação com os agricultores assistidos, embasando o questionário da etapa quantitativa.

c) Etapa Quantitativa: Aplicação de um questionário fechado, inserido no enfoque quantitativo, que permaneceu na sede do escritório municipal pelo período de um mês, a fim de medir a abrangência dos meios de comunicação acessados pelos agricultores familiares assistidos, em um comparativo entre rádio, jornal, internet e televisão. A pesquisa quantitativa teve como público-alvo agricultores familiares que recebem assistência técnica das equipes da Emater/RS-Ascar, sendo que o questionário foi aplicado por um representante da equipe de ATER aos agricultores que receberam assistência, nos 20 escritórios municipais existentes na Fronteira Noroeste, durante o período compreendido entre 15 de agosto e 15 de setembro de 2018. Diante disso, os responsáveis pela aplicação do questionário foram previamente orientados pelo pesquisador, em relação ao público, à finalidade e ao método de aplicação do questionário.

No caso desta pesquisa, a população é formada pelos 10 mil agricultores assistidos anualmente pela Emater/RS-Ascar nos 20 municípios da região Fronteira Noroeste do RS, formando uma média de 833 pessoas por mês. Selecionou-se uma amostra aleatória simples<sup>6</sup>.

Para que se alcançasse um nível de confiança de 95% e um erro amostral (diferença entre o resultado da amostra e o verdadeiro resultado da população) de 5%, a amostra necessária é de 370 questionários, de acordo com cálculo realizado no programa STATS.

Desta forma foi solicitado que em cada um dos escritórios municipais fossem entrevistados no mínimo 19 agricultores, de forma sistemática em ordem de chegada, durante o período em que o questionário permaneceu nos escritórios. Dos 380 questionários que retornaram do campo, 374 foram válidos para análise e os demais inválidos em função do preenchimento incorreto dos questionários, o que manteve o nível de confiança de 95% inicialmente proposto. Para o cálculo dos resultados foi realizado o lançamento apenas das respostas dos questionários válidos.

Após a aplicação do questionário de caráter quantitativo, as perguntas foram lançadas em formulário criado no programa Office Forms. Após o lançamento das perguntas, foram tabuladas as respostas, conforme respondidas nos questionários e, assim, organizados os primeiros gráficos com valores numéricos da pesquisa no programa Microsoft Excel.

Essa codificação em valores numéricos, levando em conta os resultados obtidos, facilitou a compilação e análise dos dados.

Sempre que pretendemos realizar análise estatística é necessário codificar as respostas dos participantes para as perguntas do questionário, e devemos lembrar que isso significa atribuir a elas símbolos ou valores numéricos e que quando temos perguntas fechadas também podemos codificar a priori ou pré-codificar as opções de resposta e incluir essa pré-codificação no questionário. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, p. 242)

Os dados foram codificados e analisados descritivamente por variável. Assim realizou-se a análise das hipóteses formuladas e estabelecidas relações entre os resultados e o marco teórico. Com os resultados organizados em tabelas e gráficos, foi realizado o planejamento da etapa qualitativa.

O meio de comunicação mais citado nesta etapa foi analisado em profundidade na fase de caráter qualitativo. Desta forma, na etapa da pesquisa de caráter quantitativa, obteve-se a resposta à pergunta: “Através de quais meios de comunicação os agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS acessam a informação?”. Para poder inferir sobre

---

<sup>6</sup> A característica principal da amostra aleatória simples, segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2013), é de que “todos os casos do universo têm inicialmente a mesma possibilidade de serem selecionados”.

“qual o efeito do acesso à comunicação midiática em relação às decisões dos agricultores especialmente sobre o acesso a políticas públicas executadas pela Instituição?”, realizou-se a etapa qualitativa da pesquisa.

d) Etapa Qualitativa: Esta etapa foi composta principalmente pela realização de entrevistas semiestruturadas<sup>7</sup>, gravadas em áudio, para sistematização de experiências de agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar, com diferentes perfis de idade, gênero e grau de escolaridade, a fim de avaliar sua influência nas decisões tomadas nas propriedades rurais.

Para a etapa qualitativa foi utilizada uma amostra não-probabilística, sendo selecionados de forma aleatória parte dos entrevistados que pertencem ao grupo que acessa informação no meio de comunicação mais citado na primeira etapa da pesquisa, de ordem quantitativa. Nas indagações qualitativas, segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2013) o número de casos pertencentes à amostra não é definido a priori, podendo ser alterado no percurso da coleta de dados, quando as unidades que vão sendo adicionadas não fornecerem mais dados novos. Foram realizadas, neste sentido, entrevistas com seis pessoas, que contemplam em sua totalidade diferentes faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade, distâncias em que moram até o perímetro urbano e renda média.

Sendo assim, para garantir a heterogeneidade do grupo e a seleção de casos típicos que pertencem ao público-alvo desta pesquisa, que é formado por agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar, foram realizadas entrevistas com um homem e uma mulher com idade até 29 anos (jovens); um homem e uma mulher com idade de 30 a 59 anos (adultos), e um homem e uma mulher com 60 anos ou mais (idosos). Para que os diferentes grupos sociais, de acordo com a renda familiar, fossem contemplados se buscou entrevistados com diferentes modos de vida no meio rural.

A seleção de amostra de casos buscou atender ao objetivo específico deste estudo de “avaliar se existe diferença na escolha dos agricultores em relação ao meio de comunicação para o acesso à informação se levados em conta os marcadores sociais gênero, faixa etária e renda familiar”, além de procurar avaliar com maior profundidade a influência do acesso à informação através de determinado meio de comunicação na tomada das decisões dos agricultores. Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 406) explicam que a seleção deste tipo de amostra, de casos típicos, tem como objetivo a profundidade e a riqueza da informação, não a quantidade nem a padronização, sendo que “em estudos com perspectiva fenomenológica, em que o objetivo é analisar os valores,

---

<sup>7</sup> O conceito de entrevista semiestruturada mencionado refere-se à descrição de Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 426), que a definem como “um roteiro de assuntos ou perguntas e o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informação sobre os temas desejados”.

ritos e significados de um determinado grupo social, o uso de amostras tanto de especialistas como de casos típicos é frequente”.

Para a participação na entrevista, foi verificada a anuência do participante, esclarecendo anteriormente os objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodo em virtude de sua participação na pesquisa. O registro do consentimento do participante foi realizado sob a forma escrita, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora, no escritório municipal que assiste o agricultor ou em sua residência, conforme a preferência e o consentimento do entrevistado.

Após a realização e gravação das entrevistas, conforme roteiro disponível no Apêndice A, foi realizada a transcrição das mesmas e substituição dos nomes dos entrevistados por codinomes, a fim de manter sua confidencialidade. Depois de transcritas as entrevistas, as respostas foram divididas em categorias de análise para melhor diagnóstico das informações.

Com a codificação das perguntas abertas da etapa qualitativa da pesquisa estabeleceram-se relações entre padrões de respostas dos entrevistados, aprofundando a análise das respostas com vistas a atender os objetivos deste estudo e relacionando com os resultados obtidos nas etapas anteriores da pesquisa.

e) Organização e análise dos dados compilados: constituiu-se do cruzamento dos dados quantitativos obtidos nos questionários e dos elementos qualitativos levantados através das entrevistas e depoimentos, a fim de medir o impacto dos diversos meios de comunicação, compreendendo qual é a principal forma de acesso à informação do agricultor familiar assistido da Emater/RS-Ascar e em que grau este influencia na divulgação e acesso à informação, formação e políticas públicas voltadas ao meio rural, correlacionando também com os marcadores sociais gênero, faixa etária, grau de escolaridade e renda. Após a análise, pretende-se socializar os dados com o meio acadêmico e também apresentar em outros espaços em que possam contribuir para a reflexão e intervenção sobre a realidade, de modo especial, a Emater/RS-Ascar, instituição que executa políticas públicas junto a 10 mil agricultores na região de abrangência deste estudo.

A devolutiva dos resultados aos participantes foi realizada através do endereço eletrônico (e-mail dos participantes). Nos casos em que o participante não tem e-mail, os resultados foram encaminhados para o endereço do escritório municipal da Emater/RS-Ascar, onde o questionário foi aplicado, para que a devolutiva ao agricultor (a) participante seja feita de forma impressa pelo extensionista.

## 5.2 ABRANGÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO MAIS ACESSADOS PELOS AGRICULTORES FAMILIARES DA FRONTEIRA NOROESTE

Para compreender através de qual meio de comunicação de massa o agricultor familiar assistido pela Emater/RS-Ascar mais acessa informação, foi aplicado o questionário da etapa quantitativa, com caráter de confidencialidade, contemplando os seguintes questionamentos: município, idade, gênero, renda, número de integrantes da família, meio de comunicação em que mais obtém informações, última política pública que acessou e onde obteve informações/ como ficou sabendo sobre a existência desta política pública. Estas primeiras variáveis é que irão embasar a discussão desta pesquisa. Principal atividade que desenvolve na propriedade, distância do local onde reside até o perímetro urbano, periodicidade e horário em que acessa informação no meio de comunicação indicado também foram questionados para que possam servir como base para um futuro plano de comunicação a ser elaborado e adotado pela Emater/RS-Ascar.

Em relação ao perfil dos 374 entrevistados, todos parte do público assistido pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste, 19% possuem idade de 15 a 29 anos (jovens), 66% tem de 30 a 59 anos (adultos) e 16% são idosos. Do total de entrevistados, 49% são homens e 51% são mulheres. Em relação ao grau de escolaridade, 40% possuem ensino fundamental incompleto, 17% ensino fundamental completo, 34% ensino médio completo e 9% ensino superior.

Em relação à renda mensal familiar<sup>8</sup>, 6% recebem até R\$ 854 (média de 3,4 integrantes no grupo familiar); 12% de R\$ 855 até R\$1.113 (média de 3,13 integrantes por família); 15% de R\$ 1.114 até R\$ 1484 (2,88 pessoas em média por família); 20% de R\$ 1.485 até R\$ 2.674 (3,15 pessoas por grupo familiar); 22% de R\$ 2.675 até R\$ 4681 (média de 3,21 integrantes por família); 14% de R\$ 4.682 a R\$ 9.897 (3,65 integrantes em média por grupo familiar); 6% de R\$ 9898 até R\$ 17.434 (2,7 integrantes em média por grupo familiar). Os demais declararam possuir outra renda que não as anteriormente especificadas. Ou seja, entre os entrevistados que fazem parte deste estudo, 57% possuem renda familiar entre R\$ 1.114 e R\$ 4.681 por mês, em uma média de três integrantes por grupo familiar.

---

<sup>8</sup> Os valores correspondem aos grupos de renda classificados pela Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa (Abep), em 2014, disponível no livro Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil, de autoria de Wagner A. Kamakura (Rice University) e José Afonso Mazzon, levando em conta a baixa renda, classe média e classe média alta. A nova estratificação reconhece, porém, que o poder aquisitivo pode mudar mesmo que a renda familiar seja a mesma, dependendo da localização do domicílio e do número de pessoas na família.

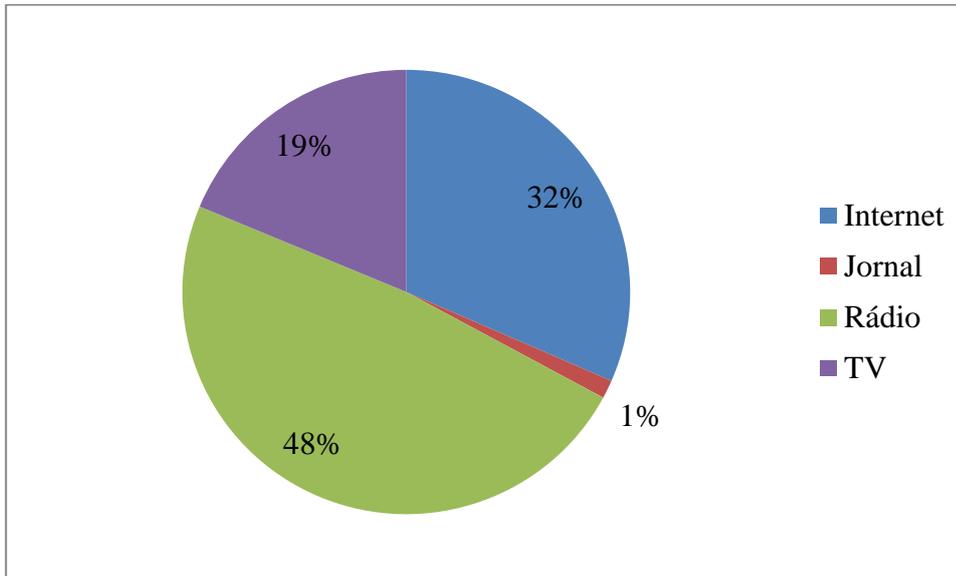
Sobre a distância do local em que reside até o perímetro urbano, 73% afirmaram morar até 10 quilômetros do perímetro urbano. Nenhum dos entrevistados citou morar a mais de 30 quilômetros do centro da cidade. Esta relação de proximidade entre os meios urbano e rural é característica na Fronteira Noroeste, onde os municípios possuem extensão territorial entre 77,8km<sup>2</sup>, que é o caso de São José do Inhacorá, a 489,8 km<sup>2</sup>, correspondente ao território de Santa Rosa.

Em relação aos resultados centrais da pesquisa, no universo de entrevistados, 48% apontaram que o rádio é o meio onde mais obtém informações; 32% afirmaram que a internet é a forma como mais buscam informações<sup>9</sup>; 19% responderam que a televisão tem sua preferência na hora de buscar informações e 1% apontou o jornal como o meio de comunicação que acessa com mais frequência, conforme podemos visualizar no gráfico 1. Cada entrevistado poderia assinalar apenas uma opção correspondendo ao meio de comunicação mais presente em seu dia-a-dia para a obtenção de informações. Mesmo nas correlações com diferentes variáveis, que serão apresentadas na sequência, perceberemos a preponderância do rádio e da internet em diferentes grupos.

---

<sup>9</sup> Entre os entrevistados que responderam ser a internet o veículo de comunicação em que mais obtém informações, 40% afirmaram que se informam mais por redes sociais, outros 40% pelo aplicativo de celular WhatsApp e 20% através de site de notícias.

Gráfico 1 – Meios de Comunicação mais acessados por agricultores familiares da Fronteira Noroeste do RS para obter informações



Fonte: Elaborado pela autora

Para aprofundarmos a discussão sobre o significado destes dados e suas relações com os marcadores sociais gênero, faixa etária, grau de escolaridade e renda, apresentaremos dados que destacam essas variáveis com informações compiladas nas entrevistas em profundidade com casos típicos, sendo todos agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS, que buscam informação principalmente pelo rádio ou pela internet, os dois meios de comunicação mais citados nesta pesquisa como principais formas de acesso à informação.

TABELA 1 – PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES ASSISTIDOS PELA EMATER/RS-ASCAR QUE PARTICIPARAM DA ETAPA QUALITATIVA DA PESQUISA

| AGRICULTOR | GÊNERO    | GRAU DE ESCOLARIDADE                       | IDADE   | PRINCIPAIS ATIVIDADES  |
|------------|-----------|--|---------|--|
| Q1         | FEMININO  | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO                | 63 ANOS | PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA CONSUMO DA FAMÍLIA EM HORTA E POMAR DOMÉSTICO |
| Q2         | FEMININO  | ENSINO MÉDIO                               | 21 ANOS | PRODUÇÃO E GESTÃO DE AGROINDÚSTRIA                                       |
| Q3         | MASCULINO | ENSINO MÉDIO/CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA | 39 ANOS | ATIVIDADE LEITEIRA E FRUTICULTURA  |

|    |           |                               |         |   |
|----|-----------|-------------------------------|---------|---|
| Q4 | FEMININO  | ENSINO FUNDAMENTAL            | 46 ANOS | PRODUÇÃO ORGÂNICA DE HORTALIÇAS E FRUTAS                          |
| Q5 | MASCULINO | ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO | 60 ANOS | PISCICULTURA, AVICULTURA, SUINOCULTURA GRÃOS E ATIVIDADE LEITEIRA |
| Q6 | MASCULINO | ENSINO SUPERIOR               | 28 ANOS | PRODUÇÃO DE LEITE E HORTICULTURA                                  |

Fonte: Elaborado pela autora

### 5.2.1 Gênero e Informação

Entre as mulheres que responderam à pesquisa – correspondendo a um total de 51% dos entrevistados – o meio de comunicação mais citado foi o rádio, com 52% da preferência; em segundo lugar a internet, contemplando 28% das respostas; e em terceiro lugar a televisão, com 20% da audiência. Quando levamos em conta o veículo de comunicação mais popular entre o público masculino do meio rural que fora entrevistado, a pesquisa apontou que 44% dos agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar obtém informações pelo rádio, 35% afirmam ser a internet o meio em que mais buscam informações, 18% citaram a televisão e 3%, o jornal.

Entretanto, para compreender melhor a abrangência destes dois veículos de comunicação em ambos públicos pode-se realizar o comparativo apresentado na Tabela 2, que revela o interesse de homens e mulheres principalmente pelos meios de comunicação rádio e internet. Na tabela podemos esmiuçar a composição da porcentagem total de entrevistados que afirmou ser o rádio, a internet, a televisão ou o jornal, suas principais fontes de informação.

A televisão aparece em terceiro lugar e o jornal possui abrangência insignificante entre os públicos masculino e feminino, conforme podemos observar na tabela abaixo sobre a maneira em que são compostas as audiências de cada meio de comunicação apresentado nesta pesquisa.

Tabela 2 – Acesso à informação pelos Públicos Masculino e Feminino (%)

| Meios    | Homens | Mulheres | Total |
|----------|--------|----------|-------|
| Rádio    | 21     | 27       | 48    |
| Internet | 17     | 14       | 32    |

|        |    |    |     |
|--------|----|----|-----|
| TV     | 9  | 10 | 19  |
| Jornal | 1  | 0  | 1   |
| Total  | 49 | 51 | 100 |

Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se perceber com este demonstrativo, por exemplo, de que dos 48% do público que afirmaram buscar mais informações pelo rádio, 21% são homens e 27%, mulheres, o que mostra variância insignificativa entre os públicos na hora de escolher o local onde se informam.

Os agricultores Q2 e Q3 não se conhecem. Mesmo se tratando de uma mulher (Q2) e de um homem (Q3), morando em municípios diferentes, ambos apontaram o rádio como companheiro do cotidiano no trabalho na propriedade rural. A relação cotidiana com o acesso à informação de modo geral se dá através do rádio. Sua linguagem simples e a diversidade de conteúdos se aproximam de um público plural, de diferentes faixas etárias e interesses.

Q2<sup>10</sup>, agricultora de 21 anos, afirma, neste sentido, que a audiência é inerente ao dia-a-dia: “Não importa o dia e a hora, se eu tô dormindo, eu escuto um pouco, ou quando eu tô limpando a casa, eu escuto. Em tudo que é lugar eu tô escutando rádio. Meu pai ainda diz: desliga um pouco esse rádio”. Assim, a jovem que trabalha com seus pais na produção de mandioca e panificados em uma agroindústria familiar, tem a possibilidade de fazer suas tarefas enquanto recebe as informações pelo rádio.

Para além da simples recepção de informações, o que transmitem as ondas do rádio desperta emoções, sentimentos, percepções, influenciam comportamentos, desde as mais simples mensagens transmitidas e possibilidades de interações, conforme revela a ouvinte Q2, que mora a quatro quilômetros do perímetro urbano, e não possui vizinhos nas redondezas.

Eu gosto de ouvir de tudo, quando falam mensagem nas rádios, tem mensagem que a gente chora, tem música que a gente chora, tem notícia que a gente chora. (...) Eu gosto de manhã cedo (...). Tem dica de saúde, de beleza, como o da Kelly, ela fala muita coisa e a emoção que ela passa, ela faz o programa e passa pra gente uma emoção. Todos os programas que eu escuto, eu vejo muito é promoção e sorteios, esses negócios. Eu participo de tudo. (Q2, 2018)

Em alguns casos aponta-se que o rádio permite sonhar mesmo em tempos de desesperança, possibilita evadir de uma realidade que muitas vezes se mostra opressora. O significado da proximidade com os meios de comunicação, de modo especial, o rádio, foi revelado nas entrevistas

<sup>10</sup> Entrevista concedida a Deise Anelise Froelich em 29 de outubro de 2018, Santa Rosa/RS.

realizadas com maior profundidade. O acesso à informação municia as decisões de muitos agricultores.

A proximidade com o local, segundo Q2, é outra característica que permite a proximidade do rádio com seu cotidiano, principalmente quando a programação se aproxima da realidade do meio rural. O sentimento de pertença ao meio rural é também o sentimento de pertença a um modo de vida, que a jovem gostaria de ver refletido na programação dos meios de comunicação. A agricultora Q2 morou dois anos em uma grande cidade, porém afirma ter sentido muita falta do meio rural, desde as memórias afetivas até o modo de viver. “A gente sente falta da terra, como a gente foi criado desde pequenininho na terra. Lá não tinha terra, lá eu trabalhava num restaurante. Tinha que trabalhar, não tinha lazer, não tinha nada. Agora eu tenho lazer, posso fazer o quiser”, relata Q2.

A retratação do cotidiano e da linguagem existentes na comunidade é uma expectativa também ao ouvir a programação da rádio e criam uma relação de intimidade entre emissor e receptor da mensagem radiofônica. A agilidade da informação transmitida também reafirma seu imediatismo e instantaneidade, permitindo que o ouvinte tenha conhecimento dos fatos, muitas vezes, simultaneamente a sua ocorrência.

Outra característica curiosa da presença do rádio no meio rural é apontada pelo agricultor Q3. Durante um período, além da residência, o rádio era presença constante também na sala de ordenha, fato por ele justificado pelo acesso à informação e por facilitar o manejo bovino na hora de ordenhar.

Se tu põe música na sala de ordenha elas se acostumam com barulho estranho. Porque assim, se tu tá tirando leite e sempre está quieto, em silêncio, se um ou outro falar, ela já se assusta. Segura o leite ou dá um coice, coisa assim. Que nem principalmente chiqueirão de porco. Quando os porcos *tão* juntos começam a correr se assustam. Amontoa e pode machucar, quebrar, coisa assim. Se tem o rádio ligado, eles são acostumados, sempre tem um barulho estranho, muda voz, música. Daí quando entra um estranho não se assustam. Isso eu tenho experiência já. Isso pode botar, gado que é assustado, pode colocar música que se acalma. Se entrar um estranho não se assusta porque é acostumado a ouvir voz diferente. (Q3, 2018)

O rádio só não está mais na sala de ordenha do agricultor Q3 porque o aparelho que ficava lá estragou. Assim que possível pretende adquirir outro aparelho receptor. Essa relação próxima do rádio com o cotidiano do meio rural também é observada na vizinhança de Q3, através de seu relato: “o vizinho que sempre abastece água aqui, pra botar veneno, ele colocou no trator. Tá ligado direto. Ele escuta andando no meio da roça, com o rádio ligado”.

### 5.2.2 Grau de Escolaridade

Quando buscamos entender a influência do grau de escolaridade sobre a escolha do meio midiático em que mais o público entrevistado acessa informações se percebe uma variabilidade na preferência, mas que abrange principalmente os meios rádio e internet.

A maior parte das pessoas que possui até o Ensino Fundamental prefere o rádio. Quando se amplia o grau de escolaridade para o Ensino Médio e o Ensino Superior, o rádio deixa de ser o meio de comunicação mais popular para dar espaço à internet, meio que exige diferentes habilidades técnicas para acessar a informação como a alfabetização, conhecimento de datilografia e do uso de recursos virtuais, assim como há a necessidade de conexão disponível e de um computador ou celular, cujos custos geralmente são mais altos do que o aparelho receptor de rádio.

Para deixar mais claro, se levados em conta apenas o total de entrevistados que possui Ensino Fundamental Incompleto, ou seja, 40% do universo dos entrevistados, 64% destes afirmaram que o rádio é o veículo em que mais obtém informações, seguido da televisão, da internet e do jornal. Os entrevistados com Ensino Fundamental completo também responderam que acessam informação prioritariamente pelo rádio, sendo esta a resposta de 47% deste público.

Conforme podemos conferir na tabela abaixo sobre a forma como foram compostos os percentuais de cada meio de comunicação informado, o rádio perde um espaço significativo entre aqueles que possuem Ensino Médio e Ensino Superior, se comparado com os demais grupos, sendo que entre estes grupos aparece em segundo lugar, apresentando um avanço significativo da internet que chega ao primeiro lugar. A televisão tem sua maior parcela de público entre o Ensino Fundamental Incompleto, perdendo espaço de acordo com o avanço do grau de escolaridade.

O jornal, contudo, pontuou apenas entre as pessoas com menor grau de escolaridade, embora de forma pouco significativa, conforme podemos visualizar na tabela 3, que destacam os números que formaram os percentuais finais da pesquisa.

Tabela 3 – Acesso à Informação por Grau de Escolaridade (%)

| <b>Escolaridade</b>    | <b>Rádio</b> | <b>Jornal</b> | <b>Internet</b> | <b>TV</b> |
|------------------------|--------------|---------------|-----------------|-----------|
| Fundamental Incompleto | 26           | 1             | 4               | 10        |
| Fundamental            | 8            | 0             | 5               | 4         |
| Médio                  | 12           | 0             | 16              | 4         |
| Superior               | 2            | 0             | 7               | 1         |
| <b>Total</b>           | <b>48</b>    | <b>1</b>      | <b>32</b>       | <b>19</b> |

Fonte: Elaborado pela autora

Quando acrescida a análise correlacional entre grau de escolaridade e gênero, perceberemos que tanto homens como mulheres com o mesmo nível de estudo buscam informação através dos mesmos meios de comunicação, mostrando que a variável gênero não interfere na escolha pelo rádio, em primeiro lugar, entre aqueles que possuem até o Ensino Fundamental e, pela internet, entre aqueles que possuem Ensino Médio e Ensino Superior. A variável que realmente influenciaria, portanto, na escolha seria a de grau de escolaridade.

Tabela 4 – Acesso à Informação por Grau de Escolaridade e Gênero (%)

|              | <b>Homens</b> |          |           |          | <b>Mulheres</b> |          |           |          | <b>TOTAL</b> |
|--------------|---------------|----------|-----------|----------|-----------------|----------|-----------|----------|--------------|
|              | Fund.Inc.     | Fund.    | Médio     | Superior | Fund.Inc.       | Fund.    | Médio     | Superior |              |
| Rádio        | 12            | 4        | 5         | 1        | 14              | 4        | 7         | 1        | <b>48</b>    |
| Jornal       | 1             | 0        | 0         | 0        | 0               | 0        | 0         | 0        | <b>1</b>     |
| Internet     | 2             | 3        | 8         | 4        | 1               | 2        | 9         | 3        | <b>32</b>    |
| TV           | 5             | 2        | 1         | 0        | 4               | 2        | 3         | 0        | <b>19</b>    |
| <b>TOTAL</b> | <b>20</b>     | <b>9</b> | <b>14</b> | <b>5</b> | <b>20</b>       | <b>8</b> | <b>20</b> | <b>4</b> | <b>100</b>   |

Fonte: Elaborado pela autora

O conhecimento que o agricultor Q5, de Santo Cristo, possui para o desenvolvimento das atividades na propriedade – piscicultura, criação de aves, suínos, grãos e leite – foi construído com a experiência de mais de 40 anos na agricultura. Tem a intenção também de implantar um pesque e pague, uma vez que já possui açudes estruturados. Frequentou os bancos escolares até a 7ª série, o interesse maior, neste período, foi, entretanto, pelo trabalho na agricultura. Chegava a sua casa após a aula, largava a mochila e ia “correndo para a roça”.

A busca pelo conhecimento empírico se revelou com o interesse em participar de visitas e dias de campo, o que faz com frequência, com a possibilidade de acessar a ATER gratuita. Q5 afirma, neste sentido: “onde tem dia de campo, eu vou, daí eu fico olhando. Se eu escuto que tem dia de campo eu já fico pensando se naquele dia eu posso ir”.

No dia-a-dia a busca pela informação, assim como apontado na pesquisa pelas pessoas com Ensino Fundamental Incompleto, ocorre principalmente pelo rádio e pela televisão. Os avisos das cooperativas, avisos de utilidade pública principalmente sobre compra e venda de produtos e a previsão do tempo são os conteúdos mais buscados no rádio.

A <nome da esposa> já desce pra botar as vacas pra dentro, porque o programa da Coopermil começa às sete e meia, daí ela acha muito tarde, eles têm a previsão do tempo pela Somar, e eles sempre dão a previsão pra três dias. Às vezes tu tá ali, não sabe o que fazer, e eles dão pra três dias a previsão do tempo. Aí chove, chove, daí eu fico escutando o que ela fala, essa semana já choveu tanto e vai chover até sexta-feira. E na outra semana, toda a semana com o sol. Daí eu penso, se essa semana não deu pra passar ureia, tem a outra semana, daí eu fico aliviado né. (Q5, 2019)

Sobre a influência do rádio nas decisões da propriedade, a agricultora Q1, que possui Ensino Fundamental Completo, relata o interesse por informações técnicas: “tem no caso o programa da Emater, do Sindicato, que a gente escuta quase toda semana. Isso é bom porque traz bastante benefícios esses programas, porque a gente tira alguma dúvida ou às vezes eles falam alguma coisa e a gente vai lá pra conversar ou tirar dúvidas”. No final de sua frase, entretanto, reforça que para aprofundar informações busca o contato pessoal do técnico. O rádio seria apenas um primeiro passo para o acesso à informação e a construção do entendimento de situações externas que podem influenciar na propriedade.

Ainda, neste sentido, ao ser indagada sobre a melhor forma de a Emater/RS-Ascar - instituição que presta assistência técnica e social continuada à família através do Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar - se comunicar com quem mora no meio rural, Q1 reforça a presença do rádio e reitera a importância da visita e da relação presencial.

Pra nós é o rádio ainda. Ou se a gente precisa de alguma coisa a gente vai na Emater mesmo. Ou às vezes eles vêm pra cá e a gente pergunta pra eles aqui, mas a maioria das vezes a gente vai lá, porque pra eles também não é fácil de querer ir em cada propriedade, mas daí a gente vai lá se precisa de alguma coisa. (Q1, 2018)

O conhecimento acumulado para a produção dos alimentos e a gestão da propriedade vai muito além do que estudou nos bancos escolares até a 8ª série do Ensino Fundamental. A vivência no meio rural mostrou-se um campo aberto para aprendizagem constante diante da complexidade que é produzir alimentos. Q1 relata que este conhecimento foi construído com o “fazer” cotidiano: “foi bastante conhecimento que a gente adquiriu fazendo. Então, fazendo a gente aprende né”, relatou em sua entrevista.

As informações técnicas, quando tem dúvida, afirma buscar junto ao escritório da Emater/RS-Ascar. A agricultora pondera, entretanto, que ouve o programa de rádio semanal do escritório municipal da Emater/RS-Ascar em função do horário adequado, 12h30, e das informações de utilidade pública. Q1 destaca que busca sanar determinadas dúvidas e a Emater/RS-Ascar “anuncia bastante o que eles vão fazer. Então a gente pra participar, a gente escuta rádio porque eles têm programa na rádio”.

A produtora Q4, que cursou até o Ensino Fundamental, construiu um vasto conhecimento a partir de sua experiência de vida. Hoje são mais de 70 tipos de alimentos produzidos na propriedade. O conhecimento para atender a essa variedade de tipos de manejo são, segundo Q4, resultado de “décadas de observação”.

Observar é tudo. Porque tu vai observando uma cultura, tu vai observando essa é de uma época, essa é de outra, essa precisa de um solo assim, essa precisa de um solo mais pobre ou mais rico, essa precisa mais água, essa menos e isso é uma questão de observar, observar todo o dia isso aí. E essa diversidade mantém o equilíbrio. (Q4, 2018)

Por outro lado, além das visitas da Emater/RS-Ascar e do acesso à informação pelo rádio, Q4 é testemunha do avanço da internet no meio rural. Atualmente a internet tem ganhado força no dia-a-dia da família, composta pelo casal e um filho, que possui Ensino Médio completo. Para conseguir esse acesso, segundo ela, não foi fácil, e a conexão ainda é instável. Mesmo assim, desde que a família começou a acessar a internet diariamente, há alguns meses, ela foi tomando o lugar do rádio e da televisão que eram os meios de comunicação mais presentes. Também recebiam informativos impressos da Prefeitura e buscavam mais frequentemente a assistência da Emater.

Tudo o que tá acontecendo de inovações na área da agricultura, se eu preciso de uma pesquisa, se eu tenho uma dificuldade, daí o técnico às vezes não pode vir, daí vou lá e faço minhas pesquisas. Se eu tiver algum problema na produção e coisa, aí eu busco as informações na internet. (Q4, 2018)

Q4 justifica a transição do rádio para a internet afirmando que: “a informação, eu busco, quando tenho tempo, se eu não estou trabalhando, posso ir lá e buscar. E se eu ligar o rádio é naquele momento e se dá a notícia lá, eu não tenho acesso”.

O jovem agricultor Q6, que possui curso superior, avalia que o avanço da infraestrutura e da telefonia móvel contribuíram para a ascensão da internet no meio rural, mesmo a longas distâncias. O agricultor afirma que “a dificuldade pra internet ainda é questão de sinal, seja sinal via rádio se é

num lugar muito, num buraco, digamos assim, ou não ter sinal de telefone, o que é bem raro. Quem quer internet hoje consegue, ou via rádio ou por telefone”.

A agricultora Q2, que possui Ensino Médio, e o agricultor Q6, com Ensino Superior, apresentam perspectivas semelhantes na forma de acessar informação já apontada nos dados quantitativos pelas pessoas com maior grau de escolaridade.

As principais atividades desenvolvidas na propriedade de Q6, com 8,5 hectares, onde é o sucessor dos pais, na Linha Gaúcha, a quatro quilômetros do perímetro urbano, são a produção de leite e a horticultura. Para qualificar o conhecimento técnico nas atividades que desenvolve e melhorar a gestão da propriedade, o agricultor cursou o ensino superior em Agronomia e está cursando duas pós-graduações *lacto sensu*, uma na área de cooperativismo e outra de gestão empresarial.

Neste momento em que tanto se fala das notícias falsas, as *fakenews*, o agricultor acredita que na internet, através de seu caráter interativo, ainda é possível buscar um contraponto em diferentes fontes de informação.

Pra mim a internet é a forma mais rápida e, digamos assim, mais fácil de conferir a veracidade da informação. Porque você ouve na rádio, por exemplo, uma notícia e você não consegue ir além. Na internet não, você pode ir atrás, ver o que aconteceu, o que foi feito, buscar mais informações em relação alguma coisa. E pela praticidade, o telefone até ali comigo, então é fácil, se eu preciso procurar algum assunto, procurar na internet. Se for pelo rádio, tu não consegue ir atrás de informação. O rádio, a TV, enfim, traz informações, mas não o que você precisa o que você quer. (Q6, 2019)

A internet também é fonte de informação técnica para o jovem agricultor que busca, principalmente, conteúdos sobre a área leiteira e gerenciamento da propriedade. Além disso, com o uso das redes sociais, busca divulgar seu trabalho e valorizar sua profissão através da produção de materiais em uma página própria no Facebook.

Mesmo com sua relação cotidiana com a internet, Q6 conduz também um programa semanal na emissora de rádio local, meio de comunicação muito popular no meio rural do município onde reside. Com isso possui uma percepção em relação à audiência e à produção de conteúdos radiofônicos, ou seja, em relação à recepção e à emissão de mensagens. Ele observa que no meio rural o ouvinte “costuma ouvir nos horários de manhã cedo, meio-dia e à noite. Principalmente bem cedo quando o pessoal levanta e de meio-dia, programas mais voltados à notícia, informação, né, não tanto música”. Estes seriam horários interessantes, portanto, para transmitir informações de assistência técnica pelas ondas do rádio.

Em relação ao serviço de assistência técnica e social, a jovem agricultora, Q2, de Santa Rosa, acredita que os meios de comunicação são facilitadores e estratégicos para estabelecer relações. Na mesma tônica de Q6, a agricultora Q2, que cursou o ensino médio completo, relata a ascensão da internet no último ano em seu cotidiano e de outras pessoas do meio rural. Para estabelecer contato com a extensionista que presta assistência à agroindústria familiar e a questões sociais da família, o aplicativo WhatsApp é a forma mais utilizada por Q2, especialmente para o agendamento de visitas.

Em relação ao acesso à informação através dos meios de comunicação, Q5 pondera, entretanto, de que hoje são várias fontes de informação técnica, para além do rádio e do serviço oficial de extensão rural, destacando que “quase todas as agropecuárias tem um técnico”. Assim como se comunicam com os técnicos, os agricultores se comunicam entre si, especialmente sobre o que pensam em relação aos resultados das recomendações técnicas. Se não houver honestidade por parte do técnico, o agricultor Q5 comenta que “ele vende uma vez, mas a segunda vez já não. O comentário é muito rápido. Tem um dia de campo, daí um fala assim, daí outro fala assim, daí outro escuta e já fala mal quando é o caso”.

O agricultor que possui Ensino Fundamental Incompleto e 40 anos de trabalho na agricultura também destaca que é preciso reconhecer que as pessoas já vão com um conhecimento pré-estabelecido aos dias de campo e já possuem informações anteriores ao que escutam no rádio. Sempre há novidade, mas é preciso respeitar e reconhecer o conhecimento que foi construído por gerações.

Sobre o programa da Emater na emissora de rádio local, que também é ouvido, Q5 comenta em relação ao conteúdo que “eles falam o que precisa plantar agora, o que precisa olhar, o pomar quando é época de poda, quando tem dia de campo, orientação, eles falam muito em como melhorar. Mas hoje já um pouco o pessoal já tem noção de tudo”. O comentário refere-se justamente aos saberes tanto de técnicos como de agricultores antes mesmo de se estabelecer uma nova comunicação, bem como a facilidade do acesso à informação de diferentes formas por ambos.

### **5.2.3 Faixa Etária**

Quando analisada a variável faixa etária, o rádio somente não é o meio em que mais se obtém informações do público entre 15 e 29 anos. Entre os jovens, com essa faixa etária, o meio de

comunicação mais acessado é a internet, sendo ela a preferida de 56% do total de jovens que responderam a pesquisa, seguida do rádio (28%) e da televisão (16%).

O cenário muda quando são pesquisadas as demais faixas etárias. A preferência pela internet dá lugar ao rádio, que atinge 51% entre as pessoas de 30 a 50 anos e 62% das pessoas com mais de 60 anos que responderam a pesquisa.

Na tabela relacional que leva em conta o público total da pesquisa, ratifica-se a importância do rádio principalmente entre adultos e idosos. A internet aparece de forma expressiva entre os jovens, alcançando grande parcela também de adultos e perdendo força entre os idosos. Este último público, além do rádio, busca informação na televisão.

Tabela 5 – Acesso à Informação por Faixa Etária (%)

|              | Rádio     | Jornal   | Internet  | TV        | Total      |
|--------------|-----------|----------|-----------|-----------|------------|
| Jovens       | 5         | 0        | 10        | 3         | 18         |
| Adultos      | 33        | 0        | 21        | 12        | 66         |
| Idosos       | 10        | 1        | 1         | 4         | 16         |
| <b>Total</b> | <b>48</b> | <b>1</b> | <b>32</b> | <b>19</b> | <b>100</b> |

Fonte: Elaborado pela autora

Quando avaliamos a relação entre a faixa etária e gênero, não há diferença entre a principal forma de acesso à informação entre homens e mulheres, sejam jovens ou adultos, mostrando, mais uma vez, a praticamente inexistente interferência da variável gênero na escolha pelo meio de comunicação em que se busca informação. As mulheres jovens, entretanto, parecem mostrar maior interesse pelo rádio do que os homens desta mesma faixa etária, apesar deste meio aparecer em segundo lugar entre ambos públicos. Por outro lado, entre os idosos, os homens parecem buscar mais informação principalmente pelo rádio, e as mulheres, em uma mesma proporção, no rádio e na televisão.

Tabela 6 – Acesso à informação de acordo com gênero e faixa etária (%)

|          | Homens |         |        | Mulheres |         |        | Total |
|----------|--------|---------|--------|----------|---------|--------|-------|
|          | Jovens | Adultos | Idosos | Jovens   | Adultos | Idosos |       |
| Rádio    | 1      | 15      | 6      | 4        | 19      | 3      | 48    |
| Jornal   | 0      | 0       | 1      | 0        | 0       | 0      | 1     |
| Internet | 5      | 12      | 0      | 6        | 8       | 1      | 32    |
| TV       | 2      | 6       | 1      | 1        | 6       | 3      | 19    |
|          |        |         |        |          |         |        | 100   |

Fonte: Elaborado pela autora

A presença do rádio apesar de constante junto a todos os membros da família de Q2, agricultora de 21 anos, desperta diferentes interesses em relação à programação, de acordo com a faixa etária. Segundo ela, seus pais preferem a programação noticiosa e, a jovem, o entretenimento e as informações relativas ao fornecimento de matérias-primas mais baratas.

Apesar da relação cotidiana com o rádio, a internet é a mais acessada quando Q2 precisa de informações técnicas. O local em que mora, distante quatro quilômetros da cidade, permite o acesso via operadora de telefonia móvel. Outras formas de acesso, como a internet via rádio ou antena, não funcionam.

Morador de Boa Vista do Buricá, o jovem agricultor Q6, de 28 anos, acessa frequentemente informações em distintas tecnologias da informação e da comunicação, dando preferência à internet. Sua resposta converge com o que respondeu o público, com idade entre 15 e 29 anos, na primeira etapa deste estudo, e reafirma o resultado quando se relaciona as variáveis gênero e faixa etária. Q6 ouve rádio no carro e na sala de ordenha, mas busca principalmente entretenimento musical. Televisão não assiste mais.

Aos 63 anos, Q1 vive com o esposo, o filho e a neta em uma propriedade na localidade de São Roque, a oito quilômetros do perímetro urbano de Tuparendi. O rádio é companheiro do cotidiano, uma vez que sua mobilidade e portabilidade permitem que esteja presente em diferentes espaços. Está muitas vezes presente enquanto desenvolve suas atividades, sendo que fica sob sua responsabilidade a produção de alimentos para autoconsumo como hortaliças, frutas, feijão, conservas, geleias, sucos, melado e panificados.

A simultaneidade de ações, não exigindo atenção exclusiva, permitindo que a agricultora acesse informação ao mesmo tempo em que trabalha é um dos principais motivos apontados por Q1 para a escolha pelo rádio como meio que sua família mais utiliza para acessar informação. “É que assim a gente pode ir trabalhando e escutando também no mesmo momento. Se é no caso a televisão já não dá né, internet também não. Então o rádio é o que a gente mais escuta, é o mais fácil, vai fazendo teus afazeres e a gente vai escutando”, afirma a agricultora.

A inserção do rádio e, por vezes, imersão nas comunidades – especialmente através do jornalismo - marca a característica do regionalismo. A visibilidade às informações locais fortalece o elo entre emissora e comunidade. A preferência de Q1 e seu marido, ambos com mais de 60 anos, é pelas rádios de perfil “AM” por priorizarem a divulgação de notícias. Entre as emissoras que possuem esse perfil, a escolha é por aquelas que mais se aproximam da realidade local, reforçando a característica do regionalismo. Por estar inserido em uma comunidade, no hiperlocal, reflete os

anseios e os interesses daquela comunidade. Contribui para a construção de sua identidade cultural. A moradora de Tuparendi diz que a preferência sempre é pela Rádio Mauá, “porque se é uma notícia aqui do município daí é na Mauá”.

A ascensão da internet e sua proximidade cada vez maior com a forma de se comunicar no meio rural também são percebidas pela agricultora, mesmo em seu grupo de convívio, onde a maioria possui mais de 60 anos.

Mais é o rádio que a gente mais escuta no caso né. Se não na internet, no Whats, que a gente tem uma comunicação com a comunidade, daí a gente já bota no grupo, daí o pessoal vê né. Daí a gente se comunica também assim, que é fácil. Mas isso há pouco tempo também, faz pouco tempo, um ano e pouco que a gente tem esse grupo. Mas isso é muito bom. (Q1, 2018)

Essa relação com o rádio e com a internet é percebida também pelo agricultor Q6<sup>11</sup>, de 28 anos, que acredita que o estabelecimento de relações sociais e de comunicação interpessoal é o que mais buscam os agricultores de diferentes faixas etárias, sejam homens ou mulheres, na internet: “Acho que tá avançando bastante pra pessoas de mais idade, não tanto pela busca de informação, mas pra contato, diversão, lazer”. Nas localidades do município em que reside, Boa Vista do Buricá, percebe que muitas pessoas “de mais idade, nos últimos tempos, tem colocado internet pra se comunicar com outras pessoas via Facebook e WhatsApp”.

Agora, quando se leva em conta a relação entre idade e grau de escolaridade, o rádio recebe destaque em diferentes grupos. Em uma comparação entre jovens com diferentes graus de escolaridade há diferença na escolha entre a forma de acessar informação. A internet tem a preferência entre os jovens com Ensino Fundamental, Médio e Superior. Vale ressaltar que entre aqueles que possuem Ensino Fundamental e Superior, o rádio também se apresenta como importante meio de acesso à informação, apesar de não ser o principal. Já entre os jovens com ensino fundamental incompleto, os principais meios de acesso à informação são o rádio e a televisão, ratificando a maior influência do grau de escolaridade do que da faixa etária na escolha pelo meio de comunicação entre este grupo.

Entre os adultos com Ensino Fundamental Incompleto e Completo o rádio se apresenta como principal forma de acessar informação, seguido da televisão. O cenário se modifica entre os adultos com Ensino Médio, onde a internet tem relevância semelhante ao rádio, e Ensino Superior, onde a internet é claramente o meio principal de acesso à informação, revelando, desta forma, que a

<sup>11</sup> Entrevista concedida a Deise Anelise Froelich. Boa Vista do Buricá (RS), 23 de janeiro de 2019.

variável grau de escolaridade interfere diretamente sobre a escolha do meio de comunicação em que mais se acessa informação.

Os idosos, por sua vez, independentemente do grau de escolaridade, apontaram o rádio como principal meio de buscar informação, muito embora deva-se levar em conta que a grande maioria destes possui até o ensino fundamental.

Tabela 7 – Acesso à Informação de Acordo com Faixa Etária e Grau de Escolaridade (%)

|           | Fund. Incomp. |          |         | Fundamental |          |         | Mé dio  |          |         | Superior |          |         |        |
|-----------|---------------|----------|---------|-------------|----------|---------|---------|----------|---------|----------|----------|---------|--------|
|           | Jovens        | Adu ltos | Ido sos | Jovens      | Adu ltos | Ido sos | Jov ens | Adu ltos | Ido sos | Jove ns  | Adu ltos | Ido sos | Tot al |
| Rádi o    | 1             | 18       | 7       | 1           | 6        | 1       | 2       | 9        | 1       | 1        | 1        | 0       | 48     |
| Jorn al   | 0             | 0        | 1       | 0           | 0        | 0       | 0       | 0        | 0       | 0        | 0        | 0       | 1      |
| Inter net | 0             | 3        | 1       | 2           | 3        | 0       | 7       | 9        | 0       | 3        | 4        | 0       | 32     |
| TV        | 1             | 6        | 2       | 1           | 3        | 1       | 1       | 4        | 0       | 0        | 0        | 0       | 19     |

Fonte: Elaborado pela autora

O agricultor Q3, de 39 anos, possui Ensino Médio Completo e cursou o técnico em Agropecuária. O sustento da família, que é formada também por seus pais e sua irmã, vem da produção leiteira e da fruticultura desenvolvidos em Lajeado Capoeira, interior de Santa Rosa.

Quando é necessário buscar informação, a preferência é pelo veículo rádio. “Previsão do tempo geralmente é rádio, sempre ligado de manhã”, comenta Q3 (2018). O rádio é presença cotidiana nas manhãs da família, que é formada por duas pessoas de 62 anos, uma de 39 e outra de 32. Saber o que esperar do tempo é essencial para definir as atividades do dia e tomar as decisões em relação ao manejo das culturas que interferem sobre a renda da família. Além da previsão do tempo, o agricultor afirma que a audiência é atraída pelo noticiário local, que reforça o sentimento de pertença à comunidade, ao local em que vive.

A simplicidade do rádio, dispensando para sua produção todos os aparatos necessários em meios visuais, é outra característica que contribui com sua popularidade. A linguagem simples é um dos elementos que mais atrai a audiência da família do agricultor Márcio Q3. “Meu pai e minha mãe não conseguiram aprender mexer no WhatsApp. Nem todos tem esse acesso. E rádio tu liga lá e todo mundo escuta, todo mundo entende”, afirmou ao confirmar a menor incidência da internet entre os idosos de sua convivência.

O agricultor Q5,<sup>12</sup> de 60 anos, morador da linha Revolta, em Santo Cristo, vive a quatro quilômetros da cidade. Os meios de comunicação que chegam até Q5 e sua esposa, ambos com Ensino Fundamental Incompleto, são o rádio e a televisão. Para a internet não há sinal e o jornal não é entregue nas residências do meio rural do município.

<sup>12</sup> Entrevista concedida a Deise Anelise Froelich, janeiro de 2019, Santo Cristo/RS.

O casal ouve rádio, pela manhã, e assiste televisão, pela noite, diariamente. No rádio se aproximam de informações mais voltadas à realidade local e ao rural. Na televisão, gostam de assistir programas sobre alimentação e saúde, bem como o noticiário regional e nacional.

#### 5.2.4 Renda

Quando levada em conta a variável renda, pode-se verificar na tabela abaixo de que o rádio apresenta-se como o meio mais presente entre aqueles que possuem os níveis mais baixos de renda, contemplando principalmente da primeira até a quinta faixa. A internet e a televisão, por outro lado, também são citados com frequência entre as faixas 1 e 5.

Entre os níveis maiores de renda, entretanto, a internet e o rádio possuem grau acentuado de relevância, sendo que em algumas faixas maiores, a internet já aparece em primeiro lugar como principal meio de acesso à informação.

Tabela 8 – Acesso à Informação de Acordo com o Nível de Renda dos Agricultores Familiares (%)<sup>13</sup>

|          | Faixa 1 | Faixa 2 | Faixa 3 | Faixa 4 | Faixa 5 | Faixa 6 | Faixa 7 | Faixa 8 | Total |
|----------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|
| Rádio    | 4       | 6       | 8       | 10      | 12      | 5       | 3       | 1       | 49    |
| Internet | 1       | 3       | 3       | 7       | 8       | 6       | 2       | 1       | 32    |
| TV       | 2       | 3       | 3       | 4       | 2       | 3       | 1       | 0       | 18    |
| Jornal   | 0       | 0       | 0       | 0       | 0       | 1       | 0       | 0       | 1     |
|          |         |         |         |         |         |         |         |         | 100   |

Fonte: Elaborado pela autora

A popularidade se confirma também pelo rádio ser acessível em linguagem e em custo. Assim como já mencionava Barbosa Filho (2009, p.47), a popularização já iniciou a partir da década de 40: “as palavras, a forma de falar, são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas. O transistor facilitou esse caráter, já que permitiu uma audiência personalizada, individual, com a fabricação de rádios a bateria, o que barateou o custo do aparelho”. Ou seja, o barateamento do aparelho permitiu já na primeira metade do século XX que a audiência que antes era coletiva – muitos se reuniam em grupos para ouvir o rádio, especialmente em regiões mais longínquas do meio rural – passasse a ser individualizada, com aparelhos receptores presentes em

<sup>13</sup> A faixa de renda 1 corresponde a até R\$ 854; a faixa 2 de R\$ 855 até R\$ 1113; a faixa 3, de R\$ 1114 a 1484; a faixa 4 contempla de R\$ 1485 a R\$ 2674; a faixa 5 de R\$ 2.675 até R\$ 4.681; a faixa 6, de R\$ 4.682 até R\$ 9.897; a faixa 7 contempla de R\$ 9898 até R\$ 17.434; e faixa 8 corresponde àqueles que possuem renda familiar mensal superior a R\$ 17.434.

residências de pessoas com diferentes faixas de renda. Ainda hoje, o rádio possui custo mais acessível, se comparado a outros veículos, na produção e na recepção da informação.

Segundo pesquisas recentes, praticamente toda residência tem pelo menos um ou vários aparelhos; a proporção é de um rádio por pessoa. Tal fato ocorre porque seu preço é quase sempre acessível e sua abrangência alcança basicamente qualquer lugar, mesmo onde não existe energia elétrica ou as transmissões televisivas ainda não chegaram (BARBOSA FILHO, 2009, p. 48).

Apesar de o rádio chegar ao meio rural ainda com abrangência significativa, deixa a desejar em alguns quesitos do conteúdo por ele transmitido, especialmente no acesso à informação técnica, bastante restrita na programação de algumas emissoras. Em alguns casos a proximidade se dá em anúncios comerciais, o que contribui para que se possa saber mais sobre produtos que precisam ser comprados fora da propriedade, tenha-se informações sobre novidades e se possa promover produtos produzidos no meio rural.

Até mesmo a informação que chega com a participação da Emater/RS-Ascar, conforme observa Q2, é mais voltada à divulgação de eventos e não necessariamente a orientações técnicas, muito embora, são justamente nestes eventos que são apresentadas informações técnicas com maior profundidade e, para isso, o rádio é muito importante no processo de mobilização do público.

Fazem muita propaganda do mercadão público também (...) Tipo, tem gente que também bota lá. ‘Venho do interior, vendo tal coisa’. Eles interagem. (...) Tinha que mais indicar os agricultores, não importa qual rádio, porque assim, da cidade, todo mundo já está mais acostumado, vê mercado, vê produto, agora no interior não. (...) Quando eu mando mensagem, falo Agroindústria <nome da agroindústria>, e depois falo meu nome. Porque mostro que a agroindústria tá participando, é o interior, é Lajeado Figueira. Eu boto o nome do interior junto na rádio (...). Eu estou só me enturmando com essas pessoas pra mostrar que no interior tem gente. Não só na minha agroindústria, em todo o lugar do interior. E tipo assim, coisa da Emater eles falam. Quando aparece uma programação diferente, encontro de jovens, encontro daquilo. Teve um da Emater que falou lá na rádio, eu escutei. Quando eles falam alguma programação ao invés de eles botar geral, falar das agroindústrias, bota mais o povo do interior dentro da programação. (Q2, 2018)

Da mesma forma, seja qual a distância do local em que os entrevistados residem, de zero a 30 quilômetros do perímetro urbano, mais uma vez o rádio foi citado como o principal meio midiático de informação. O agricultor Q3<sup>14</sup> mora a 20 quilômetros do perímetro urbano de Santa Rosa e acredita que no caso de sua família a distância não influencia na opção pelo rádio como meio de comunicação mais acessado, uma vez que há acesso à televisão e à internet em sua

<sup>14</sup> Entrevista concedida a Deise Anelise Froelich em 17 de novembro de 2018, Tuparendi/RS.

propriedade rural. Já o acesso ao jornal é influenciado por esta distância, uma vez que não são disponibilizadas assinaturas para o interior do município.

Contudo, comenta da dificuldade da manutenção de um sinal estável de internet, tornando a mobilidade e a portabilidade vantagens do acesso ao rádio.

A internet geralmente é difícil né, quem tem aqui no interior é via rádio. Sinal de celular, depende onde tu vai, cai. Não é bom o sinal aqui. Daí não tem como ficar acessando internet via celular que depende o lugar que tu tá igual vai cair. Daí tu vai tá geralmente só de noite dentro de casa pra acessar a internet via rádio. O Wi-fi não tem alcance grande. (Q3, 2018)

O agricultor também afirma que poder trabalhar ao mesmo tempo em que ouve o rádio é o grande diferencial, por isso de ser um fiel companheiro do cotidiano.

## 6 ACESSO À INFORMAÇÃO X ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS

Entre 2011 e 2018, na região de Santa Rosa, a Emater/RS-Ascar executou políticas públicas do Governo Federal como o Programa de Promoção da Agricultura Familiar Sustentável (Chamada Pública da Sustentabilidade/2012 no Lote 44), Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural para Promoção da Agricultura Familiar Agroecológica, Orgânica e Agroextrativista, conhecido como Chamada Pública da Agroecologia, Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais vinculado ao Plano Brasil Sem Miséria, projetos de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), entre outros, assim como orientações e apoio à organização para acesso a mercados institucionais via Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae).

Também é a principal executora de políticas públicas do Governo do Estado no meio rural como o Programa Estadual de Irrigação, Programa de Extensão Cooperativa, Programa Leite Gaúcho, Programa Estadual de Agroindústria Familiar, Programa de Pecuária Familiar, Programa Estadual de Solos Conservar para Produzir Melhor, Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar e desenvolvimento de projetos técnicos do Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento de Pequenos Estabelecimentos Rurais (Feaper). Da mesma forma apoia e contribui na execução de diversas políticas públicas municipais voltadas, por exemplo, à assistência social no meio rural, em atuação conjunta com Centros de Referência em Assistência Social (Cras) e outras, como o Programa Municipal de Proteção de Nascentes, em Porto Vera Cruz, e o Programa Municipal de Solos, em Independência, por exemplo.

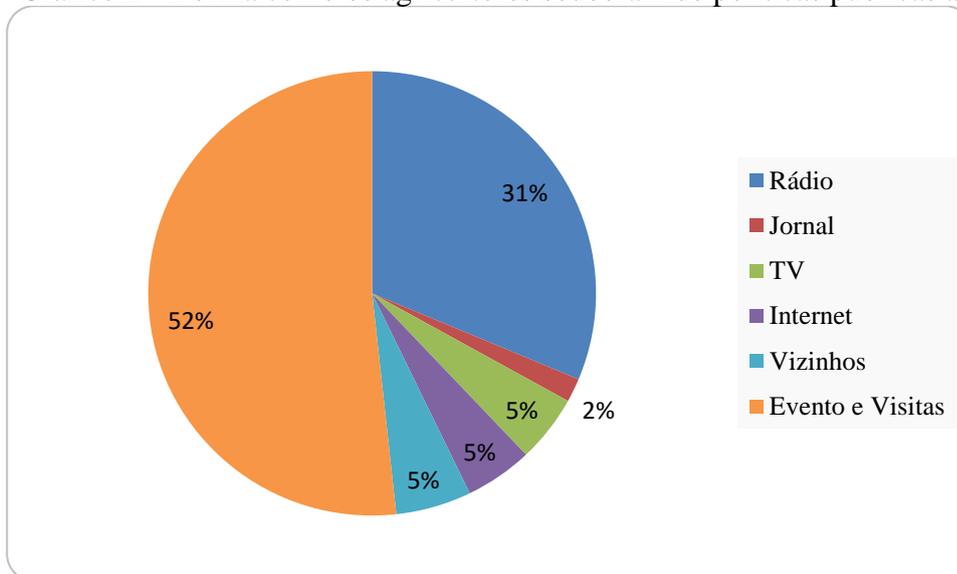
Na etapa quantitativa deste estudo, os agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar também foram questionados sobre a forma que ficaram sabendo sobre a última política pública que acessaram. Deste modo, em um primeiro momento respondiam à pergunta: “Qual foi a última política pública que você acessou ou se beneficiou”? A pergunta levou em conta que todos os agricultores entrevistados, por serem assistidos pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) oficial do RS, em algum momento já acessaram uma política pública ao meio rural, o que implica necessidade de acesso à informação e tomada de decisão sobre algo que irá influenciar diretamente na propriedade rural e na vida daqueles que nela residem e tiram seu sustento.

As respostas contemplaram principalmente o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf, Assistência Técnica da Emater/RS-Ascar, Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar, Programa Estadual de Agroindústria, Programa de Produção

de Base Agroecológica, Programa Estadual de Irrigação, Programa de Extensão Cooperativa e Ater para Mulheres.

Em seguida respondiam à pergunta: Como você soube desta política pública? Entre os que responderam ao questionário, 52% afirmaram que souberam da política pública por intermédio de eventos e de visitas de técnicos. Os meios de comunicação também foram relevantes no acesso à informação sobre políticas públicas adotadas nas propriedades, sendo que 31% souberam pelo rádio; 5% pela internet; 5% pela televisão e 2% através do jornal. Os vizinhos foram apontados por 5% dos entrevistados. Este resultado aponta que eventos e visitas de técnicos foram mais eficientes do que os próprios meios de comunicação na promoção do acesso à informação sobre políticas públicas, fator que influencia diretamente em suas vidas.

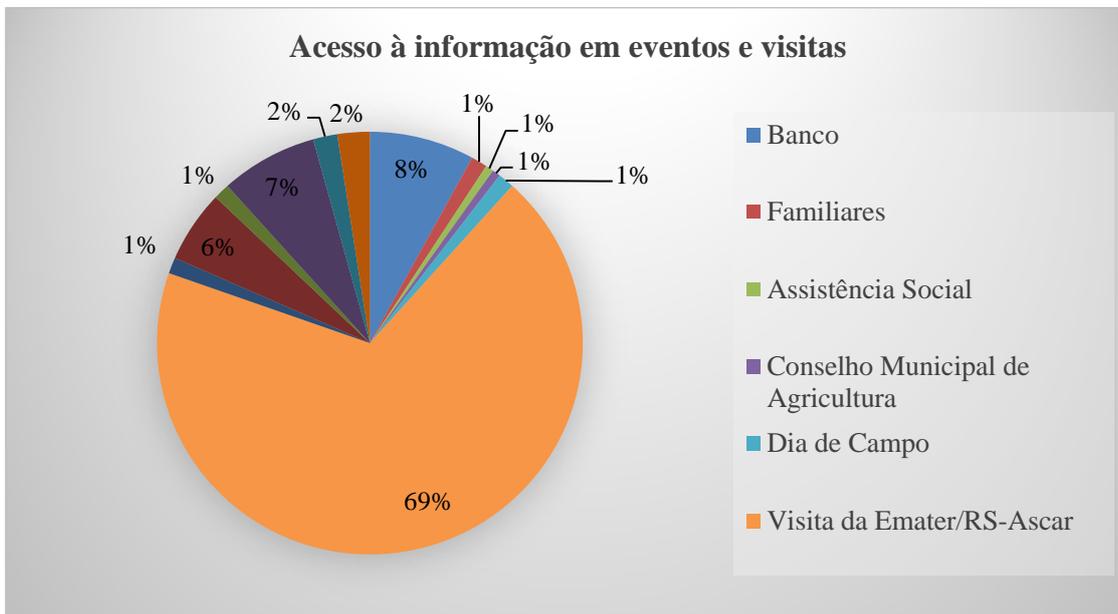
Gráfico 2 – Forma como os agricultores souberam de políticas públicas adotadas nas propriedades



Fonte: Elaborado pela autora

Quando se buscou detalhar mais sobre a forma como esta maioria – que respondeu ser através de “eventos” e “visitas de técnicos” – soube da existência da política pública, 69% apontou que teve conhecimento por intermédio de visitas da Emater/RS-Ascar. Outros 8% apontaram agentes financeiros; 7% através da participação em reuniões; 6% no Sindicato dos Trabalhadores Rurais; 2% por meio da Emater/RS-Ascar e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; 2% através da escola; 1% em ação conjunta da Prefeitura e da Emater/RS-Ascar. O percentual de 1%, cada, também foi daqueles que responderam dia de campo, familiares e cooperativas. Da mesma forma, a Assistência Social e o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural foram apontados por 1%, cada, dos entrevistados.

Gráfico 3 – Acesso à informação sobre políticas públicas em eventos e visitas



Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados ressaltam, neste sentido, que a forma de comunicação que mais influencia no acesso às políticas públicas é o diálogo com o técnico, através de visita. O rádio, a internet e a televisão destacam-se como difusores de informação, sendo que esta última apresenta uma maior viabilidade e tendência de interação.

A importância do rádio, por exemplo, para acessar informações sobre políticas públicas e, sobretudo, da presença do técnico e de metodologias de Assistência Técnica e Extensão Rural para tomar conhecimento de ideias que foram posteriormente adotadas na propriedade também foram ressaltados nos depoimentos dos agricultores entrevistados na etapa qualitativa desta pesquisa. Por outro lado, todos ressaltaram que o vínculo de confiança com o técnico é primordial na tomada de decisão.

Vamos voltar à história de Q1, de 63 anos, cuja família é assistida da Emater/RS-Ascar há mais de três décadas em sua propriedade no interior de Tuparendi. O trabalho desenvolvido pela agricultora na propriedade fez com que o diagnóstico realizado por meio do Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar, executado pela Emater/RS-Ascar, apontasse 92% de autossuficiência alimentar da família, ou seja, o percentual corresponde aos alimentos produzidos na propriedade, sem necessidade de adquirir os produtos externamente, em mercados, por exemplo.

Desde sucos, eu guardo, compotas, conservas, amendoim. Tamo entre dois aqui em casa e temos três congeladores pra poder guardar todas as coisas dentro né. Porque desde o amendoim, o feijão, a gente guarda no congelador né, que daí tem pro consumo, daí não estraga. Carne a gente também tem aqui né, banha, salame, tudo essas coisas a gente produz aqui, no caso. E daí nos congeladores a gente também conserva, desde frutas, eu guardo pêssegos, pera, morango, abacaxi, abacaxi tem poucos pés, mas tem. Pêssego, laranjas, suco de laranja, das frutas assim, maracujá, tudo essas coisas nós guardamos suco (Q1, 2018).

A alimentação diversificada é aproveitada também pelo filho e pela neta do casal, que também moram na propriedade, mas em residência ao lado.

Quando precisa de uma informação técnica mais aprofundada, a família de Neusa procura a Emater/RS-Ascar, pessoalmente, o que segundo ela ratifica o vínculo de confiança. O acesso à política pública Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar se deu a partir de visita de técnicos da Instituição, que explicaram os requisitos, as etapas e os benefícios em acessá-la. Quando questionada se há diferença entre a visita e a divulgação das informações através de um veículo de comunicação, afirmou que o diálogo presencial foi fundamental para a decisão de se inserir no Programa.

É diferente o dia que eles estão aqui. A gente sempre se reunia e ficava, sentava e conversava bastante com eles. Tem <nomes dos técnicos>, sempre vinham eles três e faziam as perguntas todas por causa dessa Gestão. Bem legal. Com a Emater a gente se comunica bastante (Q1, 2018).

Nos dias de campo, Q5 e a esposa, agricultores que vivem em Santo Cristo, têm a oportunidade de trocar e construir saberes. A família também preza pelas visitas às propriedades, o contato com vizinhos e com a comunidade. Acredita ser importante para a troca de experiências e melhorias em sua propriedade e em suas vidas.

Eu quando vou <no dia de campo> eu não fico parado no último lugar. E eu sou uma pessoa assim, se eu vou passear, num lugar, (...) eu não sou uma pessoa que vai olhar o que tá errado. Daí fui no <nome do agricultor> e no final das contas, ainda encontrei um chá que eu tava procurando, de pitaia. E tem gente que vem aqui, se sentam ali e de noite vão embora e eles não olharam nada, nada, nada. Daí eu digo, 'isso não é visita', tu ficar sentado. Acredita que em cada lugar, alguma coisa tu enxerga que ainda aprende (Q5, 2019).

Com a fala de Q5, mais uma vez a valorização da informação presencial e empírica e das relações interpessoais, seja com técnicos, vizinhos, familiares, para a construção do conhecimento fica evidente. Suas mais de quatro décadas na agricultura permitiram a construção de muito

conhecimento, no entanto, segundo Q5, sempre há o que aprender. O agricultor destaca também a importância da participação em eventos para acessar informação sobre tecnologias e políticas públicas.

Eu às vezes nem precisava ir no dia de campo, mas pra ver, sempre tem alguma coisa que tu não sabe. Porque ano passado, num dia de campo que eu fui, me chamou atenção uma palavra e eu pensei, eu vou: Manejo do Carrapato. Inclusive morreram umas vacas de tristeza por causa do carrapato. Claro que depois quando tu tá na palestra, daí tu lembra que já falaram que é pra fazer tantos piquetes, porque tem o ciclo do carrapato. Por causa disso eu fui junto e ele explicou de novo: fazer o piqueteamento. Porque a gente tem o costume de levar as vacas no potreiro e elas dormem no mesmo lugar, aí hoje uma pega, amanhã outra e no final tu não tem. Daí essas informações tu pega quando tu vai junto. (...) No final ele falou uma coisa, tu vê, eu poderia ter ido atrás (...) citronela. Citronela tu é pra colocar em banho-maria e na cachaça e dar banho no gado, daí diz que cai o carrapato. Isso eu sempre penso quando tu quer começar com o leite orgânico, quando não é pra botar remédio. (Q5, 2019)

O interesse pelos dias de campo foi reforçado também a partir da inserção de sua família, em 2012, no Programa de Promoção da Agricultura Familiar Sustentável, também conhecido como Chamada Pública da Sustentabilidade, financiado com recursos do Governo Federal e executado pela Emater/RS-Ascar. Pela emissora de rádio local souberam da existência da política pública que permitiu assessoramento continuado e gratuito à propriedade ao longo de três anos. Foi o acesso à informação transmitida no Programa da Emater que despertou o interesse pela participação.

O diagnóstico rural participativo, em uma das atividades coletivas realizadas com os beneficiários do programa, foi, segundo o agricultor, um dos momentos mais marcantes. Na oportunidade o grupo construiu um mapa com a leitura da paisagem e da comunidade, seguindo da Linha Revolta até a Linha Bernardo. “Eu tenho guardado até hoje este mapa, daqui uns anos dá pra ver quem mora ainda e quem não mora mais, onde passa o rio”, comenta Q5.

As informações na propriedade da família de Q2, de 21 anos, chegam também principalmente pelo rádio, mas quando da decisão de acessar o Programa Estadual de Agroindústria foi importante a presença do técnico na propriedade, situação que se assemelha com o relato de Q5.

Q2 estudou o ensino médio completo, e sua família tira seu sustento da agroindústria construída ao lado de sua residência, em Lajeado Figueira, a quatro quilômetros do centro de Santa Rosa.

A sua história e o contexto em que vivem influenciaram sobre o comportamento, as decisões, o modo como vê a vida e a decisão por seguir na propriedade, ratificando o contexto de sucessão familiar rural. Na agroindústria são processados mandioca, melado, geleias e panificados. Para atender à produção da matéria-prima, processamento dos alimentos e comercialização, as

tarefas são divididas entre três pessoas: Q2, seu pai e sua mãe. Os produtos são comercializados no Mercado Público e para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), política pública do Governo Federal por meio da qual são adquiridos alimentos oriundos da agricultura familiar e, em sua modalidade de doação simultânea, são doados para entidades socioassistenciais do município. Entretanto, Q2 afirma que ainda é preciso ampliar mais a comercialização para qualificar a renda, para isso, acredita que o rádio pode ser um importante aliado. A contribuição dos veículos no meio rural, portanto, não se voltaria somente ao acesso à informação para a produção da matéria-prima, mas como forma de divulgação para ampliar a comercialização, essencial para a geração de renda na propriedade. A jovem comenta, neste sentido, que “a gente quer botar mais anúncio da nossa agroindústria, porque na minha parte, tem a parte da soja, dos panificados de soja, daí a gente tem que chamar mais o público pra conhecer nossos produtos”.

O empreendimento está incluso no Programa Estadual de Agroindústria Familiar. Para a legalização da agroindústria, contou-se com o apoio da Emater/RS-Ascar nos diferentes processos, desde a informação sobre como acessar o Programa até as orientações nos passos seguintes.

Eu peço muita ajuda da Emater, principalmente da Ivânia, que ela é mais, tipo, ela vem ajudar a fazer os produtos. Ela me ajudou a fazer negócios de soja. Me ajudou em um monte de coisa também, até pra fazer bolacha diferente. (...) É, a Emater ajudou muito, não é só pela Ivânia, mas pelas outras pessoas que trabalham lá e ajudaram. Meu pai disse que se não fosse pela Emater também não ia conseguir abrir a agroindústria. (...) tem que ter apoio da prefeitura, apoio dali, ai, um monte de coisa. *Entrevistadora*: E como tu estabelece essa relação com a Emater? *Joana*: tipo, eu soube por um curso que ela fez lá em Faxinal, que ela faz os encontros e eu descobri ela lá. E também minha mãe falou muito de mim pra ela, que eu ia voltar. A minha mãe ia muito na Emater, e ela falava ‘olha, se quiser minha ajuda, eu ajudo’. Então até hoje tá me ajudando. (Q2, 2018)

Apesar da relação cotidiana da família com o rádio e a internet, a jovem agricultora acredita que a presença física do extensionista é fundamental para a tomada de decisões. Sob o ponto de vista de Q2, a comunicação da Emater/RS-Ascar deveria ser a mais presencial possível aproximando ainda mais o meio rural das políticas públicas.

Eles tem que ir na casa das pessoas, porque rádio tem gente que escuta e tem gente que não escuta (...). A gente sempre tá em casa, quem é do interior tá em casa, não tá faltando ninguém. E tipo tem gente que está mais na casa, porque rede social tem pouca gente que vê, rádio tem poucos que escutam, TV tem um e outro que vê. Eles tem que ir nas casas, conhecer o lugar, ver como é a vida das pessoas, assim sabe. (...) O meu pai conversou com o pessoal da Emater, eles não sabiam que a gente existia lá no interior. Meu pai teve que correr atrás, fazer tudo aquilo (...). Santa Rosa é um lugar que eles têm que ir atrás das pessoas, pra ver os produtos, porque tem gente que tá vendendo sem ter nenhuma

legalização. Pra conhecer os produtos porque tem gente quem não sabe o que é a Emater, então é melhor fazer um tour em Santa Rosa pra conhecer as pessoas. (Q2, 2018)

Nesta mesma tônica, o agricultor Q3, de 39 anos, que cursou o técnico em Agropecuária, quando questionado sobre onde busca informações de ordem geral afirma ser o rádio e, quando quer informações técnicas a ser implantadas na propriedade, afirma que a opção é buscar a internet e a Emater/RS-Ascar.

*Entrevistadora* - Quando é informação técnica, quando precisa de alguma coisa pra propriedade, onde vocês buscam informação? É no rádio também ou é em outros lugares? *Q3* - Informação técnica assim, geralmente, na Emater. *Entrevistadora* - Vocês vão direto na Emater? *Q3* - Direto na Emater. E via WhatsApp também funciona. *Entrevistadora*: E esse WhatsApp vai pra quem? *Q3* - Pra Emater. (Q3, 2018)

Ele ainda acrescenta que o contato pessoal com o técnico permite uma informação em tempo real, na hora. Um exemplo prático foi a implantação de um projeto de irrigação na propriedade. Q3 ficou sabendo através do rádio sobre a existência da política pública Programa Estadual de Irrigação. O rádio, neste caso, foi essencial para promover o acesso à informação, uma vez que sem ela, não seriam possíveis os próximos passos.

Com o acesso à informação, foi até o escritório municipal da Emater/RS-Ascar, onde recebeu assistência técnica na elaboração do projeto de açude e na implantação da ferti-irrigação aproveitada nas pastagens e na fruticultura, esta última atividade também implantada com orientações técnicas da Instituição de assistência técnica e extensão rural. “Geralmente na rádio é só lançado o projeto, tipo o programa de governo de irrigação, meio por cima, e pra aprofundar, conhecer mais, tem que ter relação de confiança com o técnico”, afirma Q3.

Sobre a forma como a Emater/RS-Ascar se comunica, Q3 afirma que:

Por enquanto não dá pra se queixar, eles tem WhatsApp, tem acesso via internet, via e-mail, tem telefone, não tem como, não vejo meio de melhorar né. Eles tão sempre ali se tu precisa, se tu liga, eles parecem. (...) Tá bem aproveitado, todos os meios (Q3, 2018).

A agricultora Q4, de 46 anos, moradora do Rincão dos Souza, no interior de Santa Rosa, acredita que o conhecimento é um dos principais diferenciais para quem permanece no meio rural e busca qualidade de vida para si, ao mesmo tempo, que contribui para uma vida mais sustentável para as demais pessoas. Na propriedade, que fica a 12 quilômetros do perímetro urbano, as principais atividades produtivas são a horticultura e a fruticultura, sendo que os alimentos produzidos possuem certificado de conformidade orgânica emitido pelo Ministério da Agricultura,

Pecuária e Abastecimento (Mapa), renovado anualmente. “A gente sempre produziu sem quase nada. Aí veio essa ideia da Emater, a gente abraçou isso, porque a gente é sempre muito receptivo, gostou, foi amadurecendo a ideia. Agora já vamos entrar pro sexto ano. A gente tem muito a aprender ainda, mas já aprendi muito”, acrescenta Q4.

Há três anos também tem recebido grupos em atividades de turismo rural. Segundo Rosa, quando precisam de alguma informação técnica, procuram a Emater/RS-Ascar: “porque a gente é assistido deles há 30 anos, daí cria este vínculo né. E é a entidade que trabalha mais direto com o agricultor”, justifica a agricultora.

A família da agricultora está inserida no Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar, por meio do qual recebe assistência técnica e social de forma gratuita. Quando perguntada sobre como soube desta política pública, Q4 explica que foi procurada pelos técnicos da Emater/RS-Ascar. “Visita da Emater é muito importante, porque eles nos incitam a produzir, eles nos valorizam. A gente se sente mais valorizado com essas visitas, seja social ou técnica. Isso é muito importante, dá um ânimo a mais né”, afirma a agricultora.

Q4 afirma ainda que após acessar alguma informação através de um veículo de comunicação, para chegar à tomada de decisão, é importante a presença do técnico. “A gente é bem receptivo, disposto a novas ideias, inovação, porque a gente não faz nada sozinho, é uma caminhada né. E sempre é bom ter o auxílio de alguém, uma assessoria.”

Periodicamente o agricultor Q6 acessa o Pronaf, especialmente para o custeio pecuário e em sua modalidade Mais Alimentos, cujas informações são acessadas em sites considerados confiáveis. Q6 relata que para saber mais sobre as políticas públicas existentes acompanha “muitos sites e páginas voltadas à agricultura, como da Emater, Canal Rural, próprio Ministério da Agricultura”.

Por outro lado, Q6 reconhece que ainda muitos buscam a presença do técnico. A priorização pelo contato presencial com o técnico para acessar informação acredita que, entre outros fatores, pode ter relação com a faixa etária, mencionando que “pessoas de mais idade ainda confiam mais no técnico. Preferem ir na cooperativa ou na Emater ou na Prefeitura conversar com o técnico pessoalmente, do que uma informação que está na internet”.

O motivo desta busca pelo técnico estaria relacionado, na concepção do agricultor de 28 anos, com um vínculo de confiança e maior credibilidade em relação à informação disponibilizada em redes sociais e nos sites da internet. Contudo, ele pondera destacando que a internet é aproveitada, muitas vezes, para estabelecer comunicação com o técnico: “Eu acredito que muita

gente use a internet pra fazer esse meio de campo também, pra ligar por WhatsApp, pra conversar com o técnico” (Q6, 2019).

Com essas ponderações dos agricultores compreende-se melhor o porquê de a internet já estar ascendendo ao segundo lugar de meio de comunicação mais acessado entre os agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS e, de outro lado, alguns fatores que contribuem para a tradição do rádio como meio de acesso à informação no meio rural. Contudo, o contato com o técnico ainda é muito valorizado e se faz necessário para embasar decisões e adoção de ideias nas propriedades.

O diferencial da mudança está no diálogo, não simplesmente no acesso à informação ou na adoção da tecnologia em si como etapas isoladas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fio condutor entre o processo de comunicação e a tomada de decisões está na interação por meio de formas de comunicação bilaterais, de modo especial o diálogo estabelecido nas relações interpessoais. Esta interação vai ser crucial para que a instituição de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) desenvolva suas atividades com êxito e para que seu público assistido possa construir seus elementos decisórios com maior embasamento.

Ser humano e sociedade estão em constante relação; nenhum é estático e os dois coexistem e transformam-se em função desta relação. Esse vínculo contínuo entre indivíduo-sociedade faz com que toda ação, por mais simples que seja, esteja inserida em um contexto sociocultural, reafirmado, transformado e construído pelo elo da comunicação. Não é questão de aceitar ou ignorar esta relação. Ela existe, influencia em nossas decisões, faz parte de nossa identidade e da história das nossas comunidades, da sociedade.

Entre os meios de comunicação mais populares de nosso país, o rádio também reafirma sua importância no meio rural da Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, especialmente diante dos dados e das discussões apresentados neste estudo.

O repertório cultural da comunidade, em diferentes momentos, confunde-se e reflete o que foi informado e difundido pelos veículos de comunicação locais. Da mesma forma o conteúdo da programação das emissoras de rádio reflete o contexto histórico e as peculiaridades culturais da região onde está inserida. Veículos de comunicação e desenvolvimento das comunidades em que estão inseridos influenciam-se mutuamente. Neste sentido, quem está à frente de um microfone em uma emissora de rádio, por exemplo, assume o papel de porta-voz de interesses coletivos, ou individuais, e exerce evidente influência sobre o público ouvinte. Entretanto, deva-se reconhecer de que apesar de ser um importante meio de acesso à informação, nem sempre oportuniza o processo completo de comunicação em que emissor e receptor da mensagem interagem. Permite que a informação seja divulgada, mas dificilmente discutida.

Embora de extrema importância na trajetória da comunidade e presente há mais de 60 anos na região, são poucos os registros acerca da memória e da programação das emissoras de rádio na região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, de modo especial, em relação aos conteúdos voltados aos ouvintes do meio rural. Da mesma forma, a compreensão sobre a influência dos jornais, da televisão e da internet através das redes sociais virtuais, nas decisões de nossas comunidades, especialmente as rurais, foi objeto de poucos estudos. Isto tornou a pesquisa ainda mais instigante,

visto que o estudo se torna relevante quando pretende compreender o que ainda não está formalizado ou explícito e visa contribuir de forma propositiva com a realidade.

Nesta relação entre meios midiáticos e comunidades, assim como as pautas são influenciadas pelo ambiente onde o veículo de comunicação está inserido, o ambiente também é influenciado pelas informações que recebe. No meio rural a relação com o rádio parece ainda mais próxima estando presente no cotidiano do agricultor, seja na residência, na sala de ordenha, nos galpões, no trator, enfim, em diferentes espaços e atividades diárias da propriedade rural. O acesso à informação e à cidadania muitas vezes se dá pelas informações transmitidas pelas ondas do rádio. Mais uma vez, através desta pesquisa, a popularidade do rádio no meio rural é reafirmada por sua linguagem simples e seu fácil acesso, sendo uma forma de promover o acesso, inclusive, para analfabetos e pessoas com deficiência visual, contexto que contribuiu para que 48% dos entrevistados neste estudo apontasse o rádio como meio de comunicação mais presente em seu cotidiano.

Diante da popularidade do rádio, claramente presente no cotidiano dos agricultores familiares assistidos pela Emater/RS-Ascar, ressalta-se a importância da Instituição aproveitar ainda melhor este meio para se aproximar do público assistido com informações relevantes. A abrangência do rádio, entretanto, ainda é subaproveitada do ponto de vista de seu potencial na emissão de conteúdos educativos e que contribuam com diferenciais na vida dos ouvintes. Assim como está presente na residência, marca espaço nos diferentes locais de trabalho do agricultor e esta oportunidade de levar informação diversificada e qualificada pode ser melhor aproveitada. Presença constante, o rádio promove o acesso à informação e pode ser o motor propulsor para que o receptor seja embasado em suas decisões e qualifique seu conhecimento.

Ainda, percebem-se limitações em relação ao acesso a outras tecnologias de informação e meios de comunicação no meio rural, como jornais e revistas, especialmente em virtude de questões logísticas e falta de entrega em áreas distantes do urbano.

No entanto, a passos largos, parece que uma nova realidade de acesso à informação está em construção. A internet, apesar da indisponibilidade de serviço em alguns pontos, avança via telefonia celular ao passo que 32% dos entrevistados – especialmente jovens e agricultores com Ensino Médio Completo e Ensino Superior – afirmaram ser esta a sua principal fonte de informação, principalmente através de redes sociais, WhatsApp e sites de notícias. Por outro lado, ela apresenta uma vantagem em relação a outros meios, a exemplo do rádio: a forma como permite a interação leva à interatividade entre emissor e receptor da mensagem, interferindo ainda mais em decisões.

Agora não apenas mais se recebe informação “pronta”, é possível também produzi-la a qualquer momento. E é fato que a convergência das mídias também aproxima as demais mídias da internet e vice-versa.

A televisão foi apontada como o principal meio de acesso à informação de 19% do público desta pesquisa. Ao analisar brevemente a programação da televisão aberta ou de outros meios de comunicação de massa, percebe-se que o público rural, muitas vezes, é negligenciado pela grande mídia, diante do limitado espaço reservado para apresentação de suas demandas, necessidades e informações que possam transformar seu cotidiano. Se aproximarmos ainda mais essa lupa na programação voltada ao rural, percebe-se ainda um olhar especial ao agronegócio e certo desinteresse pela agricultura familiar, embora, segundo o Censo Agropecuário de 2006, ela esteja presente na constituição da base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes e responda por 35% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

Os veículos de abrangência regional, entretanto, buscam de certa forma dar uma atenção maior a este segmento, apesar de que pouco se conhece ainda sobre esse público receptor, havendo carência de estudos mais concretos sobre os conteúdos de maior interesse e grau de influência junto aos agricultores familiares da região.

Pela pluralidade do público assistido, a Emater/RS-Ascar encontra nos veículos de comunicação locais importantes aliados em função de seu poder de informar, formar e mobilizar. Até mesmo nas informações do tipo “aviso de utilidade pública”, em que apenas são divulgados os eventos a serem realizados, tem-se a oportunidade de informar sobre outras metodologias utilizadas pela ATER como dias de campo, capacitações e, assim, mobilizar para a participação em eventos, além de também promover o acesso a informações sobre políticas públicas que podem contribuir para a geração de renda e o bem-estar das famílias assistidas, incidindo inclusive, em uma maior motivação para a permanência no meio rural com qualidade de vida.

A Assistência Técnica e Extensão Rural busca inserir-se justamente neste contexto, de aproximação entre extensionistas e agricultores, por meio de diversas estratégias de comunicação, com a intenção de apresentar informações que contribuam para a geração de renda e a qualidade de vida destas famílias.

O acesso à informação através dos meios de comunicação de massa se mostra, por outro lado, apenas como primeiro passo de possíveis adoções de ideias que levam a transformações nas propriedades rurais. O contexto cultural em que o ouvinte está inserido e as relações interpessoais, quer seja com familiares, vizinhos, amigos, pessoas que pertencem a mesma comunidade, quer seja

com profissionais que prestam assistência técnica, ainda é determinante nos próximos passos para a tomada de decisões. A comunicação “anônima” pelo rádio, por exemplo, é de caráter principalmente informativo, entretanto, as decisões, as ações dos ouvintes a partir daquela informação ainda precisam de suporte pessoal, conforme ratificado pelo estudo.

A sensibilização sobre determinados assuntos, reconhecemos que ocorre através dos meios de comunicação, enquanto que a adoção das ideias ainda está muito relacionada às relações interpessoais. Esse contexto se evidencia quando fazemos um simples comparativo de que o rádio foi apontado como o meio em que mais se acessa informação por 48% dos entrevistados, entretanto, quando perguntados sobre como souberam da última política pública que acessaram, 57% afirmaram que foi através de outras formas, que não meios de comunicação, principalmente visitas, eventos e contato direto com equipes municipais da Emater/RS-Ascar. O agricultor ainda estima a presença do técnico no momento da tomada de decisão, em virtude do nível de confiança construído nas relações interpessoais e da segurança de que os resultados atingidos sejam satisfatórios.

Os efeitos da presença dos veículos de comunicação dependem ainda da forma como são produzidos, transmitidos e recebidos os conteúdos, além de estarem relacionados também com as habilidades, conhecimentos e preceitos éticos do emissor e do receptor, especialmente se levarmos em conta o que foi discutido nesta pesquisa em uma perspectiva de Bordenave (1986), que destaca que os efeitos dependem de fatores como a centralidade das crenças e dos valores das pessoas; importância da mensagem para manter ou ferir a ego-imagem da pessoa e para favorecer ou impedir a realização de seus propósitos; compatibilidade ou consonância da mensagem com as crenças e valores prévios; prestígio e credibilidade da fonte da mensagem; relação percebida entre o esforço necessário para aceitar e aplicar a mensagem e a recompensa ou gratificação esperada; empatia que a pessoa sente com o seu interlocutor; maior ou menor flexibilidade mental da pessoa; e a situação particular em que acontece a comunicação.

Portanto, a simples recepção da informação pelo rádio ou da internet não significa que a mesma será aceita ou incorporada, existem diversos fatores que farão com que o indivíduo filtre a sua importância para si. Neste contexto, empresas, entidades, pessoas com diferentes interesses têm buscado estratégias para melhor se comunicar e, assim, atingir seus objetivos.

Sendo assim, vale avançar a partir do presente estudo para entender para além de onde o agricultor busca a informação e discutir os efeitos da comunicação, seja através de veículos midiáticos ou por intermédio das relações presenciais. Mas para que esses avanços sejam possíveis,

foi importante este primeiro momento de coleta de dados e discussão, sendo que poucos estudos em relação a esse tema foram realizados.

Viver em grupo, trocar experiências, facilitam a manifestação da inteligência e a construção da aprendizagem a partir de saberes diferentes, mas compreendidos e respeitados, permitindo assim, a construção de novos saberes. Vale destacar, neste sentido, Mussoi (2011, p. 52) ao mencionar que “o erro do intelectual consiste em crer que ele pode *saber sem compreender* e, sobretudo, *sem sentir*, e se apaixonar, não somente pelo saber, mas pelo objeto do saber, e se comprometer”. É preciso, portanto, superar a aplicação acrítica de métodos.

No fim da segunda década do século XXI já é passada a hora de compreender a sociedade da informação e (re) pensar estratégias de como se aproximar e construir ideias em conjunto com o público que tem a possibilidade de buscar informações a qualquer tempo e em qualquer lugar. Os veículos já não concorrem, mas se aliam, convergem. E com eles devem convergir e aproveitar suas potencialidades aqueles que têm a comunicação como importante estratégia para desenvolver o seu trabalho e transformar vidas, a exemplo das instituições de ATER. Claro, que é preciso levar em conta que os extensionistas atendem às diretrizes de uma Instituição e, esta, precisa atender também, muitas vezes, ao que estabelece sua principal fonte de recursos: o Governo.

Ainda é relevante uma discussão ética sobre as informações veiculadas. Se o conteúdo transmitido pelo rádio e por outros meios de comunicação reforça identidades e influencia discursos e comportamentos também pode contribuir com a construção do imaginário social. Em maior grau, o modelo de desenvolvimento do país está ligado ao imaginário social já apontado por Castoriadis (1982), que apresenta a crítica a esse imaginário que reforça o crescimento sem limites das forças produtivas a fim de ampliar o domínio do homem sobre o próprio homem e sobre a natureza. A informação e a comunicação reforçam o imaginário social sobre o que é verdadeiro e ético, concepções tais que podem soar de formas diferentes aos indivíduos, e que influenciam sobre os rumos de vidas e da história.

As relações interpessoais ainda são primordiais para a definição destes rumos, como discutimos ao longo deste estudo, mas, ao mesmo tempo, não são neutras e apolíticas, reforçando a importância da eticidade.

## REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31-43.
- BACHELARD, Gaston. Devaneio e Rádio. Tradução José Américo Motta Pessanha. In: \_\_\_\_\_. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985. p. 176-182.
- BARBOSA Filho, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. 158 p.
- BECHARA, Miguel. **Extensão Agrícola**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Departamento da Produção Vegetal, 1954.
- BORDENAVE, Juan Díaz. **Comunicação rural: da extensão à participação**. Projeto Tecnologias Alternativas – FASE, I Simpósio sobre Comunicação, Ciência e Cultura, 26-27 de setembro de 1983.
- BORDENAVE, Juan Díaz. **Além dos Meios e Mensagens – Introdução à Comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. 3. ed. Vozes: Petrópolis, 1986. 158 p.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, DF, maio de 2004. Disponível em: <[http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_arquivos\\_64/Pnater.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Pnater.pdf)> Acesso em 30 de maio de 2018.
- BRASIL. **Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010**. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária – PNATER e Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária – PRONATER. Brasília: Diário Oficial da União, jan 2010. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12188.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12188.htm)>. Acesso em 25 de fevereiro de 2018.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 530 p.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Revisão técnica: Luís Roberto Salinas Fortes. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 418 p.
- CASTRO, Jorge Abrahão de; OLIVEIRA, Márcio Gimene de. Políticas públicas e desenvolvimento. In: MADEIRA, Lígia Mori (Org.). **Avaliação de Políticas Públicas**. Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2014. p. 20-48. Acesso em 14 de maio de 2017.
- COTRIN, Décio Souza. O papel dos métodos participativos no processo de participação popular. In: **Métodos de Comunicação e participação nas atividades de extensão rural**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica –

Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 57-66.

EMATER/RS-ASCAR. **Manual Referencial para as Ações Sociais da Emater/RS-Ascar**. Emater/RS-Ascar: Porto Alegre, 2006. 88 p. Disponível em [http://www.emater.tcche.br/site/arquivos/relatorio-institucional/marco\\_referencial\\_outubro\\_2006.pdf](http://www.emater.tcche.br/site/arquivos/relatorio-institucional/marco_referencial_outubro_2006.pdf). Acesso em 30 de setembro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 65 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011>. Acesso em 8 de março de 2018.

KELSEY, L. C.; HEARNE, C. C. **Serviço de extensão cooperativa: cursos de extensão**. Tradução e adaptação de Carlos Evaristo Marques da Costa. United States Department of Agriculture, 1967.

LITTLE, Paul E. Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global. **Tellus**, Campo Grande, ano 2, n. 3, p. 33-52, out. 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Educação e Juventudes no Século XXI**. In: Videoconferência do Seminário Internacional de Educação. Porto Alegre: 02 de junho de 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988. 410 p.

MAZZON, José Afonso; KAMAKURA, Wagner. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2016. 286 p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 46-90.

MUSSOI, Eros Marion. Reflexão sobre uma revisão histórica: modernização da agricultura e organização institucional centralizada e descendente. In: WAGNER, Saionara Araújo (Org.). **Métodos de Comunicação e participação nas atividades de extensão rural**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 25-56.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. 110 p.

PADILHA, Simone. **Manual de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul**. Chapecó: UFFS, 2014. 136 p.

PÖTTER DOS SANTOS, Nádia; GONZALEZ VELA, Hugo Aníbal. Tendências pedagógicas na educação brasileira. In: WAGNER, Saionara Araújo (Org.). **Métodos de Comunicação e**

**participação nas atividades de extensão rural.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 9-16.

REIS, Keila Mara dos. **Entre o público e o rural:** Dos gabinetes de comunicação ao campo da Folkcomunicação. 2015. 236 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, 2015.

ROGERS, Everett Mitchell. *Diffusion off Innovations*. 5. ed. New York: Free Press, 1995. p. 180-191.

RHODEN, Valmor. **Análise de Programa Radiofônico rural na perspectiva do homem do campo.** 2001. 86 p. Dissertação (Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, Santa Maria, 2001.

RUAS, Elma Dias *et al.* **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR.** Belo Horizonte: Emater MG, 2006. 134 p.

RUEDELL, Jacinta. **Paróquia Ascensão do Senhor de Santo Cristo - 75 anos a serviço do povo de Deus.** Primeiro jornal. Santo Cristo: 3S.l, 1997.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 624 p.

SANTOS, Nádia Potter dos; GONZALEZ VELA; Hugo Aníbal. Tendências pedagógicas na educação brasileira. In: WAGNER, Saionara Araújo (Org.). **Métodos de Comunicação e participação nas atividades de extensão rural.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 9 - 16.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** Tradução: Laura Teixeira Motta. Revisão técnica: Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 376 p.

WAGNER, Saionara Araújo (Org.). **Métodos de Comunicação e participação nas atividades de extensão rural.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. 68 p.

## ENTREVISTAS

Q1. **Depoimento de agricultora familiar assistida pela Emater/RS-Ascar.** [31 out. 2018]. Entrevistadora: Deise Anelise Froelich. Tuparendi, 2018. Duração da gravação de áudio: 13'39”.

Q2. **Depoimento de agricultora familiar assistida pela Emater/RS-Ascar.** [29 out. 2018]. Entrevistadora: Deise Anelise Froelich. Santa Rosa, 2018. Duração da gravação de áudio: 21'21”.

**Q3. Depoimento de agricultor familiar assistido pela Emater/RS-Ascar.** [17 nov. 2018].

Entrevistadora: Deise Anelise Froelich.Tuparendi, 17 de novembro de 2018. Duração da gravação de áudio: 10'41”.

**Q4. Depoimento de agricultora familiar assistida pela Emater/RS-Ascar.** [5 dez. 2018].

Entrevistadora: Deise Anelise Froelich. Santa Rosa, 2018. Duração da gravação de áudio: 10'18”.

**Q5. Depoimento de agricultor familiar assistido pela Emater/RS-Ascar.** [16 jan. 2019].

Entrevistadora: Deise Anelise Froelich. Santo Cristo: 16 de janeiro de 2019. Duração da gravação de áudio: 41'50”.

**Q6. Depoimento de jovem agricultor familiar.** Entrevistadora: Deise Anelise Froelich. [23 jan.

2019]. Boa Vista do Buricá, 2019. Duração da gravação de áudio: 24'07”.

## **APÊNDICE A – Modelo de Questionário da Etapa Quantitativa da Pesquisa**

**Universidade Federal Fronteira Sul**

**Meios de Acesso à informação de agricultores familiares assistidos pela  
Emater/RS-Ascar na região Fronteira Noroeste**

**Ano 2018**

### **Introdução**

Estamos trabalhando em um estudo que tem como proposta compreender através de quais meios os agricultores do Noroeste gaúcho acessam a informação. O estudo ajudará a qualificar a forma como a informação chega ao meio rural da nossa região. Gostaríamos de contar com sua colaboração no sentido de responder algumas perguntas que não levarão muito tempo. Suas respostas serão confidenciais.

As opiniões de todos os entrevistados serão aproveitadas e incluídas no estudo, mas os dados individuais nunca serão informados. Pedimos a gentileza que você responda este questionário com a maior sinceridade possível. Não há respostas corretas ou incorretas.

Muito gratos pela sua colaboração.

### **Instruções Gerais**

Utilize uma caneta de tinta azul ou preta para preencher o questionário. Ao fazer isso, pense na forma em que você busca informação em seu dia-a-dia. Não há respostas corretas ou incorretas. Elas apenas refletem sua opinião pessoal, que será respeitada.

Escolha apenas uma opção de resposta para cada pergunta, assinalando um “X” naquela que representa sua realidade.

Leia atentamente as questões e caso houver dúvidas, solicite orientação ao aplicador deste questionário, extensionista da Emater/RS-Ascar que lhe convidou para respondê-lo.

### ***Confidencialidade***

Suas respostas serão anônimas e absolutamente confidenciais, sendo que em nenhum momento foi solicitada a inclusão de seu nome no questionário.

**Questionário sobre acesso à informação no Meio Rural**

1. Qual sua idade? \_\_\_\_\_

2. Município em que reside: \_\_\_\_\_.

3. Qual seu grau de escolaridade?

( ) Ensino Fundamental Incompleto

( ) Ensino Fundamental

( ) Ensino Médio Completo

( ) Ensino Superior

4. Qual seu gênero?

( ) Feminino

( ) Masculino

( ) \_\_\_\_\_

5. Principal atividade que desenvolve na propriedade:

---

6. Qual a renda mensal aproximada de sua família?

( ) Até R\$ 854

( ) De R\$ 855 até R\$ 1.113

( ) De R\$ 1.114 até R\$ 1.484

( ) De R\$ 1.485 até R\$ 2.674

( ) De R\$ 2.675 até R\$ 4.681

( ) De R\$ 4.682 até R\$ 9.897

( ) De R\$ 9898 a R\$ 17.434

( ) Outro \_\_\_\_\_.

7. Quantos integrantes tem sua família? \_\_\_\_\_.

8. Qual a distância, em quilômetros, do local em que reside até o perímetro

urbano? \_\_\_\_\_.

9. Em qual veículo de comunicação você mais obtém informações?

- Jornal  
 Rádio  
 TV  
 Internet: A  Rede Social. B  WhatsApp. C.  Site

10. Com qual frequência e em qual horário você acessa informação por meio deste veículo?

\_\_\_\_\_.

11. Qual foi a última política pública que você acessou ou se beneficiou?

- Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar  
 Programa Estadual de Agroindústria Familiar  
 Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimento Rurais- Feaper  
 Programa de Extensão Cooperativa – Pec  
 Programa Estadual de Irrigação  
 Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf  
 Rio Grande Agroecológico - Plano Estadual de Agroecologia e de Produção Orgânica  
 Programa de Desenvolvimento da Infraestrutura Rural – Açudagem  
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_.

12. Como você soube desta política pública?

- Jornal  
 Rádio  
 TV  
 Vizinhos  
 Evento. Qual? \_\_\_\_\_  
 Outros. Qual? \_\_\_\_\_  
 Internet: A.  Rede Social. B.  WhatsApp C.  Site

**Gratos pela sua contribuição.**

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada da etapa qualitativa da pesquisa

**Método:** Entrevista aberta e semiestruturada

**Público:** Pessoas que pertencem ao grupo que acessa informação pelo meio de comunicação mais citado pelos entrevistados nos questionários quantitativos.

Roteiro

Data: \_\_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Entrevistadora: \_\_\_\_\_

Entrevistado (a): \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_. Gênero: \_\_\_\_\_ Renda mensal familiar: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_.

### Introdução

Descrição geral sobre o tema e os objetivos do projeto.

### Características da entrevista

Será reiterada a confidencialidade do entrevistado e destacada a duração aproximada de 20 minutos.

### Perguntas orientadoras a serem adaptadas durante o processo

- Quando quer obter uma informação técnica, como faz?
- Por que o rádio é o meio que você mais acessa informação?
- Qual emissora de rádio (ou canal de TV, jornal ou site, dependendo da resposta) que você mais ouve para obter informações sobre suas atividades na propriedade rural?
- Em quais horários? Com qual frequência?
- Quais os programas em que você busca informação? Os programas da Emater também são levados em conta?
- Algum benefício prático já foi adotado na propriedade a partir das orientações apresentadas no programa de rádio? (Caso a resposta for sim: Qual?; Caso a resposta for não: Por que? Se alguma pessoa da Emater falar pessoalmente contigo, é diferente? – medir importância relações interpessoais).

- Informações recebidas pelo rádio já interferiram em alguma decisão? Qual?
- Qual a última vez que você buscou ou adotou uma tecnologia ou participou de uma política pública? Qual e onde você buscou informações sobre ela?
- Que tipo de informação mais lhe interessa? Por que?
- De que forma você acredita que a Emater pode qualificar sua comunicação?

**Considerações finais**

Agradecimento e destaque para a confidencialidade, com assinatura do termo de consentimento.

**APENDICE C – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**ACESSO À INFORMAÇÃO POR AGRICULTORES ASSISTIDOS PELA EMATER/RS-ASCAR E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÕES**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa sobre “Acesso à informação por agricultores assistidos pela Emater/RS-Ascar e sua influência na tomada de decisões”, desenvolvida por Deise Anelise Froelich, discente do curso de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Cerro Largo, sob orientação do Professor Lívio Arenhardt.

O objetivo central do estudo é compreender através de quais meios os agricultores familiares, assistidos pela Emater/RS-Ascar na Fronteira Noroeste do RS, acessam informações que influenciam em suas decisões nas propriedades rurais.

O convite a sua participação se deve ao fato de que acreditamos que sua experiência no meio rural e como assistido da Emater/RS-Ascar contribuam para atender aos anseios deste estudo, que busca também apresentar resultados que possam embasar melhorias na forma como a informação chega até as propriedades rurais.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. Sua identificação ao longo do trabalho será realizada por meio de códigos, garantindo o anonimato, caso assim for de seu desejo. Já se deseja que seu nome seja apresentado ao longo do trabalho, podemos atender a sua solicitação.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto.

Tempo de duração da entrevista

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora.

2 de 3

### Gravação da entrevista

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação       Não autorizo gravação

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

### Dos benefícios diretos (individuais ou coletivos) aos participantes da pesquisa

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir para a compreensão sobre a influência do seu principal meio de acesso à informação nas decisões em sua propriedade e, assim, levar informações sobre o tema a entidades e órgãos públicos que aproveitam estes veículos de comunicação para que possam qualificar a forma como se comunicam com sua família e com sua comunidade, apresentando informações de seu interesse, que qualificam a vida no meio rural, como métodos, tecnologias e políticas públicas que podem ser acessadas.

### Previsão de riscos ou desconfortos (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item IV.3 b)

A participação na pesquisa poderá causar riscos de constrangimento durante a entrevista e de quebra de sigilo de informações. Entretanto, busca-se prevenir e minimizar estes riscos com sua liberdade em informar quando alguma pergunta lhe deixar constrangido ou desconfortável, ao mesmo tempo, que você tem a escolha em respondê-la ou não. Se houver alguma dúvida sobre sua participação na pesquisa, você pode saná-la a qualquer momento durante a entrevista. Para evitar a quebra de sigilo de informações, as gravações de áudio ficarão arquivadas exclusivamente no computador da pesquisadora.

### Sobre divulgação dos resultados da pesquisa (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item XI.2 .h)

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

### Sobre a Via do TCLE entregue ao participante da pesquisa (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item IV.3.f)

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

(Preencher com o local e data)

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: ( 55) 9 9973-0491

e-mail: deisefroelich1@gmail.com

Endereço para correspondência:

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Rua Jacob Reinaldo Haupenthal, 1580, Cerro Largo, CEP 97900-000

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE D - Programas produzidos pelos Escritórios Municipais da Emater/RS-Ascar -  
Regional Santa Rosa**

| <b>Município</b>        | <b>Região /<br/>Corede</b> | <b>Emissora</b>                             | <b>Duração/ formato</b>                           | <b>Dia da<br/>Semana</b> | <b>Horário</b> |
|-------------------------|----------------------------|---|---|--------------------------|----------------|
| Alegria                 | Fronteira<br>Noroeste      | Rádio Alegria                               | 30 minutos, ao vivo                               | Segunda-<br>feira        | 12h            |
| Cerro Largo             | Missões                    | Rádio Cerro<br>Azul                         | 15 minutos, ao vivo<br>e às vezes gravado         | Segunda-<br>feira        | 11h35          |
| Cerro Largo             | Missões                    | - Rádio<br>Caibaté                          | 15 minutos, gravado                               | Quinta-<br>feira         | 12h30          |
| Guarani das<br>Missões  | Missões                    | Aliança FM                                  | 15 minutos, ao vivo                               | Segunda-<br>feira        | 11h45          |
| Guarani das<br>Missões  | Missões                    | Guaramano<br>AM                             | 15 minutos, ao vivo                               | Sexta-feira              | 11h30          |
| Roque<br>Gonzales       | Missões                    | Rádio Mirante<br>FM                         | 15 minutos, ao vivo<br>(eventualmente<br>gravado) | Segunda-<br>feira        | 9h             |
| Roque<br>Gonzales       | Missões                    | Rádio<br>Missioneira<br>AM                  | 5 minutos, ao vivo<br>(eventualmente<br>gravado)  | Segunda-<br>feira        | 11h25          |
| Salvador das<br>Missões | Missões                    | Rádio<br>Comunitária<br>Salvador FM<br>98.7 | 10 minutos  | Quinta-<br>feira         | 11h50          |
| Santo Ângelo            | Missões                    | Rádio Santo<br>Ângelo                       | 18 minutos, gravado                               | Domingo                  | 7h10           |
| Santo Cristo            | Fronteira<br>Noroeste      | Regional AM                                 | 15 minutos, ao vivo                               | Segunda-<br>feira        | 11h30          |

|                           |                    |                    |   |               |          |
|---------------------------|--------------------|--------------------|---|---------------|----------|
| Tuparendi                 | Fronteira Noroeste | Rádio Mauá Fm      | 15 minutos, geralmente Gravado            | Sexta-feira   | 12h50    |
| Ubiretama                 | Missões            | Guaramano AM       | 15 minutos                                | Quarta-feira  | 11h45    |
| Caibaté                   | Missões            | Rádio Caibaté      | 15 minutos, ao vivo e, por vezes, gravado | Quinta-feira  | 12h15    |
| Nova Candelária           | Fronteira Noroeste | Rádio Metrópole AM | 6 minutos, ao vivo                        | Segunda-feira | 13h25    |
| Alecrim                   | Fronteira Noroeste | Rádio Navegantes   | 10 minutos, gravado                       | Terça-feira   | 13h30min |
| Horizontina               | Fronteira Noroeste | Rádio Vera Cruz AM | 5 minutos, gravado                        | Quarta-feira  | 13h05    |
| Dezesseis de Novembro     | Missões            | Rádio Vertente     | 15 minutos, ao vivo                       | Segunda-feira | 11h30    |
| Boa Vista do Buricá       | Fronteira Noroeste | Rádio Boa Nova FM  | 15 minutos, ao vivo                       | Quinta-feira  | 11h15    |
| Santo Antônio das Missões | Missões            | Rádio 89.1 FM      | 20 minutos, gravado                       | Terça-feira   | 13h      |
| Sete de Setembro          | Missões            | Guaramano AM       | 15 minutos, ao vivo                       | Quinta-feira  | 11h30    |

Fonte: Assessoria de Imprensa Emater/RS-Ascar, Regional Santa Rosa, 2018